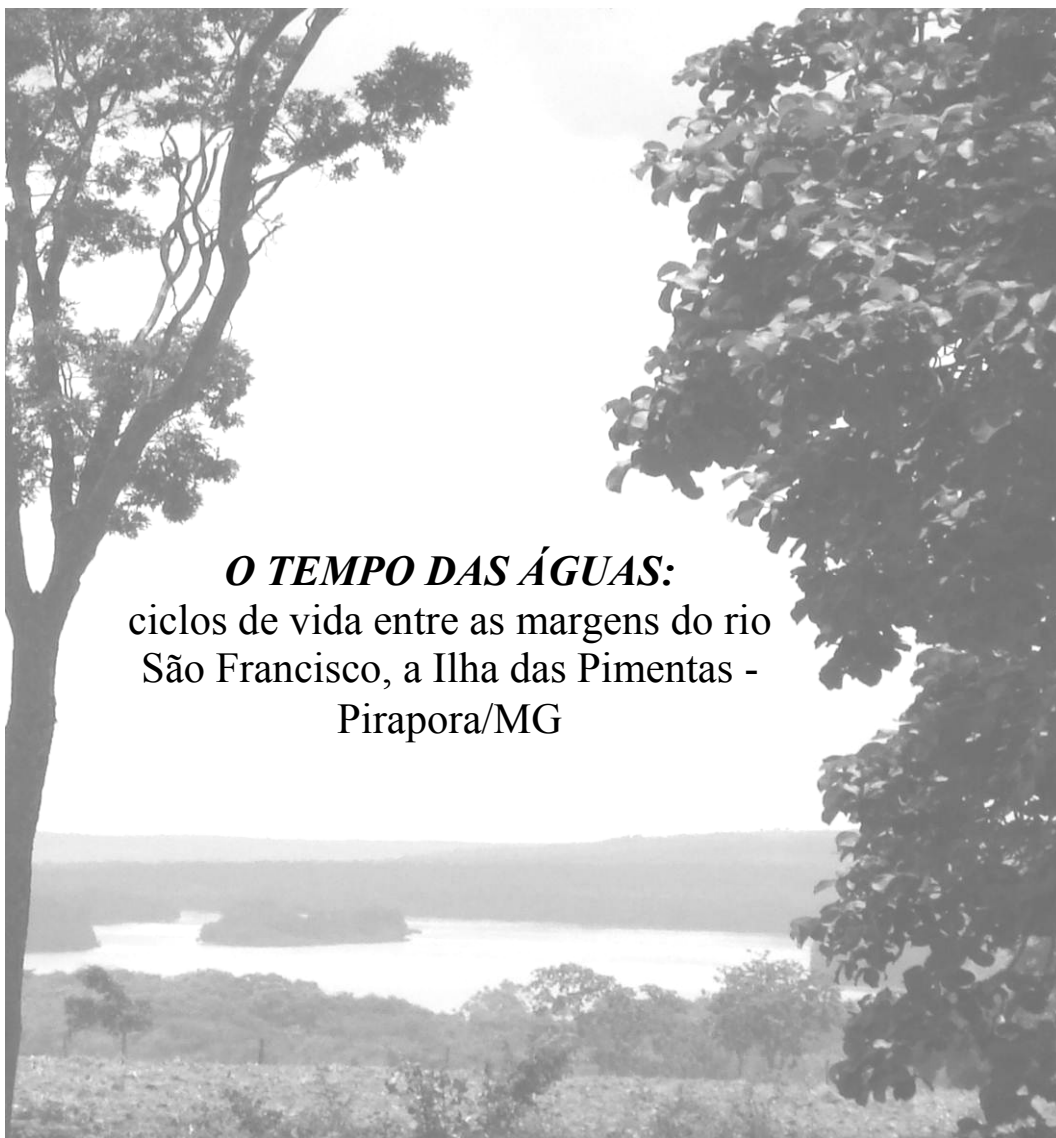


**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE GEOGRAFIA**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO GEOGRAFIA E GESTÃO DO TERRITÓRIO**



O TEMPO DAS ÁGUAS:
ciclos de vida entre as margens do rio
São Francisco, a Ilha das Pimentas -
Pirapora/MG

ANGELA FAGNA GOMES DE SOUZA

Uberlândia/MG

2011

ANGELA FAGNA GOMES DE SOUZA

O TEMPO DAS ÁGUAS:
ciclos de vida entre as margens do rio São Francisco,
a Ilha das Pimentas - Pirapora/MG

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito à obtenção do título de Mestre em Geografia.

Área de concentração: Geografia e Gestão do Território

Orientador: Prof. Dr. Carlos Rodrigues Brandão

Uberlândia/MG
INSTITUTO DE GEOGRAFIA
2011

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

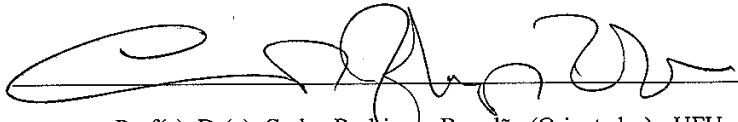
- S729t Souza, Angela Fagna Gomes de, 1984-
O tempo das águas [manuscrito]: ciclos de vida entre as margens do rio São Francisco, a Ilha das Pimentas - Pirapora/MG / Angela Fagna Gomes de Souza. - 2011.
182 f.: il.
- Orientador: Carlos Rodrigues Brandão.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Geografia.
Inclui bibliografia.
1. Geografia regional – Pirapora (MG) - Teses. 2. São Francisco, Rio - Cultura popular - Pirapora (MG) - Teses. 3. Pirapora (MG) - Usos e costumes – Teses. I. Brandão, Carlos Rodrigues. II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Geografia. III. Título.

CDU: 913(815.1)

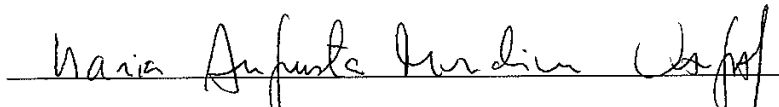
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
Programa de Pós-Graduação em Geografia

ANGELA FAGNA GOMES DE SOUZA

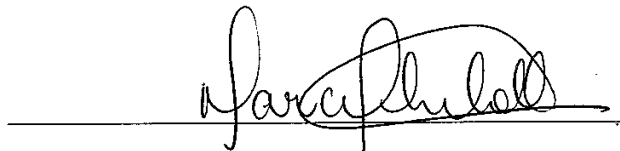
O TEMPO DAS ÁGUAS: ciclos de vida entre as margens do Rio São Francisco, a Ilha das
Pimentas – Pirapora/MG



Prof(a). Dr(a). Carlos Rodrigues Brandão (Orientador) - UFU



Prof(a) Dr(a). Maria Augusta Mundim Vargas - Univ. Fed. Sergipe



Prof(a). Dr(a). Marcelo Cervo Chelotti - UFU

Data: 02 / 02 de 2011

Resultado: Aprovado em Distinção

Dedico este trabalho as pessoas do rio São Francisco, em especial as da Ilha das Pimentas, homens e mulheres com quem aprendi que a vida segue assim como o correr das águas, límpida, silenciosa e sem ponto de parada.

CARTA DE AGRADECIMENTOS

Olhar para trás após uma longa caminhada pode fazer perder a noção da distância que percorremos, mas se nos detivermos em nossa imagem, quando a iniciamos e ao término, certamente nos lembraremos o quanto nos custou chegar até o ponto final, e hoje temos a impressão de que tudo começou ontem. Não somos os mesmos, mas sabemos mais uns dos outros. E é por esse motivo que dizer adeus se torna complicado! Digamos então que nada se perderá. Pelo menos dentro da gente...
João Guimarães Rosa.

Esta é uma carta de agradecimentos a todos que fizeram e ainda fazem parte deste caminhar, gente companheira e amiga que vem ao longo de todos estes anos me apoiando e me fazendo seguir em frente. A construção deste trabalho aconteceu muito antes dele iniciar de fato e foi graças ao apoio “dos meus” e de muitos outros que encontrei durante estes dois últimos anos, que finalizo mais uma etapa desta minha trajetória acadêmica sempre em curso.

Quando ainda criança, vivia em uma modesta casa de campo em Grão Mogol, vale do Jequitinhonha. Andava a pé cerca de duas horas, tendo a rara oportunidade de ir todos os dias à escola, coisa pela qual pai e mãe sempre prezaram e que foi com certeza o maior incentivo que tive em toda a minha vida. Deste tempo ficam os meus sinceros agradecimentos aos meus pais, Ilza e Geraldo, minha querida irmãzinha Mara e todos os meus amigos do tempo da escola primária: Carla, Mônica, Denívia, Diviane e muitos outros.

De lá passei a viver a vida da cidade. Apesar de longe dos meus pais prossegui porque acreditava nas palavras de minha mãe que sempre dizia “você tem que estudar, sem estudo não somos nada”. Segui este ensinamento e aos quatorze anos já estava morando em Bocaiúva. Lá encontrei pessoas muito especiais, Eurídice, Adoniram e Victória, uma segunda família que me acolheu e que guardo um profundo carinho. Tive ainda belas e alegres amizades: Aliny, minha irmãzinha do coração, Juscelino companheiro de todas as horas, Olívia a dedicada e estudiosa e muitos outros. Com eles aprendi a sonhar e a almejar grandes conquistas.

Aos dezenove anos um mundo de descobertas aparece em minha frente, entro na faculdade e me mudo para Pirapora. Vivi um tempo de muitas alegrias e aprendizado. Conheci pessoas maravilhas, que carregarei sempre em meu coração. Ivo das Chagas, fundador do campus Pirapora, se não fosse pelo seu empenho talvez eu não tivesse a chance de ter me formado em Geografia e descoberto um outro cerrado a partir de seus ensinamentos. Lembro de dos professores e amigos em especial: Priscila, Janete, Maurílio, Hernando, Edna, Gildete, Márcia, Marcos, Ana Thé e muitos outros. De forma muito particular agradeço a Andréa e

Graça duas pessoas maravilhosas que abriram as portas de suas casas e compartilharam comigo ensinamentos e me incentivaram e continuam me incentivando a seguir sempre em frente. Sei que posso contar com vocês sempre, independente das “águas e veredas” que passamos e das “travessias” que fazamos. Muitos foram os amigos que conquistei durante o tempo de faculdade e que seguem presentes em meu coração: Suzana, Nadson, Rosana, Geraldo, Elaine, Wallace, Márcio, Elicardo, Antônio, Júlio e muitos outros. Ficam as lembranças de um tempo bom e de muitas histórias para contar. A vida de república, as festas, as reuniões de trabalho, as brigas, a monografia enfim, uma experiência única.

Durante o período da faculdade outras portas se abriram. Comecei a fazer parte de um grupo de pesquisa integrado que tinha como objetivo estudos sobre comunidades ribeirinhas do rio São Francisco, o Tempos e Espaços e, mais tarde, o Opará. Foi participando destes projetos que passei a conviver com pessoas muito especiais para o meu amadurecimento acadêmico e que me fizeram seguir em frente. Destaco aqui pessoas como Carlos Rodrigues Brandão, este carioca de nascimento, mas mineiro de coração, com quem aprendi por meio da sua simplicidade e serenidade que o rio São Francisco é maior do que se imagina e que o sertão corre em volta. Ainda em Pirapora convivi com pessoas muito especiais como: Antônia, Vera, Cida, Sandra e Paola.

Neste mesmo tempo, conheci uma das pessoas mais importante da minha vida e que tenho profundo amor e admiração. Hoje meu esposo e companheiro de todas as horas. Rodrigo você sempre estará comigo, te amo sempre e cada vez mais. Obrigado por fazer parte da minha vida, de me apoiar em todas as horas e ser compreensivo em minhas ausências. Agradeço ainda a Sônia, Vespaziano, Renilson, Célia, Renívia, João e meus “sobrinhos” Marília, João Harley e André por compartilharem comigo momentos de muita alegria.

Em mais uma etapa, chego a outros espaços, agora em Uberlândia e na UFU, um sonho começa a ser realizado. Foi em Uberlândia que conheci professores como Vera Salazar, Vânia Vlach, Rosselvelt, João Cleps, Samuel e em especial Marcelo Chelotti e Joelma Cristina que contribuíram imensamente examinando meu relatório de qualificação, todos serão meus eternos mestres. Além disso, os colegas de Pós-Graduação: Luana, Braconaro, Francisco, Renata, Geraldo, Graça, Alessandra e muitos outros com quem compartilhamos bons e angustiosos momentos. No Instituto de Geografia as secretárias Dilza e Cynara sempre foram pessoas prestativas e dedicadas em tudo que precisei. Conheci ainda pessoas que sempre me acolherem de braços abertos todas as vezes que estive em Uberlândia: Juliana Pena, Fernanda Amaro e Tatiana sempre presentes em nossas “reuniões”.

Neste tempo, passei ainda por mudanças que me fizeram estar em um outro espaço. Agora, morando em Aracajú descobri pessoas maravilhosas que me acolheram de braços abertos e me fizeram sentir uma verdadeira “nordestina”. Estou falando de pessoas como Solimar, Rodrigo, Benizário, Aucéa, Roseane, Ronilse, Isabella e muitos outros que fazem parte do grupo de estudos Sociedade e Cultura da UFS. Este tem sido o meu porto seguro, onde partilhamos as mesmas experiências e incertezas de uma vida de estudante. Agradeço de forma muito especial à professora Maria Augusta, esta mineira de nascimento, mas de coração sergipano, sempre radiante e disposta a estender sua mão amiga. Seu apoio tem contribuído muito para o desenvolvimento tanto da minha pesquisa como de meu ciclo de amizades. Com o seu empenho tenho aprendido muito participando do projeto Prócultura. Lembro ainda do auxílio da professora Maria Geralda, que mesmo em Goiás está sempre nos motivando a seguir com nossos trabalhos em Sergipe. Também em Aracajú conheci amigos como Mariana, André, Marcelo, Vera e Roberta que partilham as mesmas experiências de um viver em novos espaços.

No fim desta trajetória não posso deixar de agradecer a CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior pelo auxílio financeiro durante a realização do mestrado, recurso essencial para ter concluído com êxito mais esta etapa.

Agradeço de forma especial às pessoas que contribuíram com o desenrolar desta dissertação. A Elisa Cotta que cedeu todo o seu material fotográfico e de entrevistas da Ilha das Pimentas. Ao amigo e prestativo Wallace pela confecção dos mapas. Aos professores Marcelo Chelotti e Joelma Cristina pelas contribuições no exame de qualificação. Aos amigos de todas as horas, verdadeiros irmãos de alma: Geraldo, Maristela, Joyce e Alessandra que acompanharam de perto todas as etapas de desenvolvimento do trabalho e tiveram a paciência de ler, opinar e dar relevantes contribuições. E, de forma especial, ao amigo e orientador Carlos Rodrigues Brandão pelo apoio, incentivo e ensinamentos que levarei por toda a vida. Os meus sinceros agradecimentos. Estivemos junt@s! Estejamos sempre junt@s!

Além de todos estes, esta pesquisa não seria realizada se não fosse à ajuda de todos os moradores da Ilha das Pimentas. Com eles aprendi mais do que pesquisei. São pessoas especiais e prestativas que me atravessaram de barco, me acolheram em suas casas, me guiaram pelos caminhos que tinha que percorrer e, acima de tudo, partilharam comigo um pouco de suas experiências e saberes. Durante todo este tempo da pesquisa vivi momentos de muito aprendizado e alegria.

Agradeço de forma carinhosa a todos que de alguma forma tornou possível à conclusão de mais esta etapa. Se não fosse o apoio de todos vocês jamais teria chegado até aqui.

Muito obrigada!

Vivendo, se aprende; mas o que se aprende, mais, é só a fazer outras maiores perguntas.

João Guimarães Rosa, 1976, p. 312.

RESUMO

A elaboração deste trabalho parte da perspectiva de uma pesquisa interativa, caminhando entre a Geografia e a Antropologia. Esta proposta é decorrente da necessidade de abarcar novas visões, lançando um olhar curioso, penetrante, aberto a significados diferentes, articulando saberes e pessoas, informações e lugares. Como referência empírica o *'locus'* de investigação compreendeu a Ilha das Pimentas, localizada no rio São Francisco, nas proximidades do município de Pirapora-MG. Durante as pesquisas de campo o comportamento e memória dos moradores da ilha foram marcados pela interatividade entre o investigador e o investigado, observando o outro no seu lugar de vivência. Busquei analisar os saberes dos moradores da Ilha das Pimentas, tendo como objetivo principal compreender a identidade, os modos de vida e trabalho das pessoas que vivem e trabalham na ilha. Convivendo na simplicidade do cotidiano, nos seus pequenos lotes, os moradores fazem deste território um verdadeiro mosaico de cultura, com significados múltiplos que se traduz em uma dinâmica da vida em comunidade. A experiência dos moradores da ilha é singular, marcada por um profundo conhecimento das regras da natureza e um sentimento de afetividade destas pessoas com o rio São Francisco, suas águas e a ilha, seu lugar de acolhida.

Palavras-chave: Rio São Francisco. Ilha das Pimentas. Comunidade tradicional. Identidade. Modos de vida.

ABSTRACT

An interactive research is the perspective that guided that work, walking between geography and anthropology. That proposal becomes from the need of other views, launching a curious, penetrating glance, opened to different meanings, linking knowledge and people, places and information. As empirical reference the investigation “locus” is the Pimentas Island located in São Francisco river, in Pirapora-MG proximities. Along the researches the behavior and memory of the people who lived in the island were marked by interaction between investigator and investigated, watching the other in their own living place. I looked for analyze the knowledge of the Pimentas Island residents, searching as main objective to understand and identity, ways of life and work of these people who works and lives on the island. Living in the simplicity of everyday life in their small lots, the residents transform this place in a mosaic of culture, with multiple meanings that can be translated in a dynamic community life. Their experience is unique, marked by a deep knowledge about the nature rules and a feeling of affection of these people, the São Francisco river, its waters and the island, their welcome place.

Key words: São Francisco river. Pimentas Island. Traditional Community. Identity. ways of life.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

LISTA DE FIGURAS E FOTOS

FIGURA 1 -	Países insulares no mundo	67
FIGURA 2 -	O mundo em forma de ilhas	69
FIGURA 3 -	Imagem da Groenlândia – NASA	71
FOTO 1 -	Ilha de Marajó (PA)	73
FOTO 2 -	Ilha e margens do rio São Francisco em Pirapora/MG	95
FIGURA 4 -	Rostos e gestos encontrados na Ilha das Pimentas	106
FIGURA 5 -	Representação da Ilha das Pimentas	111
FIGURA 6 -	Vida e trabalho na Ilha das Pimentas	115
FIGURA 7 -	Alguns dos produtos plantados na Ilha das Pimentas	116
FOTO 3 -	Morador da Ilha das Pimentas em seu plantio de abóbora	122
FIGURA 8 -	Algumas variedades de frutas encontradas na Ilha das Pimentas	123
FOTO 4 -	Fim da procissão de barcos e caminhada em direção a capela	142
FOTO 5 -	Missa realizada no dia 12/10/09	145
FOTO 6 -	Confraternização em frente à capela	145
FOTO 7 -	Conversa com o senhor Coló	149
FOTO 8 -	Foto tirada do jornal “A semana”	150
FOTO 9 -	Para onde levaria este barco?	154
FOTO 10 -	O aprender com o outro	154

LISTA DE MAPAS

MAPA 1 -	Mapa de localização da Ilha das Pimentas no contexto regional	37
MAPA 2 -	Modelo Digital de Elevação da Ilha das Pimentas	182

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 -	Olhares sobre a pesquisa de campo	33
QUADRO 2 -	Usos e ocupações dos espaços das ilhas	55
QUADRO 3 -	Os círculos do “ser”	59
QUADRO 4 -	Hidrelétricas do rio São Francisco	86

QUADRO 5 - O viver no entorno do rio São Francisco: o ontem e o hoje	103
QUADRO 6 - Atividades desenvolvidas na ilha de acordo com os meses do ano	118
QUADRO 7 - Tipologia das casas dos moradores da Ilha das Pimentas	126

LISTA DE ESQUEMAS

ESQUEMA 1 - Esquema de desenvolvimento da pesquisa, segundo Malinowski	42
ESQUEMA 2 - Categorias do trabalho	124

LISTA DE FLUXOGRAMAS

FLUXOGRAMA 1 - Categorias de uso da terra nas ilhas	58
FLUXOGRAMA 2 - Representação das Comunidades Tradicionais	63
FLUXOGRAMA 3 - O lugar da vida e do trabalho	102
FLUXOGRAMA 4 - As estações do ano e as respectivas formas de plantio	120

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEMIG - Companhia Energética de Minas Gerais.

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa.

CF - Constituição Federal.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

ICMBio - Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade.

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

MI - Ministério da Integração Nacional.

NUPAUB - Núcleo de Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas do Brasil.

PPGDS - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social.

UHE - Usina Hidrelétrica.

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
<i>PRIMEIRA PARTE - CAMINHOS E MOMENTOS DA PESQUISA</i>	20
1 O AQUI: uma leitura geoantropológica	21
1.1 Os momentos da pesquisa antropológica: o lá, o aqui/lá, o chegar lá, o estar lá, o voltar de lá, o eu aqui	22
1.1.1 O lá: <i>o imaginado</i>	23
1.1.2 O aqui/lá: <i>falando dos de lá</i>	24
1.1.3 O chegar lá: <i>o primeiro olhar</i>	24
1.1.4 O estar lá: <i>o vivido, sentido e colhido</i>	26
1.1.5 O voltar de lá: <i>as experiências</i>	27
1.1.6 O eu aqui: <i>as contribuições e reflexões</i>	28
1.2 Os caminhos da pesquisa geográfica: viver um tempo, estudar um espaço e pensar as gentes no/do lugar	28
1.2.1 O tempo: a construção da pesquisa	31
1.2.2 O espaço: o cenário da pesquisa	36
1.2.3 As gentes: os sujeitos da pesquisa	38
1.3 Saberes dinâmicos: uma proposta de pesquisa interativa na Geografia	39
2 SEGUIR, EXISTIR, RESISTIR: viver uma cultura e ser uma comunidade tradicional	47
2.1 Viver uma cultura	47
2.2 Ser uma comunidade tradicional	51
2.3 O conceito de comunidade e seus espaços	52
2.4 As relações sociais em comunidade: práticas, éticas e lógicas	56
2.4.1 As práticas do fazer	57
2.4.2 As éticas do agir	59
2.4.3 Lógicas diferenciadas do pensar	61
3 O PENSADO E O VIVIDO: formas de ver e escrever sobre ilhas	66
3.1 Terras emergentes: pequenas ou grandiosas, naturais ou artificiais, admiradas ou exploradas?	68
3.2 As ilhas brasileiras: pontilhados que se definem do litoral ao interior	72
3.3 O pensado: as formas de ocupação das ilhas fluviais	75
3.4 Nesografia: estudos das ilhas fluviais sanfranciscanas	77
3.5 A legislação: as garantias de proteção	83
3.6 A paisagem do rio São Francisco: apropriação política e seus contrastes	85
3.7 O vivido: territórios de pertencimento e de reprodução da vida	88
3.8 Os ciclos da natureza: a mobilidade das fronteiras	94

SEGUNDA PARTE - O ONTEM E O HOJE: O VIVER E O HABITAR UMA ILHA DO RIO SÃO FRANCISCO	99
4 ILHA DE MÚLTIPLAS PRESENÇAS: os novos arranjos sociais	100
4.1 Os deslocamentos: novos lugares de vida	100
4.1.1 O ontem: lembranças do passado entre terras e águas	104
4.2 Gente que vive no/do rio São Francisco	106
4.2.1 O chegar e o partir: as perdas e reconquistas	108
4.3 O hoje: o viver na Ilha das Pimentas	110
4.3.1 O uso e ocupação dos espaços	113
4.3.2 O saber fazer em um território de vida	114
4.4 A vida do trabalho: o saber plantar	115
4.4.1 A vida: conhecimento dos ciclos da natureza	119
4.4.2 O trabalho: o valor de uso do território	121
4.5 A geografia das casas	125
4.6 Temporalidades e lógicas sociais: família, parentes e compadres	133
4.6.1 A organização da família nuclear	133
4.6.2 As redes de parentesco	135
4.6.3 A prática do compadrio e da solidariedade	136
4.7 O tempo de celebrar: encontros, festas e mitos	137
4.7.1 Os encontros de fim de semana, feriados e férias	138
4.7.2 As festas e reuniões	141
4.7.3 A simbologia dos mitos	144
5 LEMBRANÇAS DE UM VIVER ENTRE AS ÁGUAS: memórias e imagens	147
5.1 A memória de quem já se foi	147
5.2 As margens ocultas de um rio	151
5.3 Mosaico: combinação de imagens e falas	155
5.3.1 O caminho pelas imagens	155
5.3.2 A fala pelas imagens	161
CONSIDERAÇÕES FINAIS	165
REFERÊNCIAS	169
APÊNDICE	178
ANEXOS	180

INTRODUÇÃO

Quando escrevo, repito o que já vivi antes. E para estas duas vidas, um léxico apenas não me é suficiente. Em outras palavras: gostaria de ser um crocodilo vivendo no rio São Francisco. O crocodilo vem ao mundo como um magister da metafísica, pois para ele cada rio é um oceano, um mar da sabedoria, mesmo que chegue a ter cem anos de idade. Gostaria de ser um crocodilo, porque amo os grandes rios, pois são profundos como a alma do homem. Na superfície são muito vivazes e claros, mas nas profundezas são tranquilos e escuros como os sofrimentos dos homens. Amo ainda mais uma coisa de nossos grandes rios: sua eternidade. Sim, rio é uma palavra mágica para conjugar eternidade. João Guimarães Rosa.

Através das palavras de Guimarães Rosa começo relatando onde e como estou desenvolvendo o trabalho de pesquisa, porém, comento primeiramente os motivos que me fizeram escolher tal estudo.

Como pesquisadores observamos sempre a paisagem, como se buscássemos nela apreender ou decifrar suas formas, conteúdos e representações, seja como espaços da natureza, seja como lugares da cultura. Lançamos um olhar cuidadoso aos diferentes significados que ela nos propõe, procurando articular cenários e cenas, saberes e pessoas, informações e imaginários. Através desta leitura percebemos as distintas formas de construção e reconstrução dos espaços, entrelaçando fios que se unem formando tramas; redes que se desdobram sob cenários de vida e de trabalho, com saberes tradicionais únicos. Neste caso, meu olhar atento volta-se a um território peculiar e ainda pouco desvendado em outros estudos: uma ilha fluvial presente no extenso e caudaloso rio São Francisco.

A partir da percepção deste tipo específico de paisagem do rio São Francisco, decidi desenvolver uma pesquisa procurando desvendar as especificidades da Ilha das Pimentas, localizada nas proximidades das cidades de Pirapora e Buritizeiro, Norte de Minas Gerais.

De modo geral, a Ilha das Pimentas é uma pequena extensão de terra, habitada por pessoas que vivem basicamente da agricultura e da prática da pesca artesanal. A ilha é circundada pelo rio São Francisco, e nela todos os moradores mantêm os laços de vida afetiva e social. Sua ocupação, segundo informações dos moradores, data da década de 1960 sendo realizada por famílias de agricultores oriundas das fazendas da região que passaram a ocupar e socializar, através de seu trabalho, o espaço para plantio e posteriormente para moradia.

Durante as pesquisas de campo realizadas na Ilha das Pimentas observei peculiaridades quanto ao modo de vida de seus habitantes, permitindo diversificar, ver outros horizontes e interpretar outras formas de registrar a cultura tradicional circundante do rio.

Identifiquei neste território moradores que buscaram adequar-se a um outro modo de vida, com características peculiares, de um viver entre-águas. Por este motivo entendo ser fundamental pesquisar algumas formas de manifestações da cultura tradicional vivenciada por estes sujeitos, como eles interagem com o ambiente, como se organizam socialmente e como produzem e reproduzem uma vida material e imaterial nesses espaços do rio.

O estudo justifica-se tanto no que tange a interpretação destes homens e mulheres que vivem em ilhas, como também contribui para os registros dos seus modos de vida e de suas formas peculiares de apropriação da natureza. Visto que o rio São Francisco está em processo de inventário para registro como paisagem cultural pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, o desenvolvimento desta pesquisa viabilizará um levanto minucioso da cultura dos povos viventes “do rio”, retratando como esta população realmente compõe o cenário cultural Sanfranciscano.

Alguns aspectos característicos do comportamento tradicional são visíveis entre os pequenos agricultores moradores da Ilha das Pimentas, o que nos instiga a uma série de indagações, como por exemplo: o que haverá de peculiar nela? Qual a dinâmica territorial existente? Quem são e de que forma as pessoas vivem nestes territórios? Como elas se relacionam com o meio ambiente, especialmente o rio? Em que eles se diferenciam de outros agricultores e pescadores de “terra firme”? Como eles se organizam socialmente e produzem nestes espaços? Quais as estratégias que estes moradores utilizam para viver nestas terras cercadas de água por todos os lados? Quais as suas experiências de vida? Tudo isto se traduz em cultura tradicional?

Estas indagações me leva a refletir sob os objetivos que proponho nesta pesquisa, com a intenção de fazer uma “descrição densa”¹ que perpassa pelas formas de ocupação dos espaços, a maneira como seus habitantes se relacionam com o meio ambiente, as estratégias de trabalho, os modos de vida, enfim, a reprodução de uma cultura diferenciada de viventes do/no rio São Francisco.

Portanto, busco uma leitura dos moradores da Ilha das Pimentas, no intuito de não nos deter a uma simples descrição ou classificação estatística, mas procurando compreender

¹ Termo utilizado por Geertz (1989, p. 20) com o “objetivo de tirar grandes conclusões a partir de fatos pequenos, mas densamente entrelaçados; apoiar amplas afirmativas sobre o papel da cultura na construção da vida coletiva empenhando-as exatamente em especificações complexas”.

através da análise dos modos de vida de seus habitantes as diversas formas de manifestações da cultura tradicional.

Por ter um vínculo, tanto afetivo como de pesquisa, com o modo de vida tradicional dos moradores do rio São Francisco, a iniciativa de desenvolver um projeto com esta população é um desejo evidente. Vivenciei a luta de homens e mulheres que buscam formas de re-existências, com o objetivo de se auto-afirmarem pela valorização dos seus saberes e práticas. Assim, entendo que uma das alternativas viáveis para a manutenção e o apoio destes povos é o registro, sociabilização e salvaguarda dos valores simbólicos e culturais dos “ilheiros” do rio São Francisco, descritos e analisados nesta pesquisa.

De uma maneira geral, o processo metodológico de construção da pesquisa baseia-se no aprimoramento de técnicas e na vivência enquanto pesquisadora. Recorri a instrumentos de investigação tendo como referencial a Geografia, a Antropologia, a Filosofia e a Sociologia. Inicialmente, realizei uma pesquisa de campo a fim de promover um reconhecimento prévio do local pesquisado. Consultei ainda fontes primárias e fiz um levantamento bibliográfico de estudos sobre o tema e a região pesquisada.

Após este apanhado geral, realizei vários trabalhos de campo na Ilha das Pimentas, complementando minha pesquisa no local com levantamento de dados em órgãos e instituições governamentais. Nos primeiros contatos com os moradores da ilha, fiz apenas observações e anotações no diário de campo. Depois de algumas visitas as relações de reciprocidade foram estreitando-se, o que facilitou a realização de entrevistas e conversas mais longas e minuciosas com os moradores. Em umas das minhas incursões a campo fiquei por vários dias na ilha observando todos os acontecimentos da vida diária dos moradores, partilhando vivências e aprendendo os seus saberes².

No processo de realização das entrevistas procurei obter um relato bastante livre dos entrevistados. Assim, no geral fiz poucas intervenções, tudo aconteceu como uma sequência de conversas informais em que cada morador falava abertamente sobre a sua vida na ilha. Finalizadas as campanhas de campo, dediquei-me a momentos de reflexão, leituras das anotações, tabulação dos dados e transcrição das entrevistas feitas com os moradores.

Após concluir os registros áudio visuais, as observações de campo e as entrevistas, realizei um levantamento complementar de trabalhos que apresentem um apanhado histórico

² Todos os dados das pesquisas de campo tais como: roteiro de observação, diário de campo, quadro das atividades diárias, entrevistas e fotos estão disponíveis em CD, conforme apêndice A.

sobre a ocupação regional e a vida no rio São Francisco, além de buscar trabalhos que de alguma forma evidenciam as ilhas fluviais sanfranciscanas.

Para facilitar a compreensão, apresento o arcabouço da dissertação, estrutura em cinco capítulos. O objetivo é conceber ao leitor a estruturação do texto, propondo uma maior visualização das partes, capítulos e tópicos. Fiz a opção de dividir o trabalho em duas partes, a saber:

Primeira parte – *Caminhos e momentos da pesquisa*, dividida em três capítulos.

No primeiro capítulo - escrito proposital e especificamente sobre a metodologia utilizada na construção do trabalho - descrevo o processo de construção da pesquisa. A intenção foi relatar a riqueza em que se constituiu esta experiência de pesquisa e mostrar ao leitor que este trabalho realmente mostrou-me os desafios que se impõe a vida de um estudante/pesquisador.

No segundo capítulo trago um arcabouço teórico, considerando categorias que justifiquem as especificidades de um povo que vive nos lugares das águas. Estabeleço uma relação entre os conceitos de cultura e comunidade tradicional e a divisão do espaço social da Ilha das Pimentas. Dediquei parte deste capítulo a uma reflexão, pautada basicamente em antropólogos como Geertz (1989) e Malinowski (1978) e suas concepções do que eles consideram como o arcabouço da cultura. Em um segundo momento, analiso a comunidade tradicional a partir de estudos e especificidades de cada ambiente pesquisado, procurando interpretar de que formas estas análises são projetadas no lugar da pesquisa.

No terceiro capítulo, construí uma versão pessoal de uma *nesografia*, ou seja, um estudo sobre as ilhas. Parti primeiramente da caracterização e dos tipos de ilhas encontrados no mundo e, posteriormente, no Brasil, focando sobre as suas formas de ocupação, com ênfase em casos de ilhas fluviais. Posteriormente, trago as reflexões de alguns autores regionais, que em algum momento de suas pesquisas citam as ilhas sanfranciscanas. Faço ainda uma reflexão acerca da apropriação política e econômica do rio São Francisco, além das implicações da legislação vigente e da categoria território, lida através das especificidades encontradas nas ilhas fluviais.

Segunda parte – *O ontem e o hoje: o viver e o habitar uma ilha do rio São Francisco*, dividida em dois momentos.

No quarto capítulo, reconstituo a história regional da ocupação da Ilha das Pimentas, procurando caracterizá-la em termos sociológicos, físico-geográficos e antropológicos. Situo o tempo presente juntamente com as histórias de vida e a memória de pessoas acostumadas a morar e a conviver sempre perto do rio São Francisco. Tendo em vista o cenário bastante

singular da pesquisa, achei conveniente salientar a forma de ocupação e uso do território da ilha, bem como, enfatizar a peculiaridade dos modos de vida e trabalho dos moradores da Ilha das Pimentas. Neste capítulo trago ainda figuras, croquis e esquemas, além de apresentar um mosaico com a tipologia de cada uma das casas da ilha.

No quinto e último capítulo, resgato a história de vida de um dos moradores já falecido da ilha, entretecida com o conto de João Guimarães Rosa - “A terceira margem do rio” e os registros fotográficos obtidos em campo. A intenção é valorizar a memória, analisada a partir da fala do entrevistado, priorizando a sua trajetória de vida singular de uma vivência “ilheira”, mesclada com o imaginário do conto e os acontecimentos presentes. Na parte final do capítulo trago uma leitura através do caminho das imagens, aliada as narrativas dos entrevistados, sugerindo um olhar diferenciado das fotografias tiradas durante o tempo da pesquisa.

Finalizo o meu trabalho com as considerações da pesquisa, expondo a importância de realização do trabalho e tecendo reflexões acerca das categorias apresentadas e dos resultados obtidos em campo.

Ao longo do desenvolvimento da pesquisa me deparei a todo instante com indagações e problemáticas. Sei, porém, que delimitações, especificidades e adaptações são necessárias ao longo do caminho. Espero que a escrita desta dissertação seja objeto de debates e indagações e que possa instigar novas reflexões. Que as experiências adquiridas sirvam de inspiração para futuras pesquisas e brotem novas perguntas e incertezas para o campo do conhecimento, especialmente para aqueles que vivem, pensam e pesquisam o rio São Francisco e suas gentes.

Nas páginas que se seguem, exponho a vivência e o viver de/entre pesquisador/pesquisados, estabelecidos durante o tempo da pesquisa.



A photograph of a river with dense green trees on the banks and a boat in the foreground. The river is calm, reflecting the sky and the surrounding greenery. The boat is a small, light-colored wooden boat, and its bow is visible in the lower foreground. The trees on the right bank are tall and dense, with some branches hanging over the water. The sky is a clear, pale blue.

PRIMEIRA PARTE

CAMINHOS E MOMENTOS DA PESQUISA

CAPÍTULO 1 - O AQUI: UMA LEITURA GEOANTROPOLÓGICA

**CAPÍTULO 2 - SEGUIR, EXISTIR, RESISTIR: VIVER UMA CULTURA
E SER UMA COMUNIDADE TRADICIONAL**

**CAPÍTULO 3 - O PENSADO E O VIVIDO: FORMAS DE VER E ESCREVER
SOBRE ILHAS**

1 O AQUI: uma leitura geoantropológica

Começo fazendo uma re-visita de minha trajetória de pesquisa e as motivações que me guiaram até este ponto. Este estudo visa primeiramente um “encontro” com um tema de pesquisa que faça interagir vivências, experiências, reflexões e relações entre pessoas e entre grupos. Quanto a vivências e experiências, carrego heranças de um “viver rural” associado a experiências de pesquisas geográficas desenvolvidas durante os anos acadêmicos passados na Unimontes em Pirapora. As reflexões, ao menos teóricas e metodológicas, ainda se fazem presentes, visto que temos o desafio de aprimorar nossos conhecimentos e superar os desafios que nos são lançados enquanto pesquisadores. Por último, as relações, que a meu ver constituem o maior desafio, por nos defrontarem com uma dupla obrigação: em um primeiro lugar, com os nossos compromissos de pesquisa e, em segundo lugar, com as pessoas pesquisadas. Pessoas que o tempo todo pretendi ver mais como sujeitos que interagem comigo através dos relatos de suas vidas e de seus pensamentos, do que como simples “objetos de pesquisa”.

Assim, a construção deste trabalho surgiu a partir de uma proposta de pesquisa elaborada durante minhas participações em disciplinas e orientações com o professor Carlos Rodrigues Brandão e da intenção de pesquisar uma comunidade, bem como pessoas ligadas a atividades tradicionais do rio São Francisco e seu entorno.

Seguindo a proposta da pesquisa, busquei relacionar as teorias estudadas e refletidas durante as disciplinas cursadas e em minhas leituras pessoais, com a realidade empírica de minhas investigações. Decidi estudar a Ilha das Pimentas, localizada no rio São Francisco nas proximidades do município de Pirapora e Buritizeiro/MG, basicamente motivada pela curiosidade e instigada pela possibilidade de compreensão etnográfica de uma realidade até então desconhecida para muitos.

Feita a “descoberta” do local da pesquisa, busquei primeiramente compreender geograficamente a organização sócio territorial da ilha, procurando interpretar as formas de inserção e ocupação das famílias que habitam este espaço. Após os primeiros contatos, passamos à análise antropológica das relações e dos modos de vida característicos existentes entre os agricultores daquela localidade, priorizando os relatos da história de vida de alguns dos moradores mais antigos da Ilha das Pimentas.

A partir da identificação deste “encontro”, aprimorei teorias e passei a trilhar os caminhos e a viver os momentos de uma pesquisa geoantropológica, descritos nos itens a seguir.

1.1 Os momentos da pesquisa antropológica: o lá, o aqui/lá, o chegar lá, o estar lá, o voltar de lá, o eu aqui

Optei por descrever primeiramente as etapas traçadas ao longo dos meses de trabalho, apresentada da seguinte forma: o **estar aqui**, o **ir**, o **estar lá** e o **voltar de lá**. Estas etapas servem como um roteiro imaginário e compreendem os momentos de pesquisa vividos, mapeado através das trilhas e das sensações experimentadas. Começamos pelos preparativos de “ida” ao campo, o caminho percorrido para a chegada a Ilha das Pimentas, os dias passados no campo, a despedida e o caminho de volta.

Escolhi esta descrição inspirada no pensamento de Carlos Brandão³ (2007) que diz “o fácil se torna difícil”, no que se refere à definição do lugar pesquisado e as linhas de investigação a serem adotadas. Ele nos lembra ainda, que um dos requisitos para uma boa pesquisa geoetnográfica está em estabelecer um estranhamento, uma desnaturalização do cotidiano observado, para depois, em um outro momento, procurar retraduzir o que foi investigado em uma linguagem de novo familiar entre nós, geógrafos, antropólogos, cientistas sociais. Enfim, a proposta é uma viagem em dupla direção: ela transita pelo real e pelo imaginário, buscando orientar o leitor quanto à localização e descrição do lugar. Um guia para aqueles que nunca percorreram estes caminhos e não tiveram a oportunidade de visitar uma ilha.

Trabalho inicialmente com um olhar atento sobre o local da pesquisa, analisada através de uma visão intencionalmente espontânea dos cenários e fatos, delimitados da seguinte maneira:

1. **“O lá”** definido como a forma de descrever de maneira bem genérica a região e o local pesquisado. Com visões muito amplas e diversificadas dos fatos, com o propósito de apenas direcionar o local para onde se pretende ir. A vista de fora, o que denominamos como o imaginado.
2. **“O aqui lá”** definido como uma pré-noção daquilo que se sabe sobre o lugar e as gentes a serem pesquisadas. Pensando agora através da visão do “eu pesquisador”, analisando de

³ Mencionado pelo professor Carlos Rodrigues Brandão durante as aulas da disciplina Dinâmica Socioeconômica, Identidades e Territorialidades (Antropologia das Comunidades Ribeirinhas) no segundo semestre de 2007, oferecida pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Unimontes.

longe o ser e as coisas do **lá**. Imaginamos como são as pessoas, as casas, o lugar, até mesmo baseado em leituras, relatos e histórias de pessoas que já foram ou vivem por lá.

3. **“O chegar lá”** a partir de agora contamos com o fato concreto, a chegada ao universo da pesquisa. O campo de descrição, a vista totalitária, o contato, a descoberta, as indagações, o pensar, e também: o agir, procurar, investigar, analisar e acima de tudo, o observar.

4. **“O eu lá”** onde estão relacionadas todas as ferramentas utilizadas na pesquisa: o vivido, o sentido, o colhido, enfim a pesquisa concreta. Muito dos costumes, conhecimento local, ensinamentos e curiosidades vêm através deste contato, sempre cuidadoso e sutil, como forma de respeito e valorização do lugar e das pessoas. Trago a análise do entorno, daquilo que se vê e principalmente que se pesquisa.

5. **“O eu aqui”** são as considerações, mudanças e reflexões que instigam a pensar sob as contribuições acerca do que foi visto, coletado e das futuras reflexões sobre **o lá**.

Este ordenamento justifica-se no pensamento de Geertz (1989) que esclarece que toda pesquisa parte da busca de um saber entendido através da visão de um **eu** visto sobre e através de um **outro**, conduzido pelo olhar que cada um pretende seguir e entender. Assim, a sequência da pesquisa obedece ao critério de análise, interação e interpretação do “sujeito pesquisador” sobre o lugar e os “sujeitos pesquisados”, visualizada nos tópicos seguintes.

1.1.1 O lá: *o imaginado*⁴

Ilha das Pimentas, o que seria? Começando pelo nome de ilha, recordamos algo próximo de rio, ou ainda pequeno pedaço de terra circundado por água ou coisa parecida. Agora Pimenta, seria talvez em função de existirem pimentas por lá? Ou talvez sobrenome de alguma família que vive ou viveu por lá? Ou ainda a designação de alguma pessoa que lá viveu? Não ouvimos muito falar deste lugar, deve ser longe! Mas mesmo sem saber direito, propomos imaginar o que seria e como seria. Bom, por não ser tão familiar quando se fala do nome, nos vem à cabeça uma pequena comunidade, umas casinhas com alguns moradores, ou ranchos, ou casebres; como também poderia existir belas casas, onde pessoas vão para se divertirem. Mas como serão as pessoas que vivem lá? Serão índios? Negros? Brancos? Ou é uma mistura de tudo isto. Daria para pensar muitas faces, muitos rostos. Refletindo um pouco,

^{4 4} Nos itens seguintes utilizo a primeira pessoa do plural por ser tratar de uma viagem pelo imaginário. A intenção é percorrer o caminho juntamente com o leitor, objetivando fazer uma descrição por meio das etapas da pesquisa.

raríssimas foram as vezes que ouvimos este nome e parece ser mais certa a idéia de um pequeno pedaço de terra, onde vivem e sobrevivem algumas famílias. Sabemos ainda que fica no rio São Francisco, não muito longe da cidade de Pirapora, mas onde especificamente não sabemos. Talvez mapas, estradas, distância, mas onde visualizar? Seria um exercício de curiosidade buscar mais algum tipo de informação. Mas não falam nada de **lá**, como saber onde é o **lá**. Recorrer a ferramentas mais eficientes a título de localização talvez ajudasse. Continuamos querendo saber: onde fica o **lá**?

1.1.2 O aqui/lá: *falando dos de lá*

Seguimos buscando realmente conhecer o **lá**. Mas não sabemos ao certo onde fica. Seria uma boa idéia perguntar, mas perguntar a quem? Quem conhece a Ilha das Pimentas? Parece ser difícil alguma informação por aqui. Nenhum tipo de livro, revista, mapas, muito menos, alguma noção de distância. Apenas dizem que não é muito longe, enfim **lá**. Resta-nos ir assim mesmo, com a idéia de que “o conhecer se faz conhecendo.” Mas conhecer o que? A partir daí, começamos a imaginar como seria o ambiente, como seriam as casas e suas pessoas. O que iremos encontrar por lá não sabemos, mas pensamos como será o comportamento das pessoas, se são muitas, se são poucas, qual o tamanho da localidade, onde fica o rio, se tem praia, pomar, comércio, escolas, igrejas e festas. Pensamos em tudo, mas o pensar ainda não é o **estar lá**.

1.1.3 O chegar lá: *o primeiro olhar*

Partimos em direção ao lugar imaginado e pouco falado com a intenção de conhecer, descobrir e ainda pesquisar. O caminho torna-se cada vez mais próximo. A saída **daqui**, na busca do **lá**, é motivo de ansiedade e várias imagens abstratas das coisas, pessoas e lugares. A curiosidade em ver torna-se a principal motivação para desvendar a falada e não ainda conhecida Ilha das Pimentas.

Partindo da cidade de Pirapora, o caminho é pela BR 365 no sentido Pirapora/Montes Claros. Logo após a entrada da cidade de Pirapora tomamos uma estrada de terra à direita, que tem início em frente a um posto de gasolina, ainda no perímetro urbano da cidade. Ela é a estrada que nos leva a Ilha das Pimentas. No caminho avistamos longas árvores, várias placas indicando inúmeras fazendas ao longo do percurso, criação de gado, cercas, grandes plantações de café e banana, carros e caminhões, pessoas andando a pé e de bicicleta pela

estrada. Passamos também por sete pequenos riachos, com pontes de concreto para facilitar a travessia. Tudo isto faz parte de uma visão do percurso traçado mais do que nunca, amparado por belas paisagens com vegetação típica de Cerrado.

Ao longo do percurso muita poeira, trânsito razoável de carros, motos e pessoas principalmente vindas das fazendas. Seguimos o caminho. Sabemos que o rio São Francisco fica muito próximo à estrada, é possível observar tubulações de captação de água para a irrigação das grandes fazendas da região. Os sinais de degradação são vistos do lado de dentro das cercas das fazendas que acompanham toda a estrada. Atentamos em olhar e sentir o que de bonito havia por *lá*, como os pássaros voando, o perfume agradável de algumas flores e a brisa da mata que às vezes nos traz a sensação de frio.

Continuando o percurso, logo depois de andar cerca de vinte quilômetros da cidade de Pirapora, é possível avistar uma cancela de madeira com um grande cadeado que indica a entrada de acesso à ilha. Passar para o lado de dentro, somente com o auxílio de algum morador que tenha a chave para abrir o cadeado da cancela. Atravessamos a cancela e andamos por mais alguns instantes. A estrada torna-se mais estreita, com pequenos caminhos tortuosos feitos dentro da propriedade de uma dessas fazendas. Passamos por vários animais, especialmente criação de gado. O chão tomado por grama e o solo de cor acinzentada caracteriza as vazantes e a certeza que estamos muito próximos da beira do rio. Andando mais um pouco, logo avistamos o grande rio São Francisco. Caminhamos até a beira dele e, lá no meio, avistamos a Ilha das Pimentas. A partir de agora ela não é apenas imaginada e falada, mas sim, vista e, mesmo ainda de longe, conhecida e apreciada.

Admiramos minuciosamente cada detalhe, mesmo da margem, ao longe. A paisagem é a de um pequeno pedaço de terra que o rio cerca e protege e, que faz parte dele. Escutamos o rio com o barulho calmo de suas águas de cor esverdeada. Alguns peixes saltam, mas parecem já estarem acostumados à movimentação de pessoas por lá. O cheiro de peixe, misturado com o canto de pássaros e o balanço dos galhos pelo vento envolvem este primeiro contato. Logo avistamos de longe, lá na ilha, muitas árvores, plantações, barcos e canoas encostada à beira do barranco. Observamos ainda casas de vários estilos, algumas mais simples e outras mais estruturadas. Escutamos algumas poucas vozes. Existe ainda uma calma movimentação de pessoas, porém parece que detectaram a nossa chegada.

Para ir até a ilha é preciso atravessar de barco ou canoa, sendo necessário pedir ajuda de algum morador para fazer a travessia até o nosso destino final. Como não parece tão rotineira a travessia de pessoas vindas da ilha até à margem, a opção é gritar para que venham ao nosso encontro. Após alguns instantes de gritos, ouvimos um barulho de motor de barco

bem ao longe. Parece vir alguém, só restava esperar. Logo chega até a beira do rio um rapaz pilotando o seu barco. Apresentamo-nos a ele, e ele imediatamente nos convida para entrar no barco. Começamos a travessia, neste momento percebemos o quanto é valioso estar junto a pessoas que desde o início passa a imagem de prestativas e cativantes.

E no meio do São Francisco, dentro de um barco, observando a grandiosidade do rio, o movimento das águas e o salto dos peixes, é possível entender como é nítida a aproximação entre a natureza e o ser humano nesta localidade. A travessia foi rápida, mas o suficiente para poder contemplar de dentro do rio toda a sua beleza pura e transparente.

Depois de pisar em terra firme, passamos a caminhar pelos domínios da ilha. Temos a necessidade de conhecer tudo o que há por lá, inclusive fatos e lugares singulares. A vontade é de percorrer os espaços, conversar e saber mais sobre as gentes que vivem por aqui.

Observamos que existem muitas casas. Ou seriam lotes onde pessoas trabalham e habitam. Entrar em cada lar, conhecer a história de cada ser, viver o cotidiano de cada família torna-se uma atividade apreensiva e curiosa. Observar a dinâmica que rege este lugar é de fundamental importância. Analisar as diferentes formas de viver, de plantar e de falar das pessoas é o objeto de uma observação minuciosa.

Com tanto para ser observado, anotado e perguntado seria impossível não procurar em um primeiro momento entender o sentimento de vivências destas pessoas dentro de uma ilha cercada por água. Não são apenas águas, mas as águas do rio São Francisco, fator primordial para aqueles que habitam este pequeno pedaço de terra, cercado ou protegido pelos seus dois lados.

1.1.4 O estar lá: *o vivido, sentido e colhido*

A partir de agora torna-se fundamental andar, percorrer espaços e lugares, conhecer e partir em busca do já sabido e do novo. A Ilha das Pimentas é composta por diferentes pessoas, gentes de expressão peculiar. Assim, atentamos a uma gente específica: os trabalhadores, os habitantes do rio São Francisco, as pessoas guiadas por símbolos, crenças e histórias de caboclos e mãe d'água. Rio imponente, majestoso, que guia as horas e as falas das pessoas deste lugar.

Observamos a simplicidade do cotidiano, suas casas, suas pequenas roças, enfim, a vida de moradores que fazem da ilha um verdadeiro mosaico de culturas. Percebemos a importância do trabalho para esta gente, refletido em suas experiências de vidas. Falamos com eles e sobre eles, procuramos perceber os seus símbolos e compreender os seus significados,

bem como as suas idéias intrínsecas no falar, sentir e viver *na* e *da* ilha. Empregamos sempre uma sensibilidade refletida ao observar os gestos e sentimentos de cada morador.

Mas, de onde vem o nome Ilha das Pimentas? Ainda não foi possível desvendar, alguns falam que deveria ser por existirem muitas pimentas na ilha antigamente. Ficamos e registramos tudo, as formas, as cores, o relevo, o olhar, enfim, a satisfação em viver que dá nome a um lugar singular.

1.1.5 O voltar de lá: *as experiências*

Agora é chegada a hora de partir, foram muitas histórias, vivências e surpresas colhidas durante esta primeira e densa estadia na ilha. Este não é um espaço qualquer, mas sim um lugar onde existem experiências sábias de um povo simples, que sabe aproveitar nas pequenas coisas o jeito diferente de lidar com a natureza e fazer dela símbolo de sua sabedoria e de seu aprendizado, eternamente guardados na nossa memória. Um povo que vive em um lugar cercado por águas. As mesmas águas que provocam a fertilidade da terra em que semeiam, são as águas que tornam o viver na ilha algo sempre instável. Uma grande enchente pode alterar todo um modo de vida por um longo tempo. O viver antropológico nos guiou na busca de um olhar singular, procurando novos percursos que apresentaremos ao longo do trabalho.

Ao voltar nos despedimos de todos e entramos no barco para fazer a pequena travessia para a outra margem do rio. Novamente dentro de uma embarcação no rio São Francisco, deixamos a Ilha das Pimentas. Agora não são mais rostos estranhos e lugares desconhecidos. Porém ainda sabemos muito pouco sobre eles, não pela falta de contato, conversas e indagações, mas sim pela longa trajetória de vida que cada um carrega e da difícil compreensão de tudo “aquilo”, em apenas alguns dias de contato. Aproveitamos os últimos instantes de uma pesquisa singular e muito proveitosa. Não encerramos neste gesto de partida, mas nas muitas pretendidas “idas” e “vindas” desta ilha encantadora do rio São Francisco onde suas gentes partilham águas, vidas e esperanças.

Agora fica a certeza de dias belíssimos de muitas caminhadas, manhãs frias, tardes ensolaradas com belíssimos pores de sol, noites calmas anunciada pelo nascer da lua, barulho de rio, saltos de peixes, cheiro de flores, risadas alegres, perguntas, enfim, dias de pesquisas valiosos com descobertas únicas.

1.1.6 O eu aqui: *as contribuições e reflexões*

Voltando de **lá**, fica difícil tecer reflexões sobre a vivência dos moradores e suas formas de trabalho, na Ilha das Pimentas. Observamos pessoas ligadas por afetividade e pertencimento a terra, ao rio e a natureza como um todo. Suas vidas em muitas coisas não difere da de barranqueiros, veredeiros e vazanteiros, mas em algo elas são diversas, porque aqui se vive num lugar onde o trabalho com a terra e a circulação entre as águas remetem a imagens e idéias de uma identidade e de um simbolismo marcados também pela insularidade da vida e a sua instabilidade decorrente.

Diante desta trajetória de pesquisa e, sobretudo do contato com essa gente das águas, criamos outros saberes, que não conseguiremos traduzir em palavras ou em um simples texto. Muitos contaram, sem nenhuma pretensão e fantasias, através dos gestos simples, dos olhares e saberes, sofrimentos, trabalhos e conquistas de toda uma vida. Escutamos relatos de uma trajetória marcada por recordações, lutas e sonhos futuros. Portanto, neste lugar de vida, foram sentidos, ouvidos e percebidas falas, depoimentos e histórias de vida que merecem ser refletidas. Convivemos e esperamos trazer para o **aqui** rostos e gestos de gentes com saberes diversos, senhores e senhoras, verdadeiramente transparentes e singulares no que dizem, fazem e vivem.

Os moradores que imaginamos e posteriormente encontramos na Ilha das Pimentas, tiram da terra o seu sustento, vivem envoltos por um arcabouço de natureza e cultura que deu e que dá uma identidade igual a outras e diversa de todas. Procuram sobreviver e ter no seu dia-a-dia a fórmula mais preciosa de obter a alegria. Lá, ao seu redor está sempre o belo e sofrido rio São Francisco que faz daquele pequeno território cercado por águas, um lugar de vivência.

A partir desta viagem antropológica ao mundo das gentes do/no rio São Francisco, considero a Ilha das Pimentas, bem como os seus moradores, dignos de uma pesquisa que contemple e valorize os seus saberes e identifique os seus lugares. É o que proponho investigar, segundo os fundamentos geoantropológicos, a partir de agora.

1.2 Os caminhos da pesquisa geográfica: **viver um tempo, estudar um espaço e pensar as gentes no/do lugar**

Inicialmente relato minha vivência e os meios que me guiaram a ingressar em uma pesquisa geográfica, situada na fronteira com a Antropologia. Falo primeiramente “deles” e

para “eles”. Falando deles e para eles, também falo para mim mesma, pois também me considero parte deste todo denominado universo rural.

Nos primeiros anos de minha vida vivi entre as serras do município de Grão Mogol no norte de Minas Gerais a meio caminho entre os vales do São Francisco e o Jequitinhonha. Foi lá onde aprendi com pai e mãe as práticas de um saber tradicional que ainda hoje é vivido e exercido por eles. Com este aprendizado, durante os anos de universidade passei a identificar-me com facilidade com as leituras voltadas para os estudos do mundo rural e o universo das comunidades tradicionais.

Com o passar dos anos entendi que simplesmente falar e descrever a forma como eles vivem e praticam a sua rotina diária, não é o suficiente para entender com precisão os seus modos de vida e a reprodução de suas culturas. Compreender, na prática, o que cada fala, olhar e gesto representa, torna-se uma tarefa árdua, mas ao mesmo tempo prazerosa, que nos motiva cada vez mais a adentrar em tal universo.

Aprendi que muitas vezes é preciso guardar um distanciamento e saber visualizar os fatos apenas como pesquisadora que está ali com a missão de estudar aquele lugar. Mas muitas vezes, o convívio com as pessoas, as amizades e as relações de reciprocidade se fazem presentes e até impositivas. Este envoltório de emoções é o que torna a pesquisa ainda mais verdadeira e instigante, o que não significa dizer, que a escrita venha a ser tendenciosa e encoberta por pontos de vistas particulares. O que busco priorizar são as informações colhidas através de conversas, entrevistas, observações, práticas e memórias dos sujeitos pesquisados.

O objetivo maior da pesquisa é entender através da visão “deles”, do que “eles dizem” e sobre a forma “como vivem” em um ambiente adverso como o de uma ilha fluvial. O que no imaginário de muitos pode ser uma realidade muito distante ou até mesmo impensada, para os que lá vivem é algo absolutamente rotineiro e habitual. É na simplicidade do viver que os moradores da Ilha das Pimentas explicam de que forma vivem rodeados pelas águas, trabalham e convivem com o rio e agradecem pelo lugar de morada.

Sendo assim, as visitas realizadas durante a pesquisa serviu como um duplo aprendizado. Primeiramente aproximei-me da realidade de cada um dos moradores da ilha e pude entendê-la pelo menos em parte, através da relação de confiança e de solidariedade, fatores ímpares descritos mais adiante neste trabalho, e que carregarei por toda uma vida. Segundo, o aprendizado que tive com cada um deles, contribuiu para uma tomada de consciência em relação a rostos e pessoas muitas vezes invisíveis aos olhos de muitos, mas que trazem saberes diversos e experiências incontadas para aqueles que estudam e prezam pela tradicionalidade e a singularidade de pessoas e lugares ímpares.

Tento descrever com o máximo de detalhes possíveis as minhas “idas” e “vindas” a campo como uma viagem traçada por observações, conversas, fotos, gravações, momentos de reflexão, tensões e ainda de alegrias e saudades.

O meu primeiro contato com a Ilha das Pimentas aconteceu de forma bastante inusitada e improvável. Em julho de 2007 participei como aluna especial da disciplina *Dinâmicas socioeconômicas e Identidade (Antropologia das Sociedades Ribeirinhas)*, ministrada pelos professores Carlos Brandão e João Batista de Oliveira Costa, oferecida pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social – PPGDS e realizada no campus da Unimontes em Pirapora, contando com a participação de outros professores, alunos e pessoas da comunidade.

Na ocasião, além das aulas teóricas, tínhamos que desenvolver uma oficina de campo e apresentar um trabalho final de curso sobre os dados colhidos. A turma foi dividida em equipes, cada grupo escolheu um lugar para desenvolver o trabalho. Foram formados três grupos de mais ou menos seis pessoas que resolveram pesquisar algumas das ilhas próximas ao município de Pirapora e Buritizeiro. As demais pessoas poderiam fazer pesquisas individuais ou em grupos menores, atendendo aos seus interesses da oficina, o que acabou sendo a minha opção no momento. Como a proposta era uma interação entre as discussões teóricas e a vivência do campo, o desenvolvimento se deu com mais de uma incursão a campo, o que possibilitou o depoimento e uma troca de experiências em sala de aula entre todos os temas e pesquisadores.

Depois da primeira “ida” ao campo debatíamos os dados em sala de aula, quando comecei a ouvir as falas dos colegas que estavam pesquisando as ilhas. A partir deste momento coloquei-me a pensar: como eu, que por quase quatro anos vivendo na cidade de Pirapora, na beira do rio São Francisco, não conhecia uma ilha, e mais ainda, não tinha idéia de que existiam pessoas que moravam nestes ambientes.

Além dos depoimentos dos colegas, a curiosidade e a vontade de saber mais sobre o assunto me instigou a acompanhar uma das equipes que pesquisava a Ilha das Pimentas. O meu objetivo era ir até a beira do rio apenas para observar mais de perto como era uma ilha do rio São Francisco. Porém, as incertezas de pesquisadora me fizeram sacudir a poeira da estrada e adentrar nas águas do rio São Francisco em direção a ilha. Acabei ficando todos os dias da pesquisa junto com os demais colegas, percorrendo e desvendando cada espaço da

ilha. Diante da riqueza de informações, abandonei a idéia do antigo projeto, passando a desenvolver um ensaio teórico⁵ com base nos dados colhidos e na minha experiência vivida.

Costumo dizer que realmente vivi dias de antropóloga que chega como uma estranha a um lugar, antes desconhecido, assim como os exemplos descritos por Malinowski (1978) e Geertz (1989). Foram três dias intensos de muito aprendizado que me guiaram por uma pesquisa continuada e apaixonante. Minha identificação com o lugar e com as pessoas foi muito intensa e forte. Ela passou a ser uma relação entre iguais e não apenas um “eu” pesquisadora e um “eles” pesquisados. A reciprocidade facilitou o convívio, tornando a troca de informações ainda mais fecunda e confiável.

Depois da minha primeira “ida” a campo, o desejo de retornar e continuar os trabalhos foi inevitável. Porém, a pesquisa acabou tendo um tempo de pausa, não por minha vontade. Por ter terminado o meu curso de graduação na Unimontes e encerrado a disciplina como aluna especial do mestrado no PPGDS/Unimontes, passei a não ter mais vínculo institucional, o que dificultou o meu retorno ao campo. Além do mais, acabei me mudando das planícies Sanfranciscanas para o Planalto Central, o que inviabilizou ainda mais o meu contato.

Mesmo longe, continuei pensando em dar continuidade a pesquisa. Após conversas com Carlos Brandão, a quem devo o mérito desta pesquisa e agradeço ao incentivo e apoio, achamos por bem manter o trabalho na ilha. A partir daí, escrevi um projeto de pesquisa e ingressei no mestrado em Geografia da UFU. Retomei minhas leituras e aprofundei reflexões, com o objetivo de desenvolver um trabalho até então ainda não descrito por outros pesquisadores, sobre o viver em ilhas do rio São Francisco.

Procurarei descrever, a partir de várias pesquisas de campo, uma leitura geográfica do tempo da pesquisa, do lugar pesquisado e das gentes que moram e trabalham em uma ilha do rio São Francisco, tão distante pelas descrições e formas de viver, mas tão perto pela simplicidade e generosidade de seu povo.

1.2.1 O tempo: a construção da pesquisa

A construção deste trabalho dá-se por uma perspectiva que tenta enlaçar a Geografia e a etnografia. Um esforço decorrente da necessidade de abarcar novas visões, lançando um olhar curioso, penetrante, aberto a significados diferentes, articulando saberes e pessoas, informações e lugares. As observações do comportamento e o resgate da memória dos

⁵ Denominado “*TEMPOS, ÁGUAS E LUGARES: vida e trabalho na ilha da Pimenta, Pirapora-MG*”. Os dados coletados e utilizados neste ensaio foram incorporados à redação da dissertação.

pesquisados foram marcados pela interatividade entre o “eu” pesquisadora e o “outro” pesquisados, observando-os no seu lugar de vivência. Para isto, foi necessário estruturar a pesquisa fundamentada, não apenas, em teorias antropológicas, filosóficas e geográficas, mas também em um olhar pautado nos relatos das experiências vividas.

Para melhor entender a necessidade da pesquisa, fui motivada por importantes leituras e reflexões teóricas que me guiaram durante todo o processo de elaboração deste trabalho. A partir de uma essencial bagagem teórica, parti então para a instigante pesquisa de campo. Como geógrafa, não considerei uma novidade estar no campo, porém surgiram novas análises, principalmente ligadas à Antropologia, que me fizeram repensar a maneira de se pesquisar. Agora, mais do que nunca, torna-se uma grande necessidade descobrir de perto a pesquisa, vista sob novos olhares e sensibilidades.

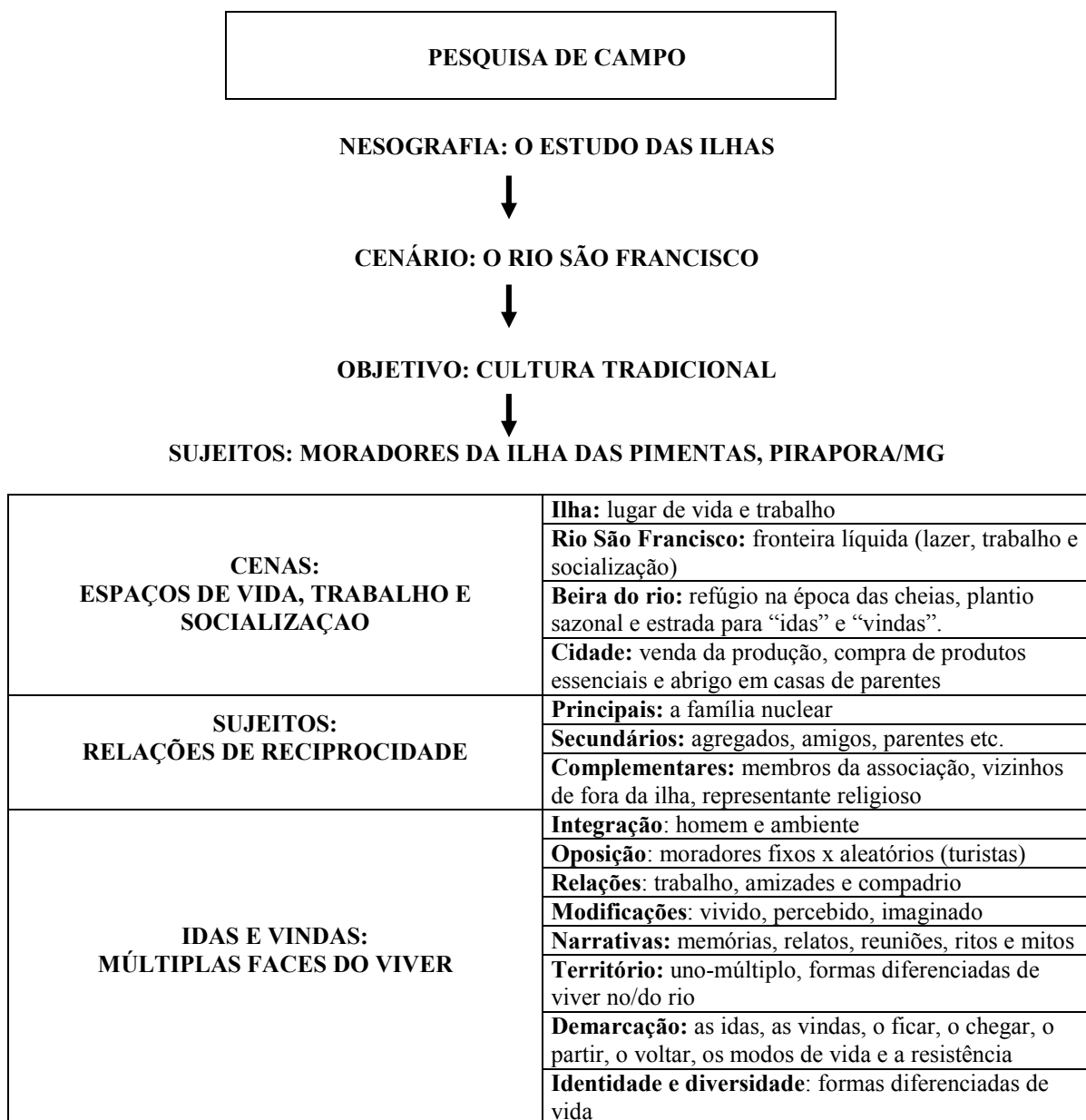
Visando a construção de um trabalho essencialmente qualitativo, busquei referências na obra de Ramires e Pessôa (2009), apresentando importantes textos com diversos tipos de investigação, procurando uma articulação entre as várias maneiras de se trabalhar as pesquisas geográficas. Recorri também aos estudos de Chizzotti (2008) que trazem importantes esclarecimentos sobre questões e dúvidas inerentes as pesquisas qualitativas em ciências humanas e sociais.

Sobre como proceder na realização da pesquisa de campo utilizei as reflexões produzidos por Brandão (1995, 1999b). Em seus estudos o autor trabalha com o processo da pesquisa e a atuação do pesquisador no campo, lembrando sempre de caracterizar uma interação do pesquisador com a pesquisa que desenvolve. Faço ainda referência a Brandão (2003a), no momento em que descreve sobre o processo da entrevista, os dilemas e os cuidados na sua condução.

Os estudos de Malinowski (1978) e de Geertz (1989) foram importantes para reflexões sobre as pesquisas de campo. Estes autores afirmam que devemos tentar compreender a realidade, com suas múltiplas interfaces e interações, buscando nos trabalhos de campo uma vivência com o ambiente pesquisado. Outros autores como Santos (1999) e Santos et al. (2006) enfatizam a importância de perceber e analisar as categorias geográficas durante as etapas da pesquisa.

Inspirada nestas leituras realizei inicialmente uma investigação exploratória, preparando a minha inserção no campo. Para promover um reconhecimento, conversei informalmente com pessoas que tinham relações com o lugar, como por exemplo, pesquisadores/colegas que já haviam visitado a localidade. Isto aconteceu por não ser possível encontrar pessoas da própria ilha para possíveis sondagens.

Posteriormente realizei várias pesquisas de campo na Ilha das Pimentas. Utilizei instrumentos de coletas de dados com o objetivo de registrar e caracterizar a localidade em estudo. Além disso, procurei entender as principais modificações espaciais ocorridas na ilha ao longo dos anos, por meio de descrições, análises e reflexões feitas juntamente com os moradores, conforme quadro 1.



Quadro 1 - Olhares sobre a pesquisa de campo.

Org.: SOUZA, A. F. G., (2010) adaptado de DE PAULA, A. M. N. R., (2009, p. 41).

Conforme análise do quadro 1, procurei construir o modelo de investigação baseado em uma interconexão de várias técnicas, dado o desafio que se impunha; o de reconstruir geograficamente o processo que me propus estudar. As dificuldades que tive e as soluções das mesmas se apresentaram ao longo do fazer-pesquisar.

Em campo, após algumas observações e anotações, parti para a coleta dos dados. Com um gravador de voz e um diário de campo, passei a realizar entrevistas com os moradores da ilha, a fim de conhecer a realidade de cada um, bem como sua vivência dentro do ambiente da ilha. Através das expressões, gestos e falas, percebi os anseios e expectativas de cada entrevistado referente ao seu lugar de convívio e o rio São Francisco.

Antes de começar qualquer entrevista ou tirar qualquer foto, foi feita uma solicitação verbal para os moradores, acompanhada de um esclarecimento dos objetivos da realização da pesquisa e o fim a que se destina. Nestes casos, as entrevistas e as fotos só eram registradas com o consentimento dos entrevistados e respeitando as suas vontades⁶. Quando realizei as entrevistas, tive o cuidado de não interferir nas falas dos entrevistados e procurei contemplar apenas questões relevantes para a pesquisa. As interrupções foram mínimas, e quando feitas, serviam para recordar o entrevistado do assunto abordado ou interrogar algum fato ou expressão que não conseguia entender.

Procurei realizar as entrevistas e registros fotográficos considerando as Diretrizes Éticas Internacionais para a pesquisa envolvendo seres humanos, observando as seguintes recomendações:

As pesquisas envolvendo seres humanos devem atender às exigências éticas e científicas fundamentais.

- a) consentimento livre e esclarecido dos indivíduos-alvo e a proteção a grupos vulneráveis e aos legalmente incapazes (autonomia). Neste sentido, a pesquisa envolvendo seres humanos deverá sempre tratá-lo em sua dignidade, respeitá-lo em sua autonomia e defendê-lo em sua vulnerabilidade;
- b) ponderação entre riscos e benefícios, tanto atuais como potenciais, individuais ou coletivos (beneficência), comprometendo-se com o máximo de benefícios e o mínimo de danos e riscos;
- c) garantia de que danos previsíveis serão evitados (não maleficência);
- d) relevância social da pesquisa com vantagens significativas para os sujeitos da pesquisa e minimização do ônus para os sujeitos vulneráveis, o que garante a igual consideração dos interesses envolvidos, não perdendo o sentido de sua destinação sócio-humanitária (justiça e equidade). (CEP, disponível em: <www.ufrgs/bioetica/benefic.htm>. Acesso em: 20 Jun. 2010).

Todas as entrevistas realizadas com os moradores da Ilha das Pimentas foram transcritas e digitadas e estão disponíveis para consulta⁷. A partir delas busquei interpretar as

⁶ Alguns moradores chegaram a assinar uma autorização, conforme modelo apresentado no anexo A, a fim de garantir a lisura na publicação das entrevistas e fotos.

⁷ CD disponível no anexo B.

informações, procurando relacionar os dados colhidos com as teorias que norteiam este trabalho.

Busco trabalhar com a memória, por meio de autores como Bosi (2004), Halbwachs (2006), Ponty (2004), Bachelard (1978) e Brandão (1998). Todos eles, cada um ao seu modo, trabalham com categorias de memória que vão desde a infância, individual, coletiva, perceptiva, e ainda, de velhos. A leitura destas obras me ajudou a compreender as lembranças das pessoas do rio, que assim como as águas navegam no tempo e no espaço deixando marcas.

Para tentar entender as lembranças do passado dos moradores da Ilha das Pimentas utilizei a história oral, tendo as entrevistas como um dos instrumentos de registro das narrativas. Neste caso foi importante “aprender a detectar o que não se está dizendo e a levar em consideração o significado dos silêncios durante a entrevista” (FREITAS, 2002, p. 71). Tive o cuidado de aprender a decifrar o que tinha por traz do que foi dito e lembrado. Fiz o exercício de ir além do que o gesto e as palavras disseram. Busquei as entrelinhas dos fatos, o oculto e o incontado. Para isto, foi necessário um olhar dinâmico, procurando entender os múltiplos significados do que foi dito.

Além das entrevistas, trago para este trabalho a fotoetnografia⁸ como um recurso utilizado para valorizar as fotografias tiradas durante a pesquisa.

As formas verbais e escritas seguem preponderando sobre uso da imagem, mantendo-se mais usuais e aceitas e, de certa forma, isso se pode dever também ao fato de as diretrizes metodológicas que envolvem o uso da fotografia ainda não estarem assentadas em práticas convencionadas e reconhecidas como efetivas. Em grande parte dos textos, a fotografia, quando aparece, se restringe a um papel ilustrativo (ACHUTTI e HASSEN, 2004, p. 276).

Usualmente as fotografias aparecem nos textos apenas para ilustrar, não priorizando o uso das imagens de forma significativa e complementar. Neste caso, as utilizo como um recurso metodológico capaz de favorecer a pesquisa e dar visibilidade as pessoas pesquisadas. Assim como Araújo (2009):

Em decorrência da riqueza de informações que a imagem fotografada proporcionou na coleta de dados tomei a decisão de construir a leitura da realidade social dessas populações utilizando as fotografias para subsidiar análises possíveis quando se utiliza imagens. (ARAÚJO, 2009, p. 29).

⁸ Termo utilizado por: ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. **Fotoetnografia:** um estudo de Antropologia Visual sobre Cotidiano, Lixo e Trabalho. Porto Alegre: Tomo Editorial, 1997. O autor emprega este termo para se referir ao uso da fotografia não como um mero recurso ilustrativo, mas como uma forma narrativa, o que caracteriza a fotoetnografia.

Em alguns casos não utilizo legendas, na intenção de não direcionar o olhar do leitor. O importante é deixar que cada um, ao seu modo, interprete e faça suas próprias leituras.

Com os dados do campo em mãos pude reunir informações importantes para o andamento da pesquisa, priorizando essencialmente a vivência dos moradores da Ilha das Pimentas. O levantamento de dados em órgãos e instituições públicas e privadas serviu para complementar as informações adquiridas em campo e utilizadas na pesquisa.

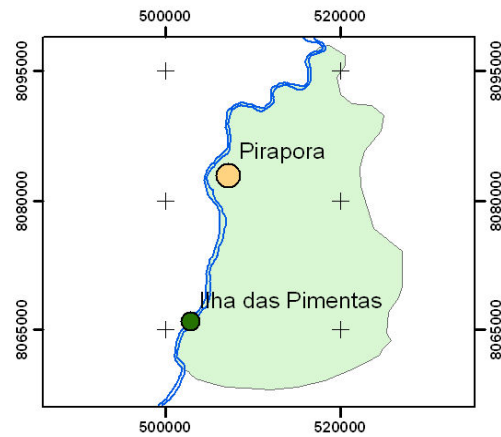
Neste tempo de pesquisas de campo deparei-me com fatos, relatos e vivências que jamais imaginei acontecer. Foram meses dedicados a experiências incontáveis e de uma riqueza grandiosa. Tudo o que vivi serviu como reflexões, em grande medida compartilhadas com os leitores deste trabalho interessados em entender o quanto a pesquisa e o material colhido em campo podem ser significantes para os rumos da pesquisa.

1.2.2 O espaço: o cenário da pesquisa

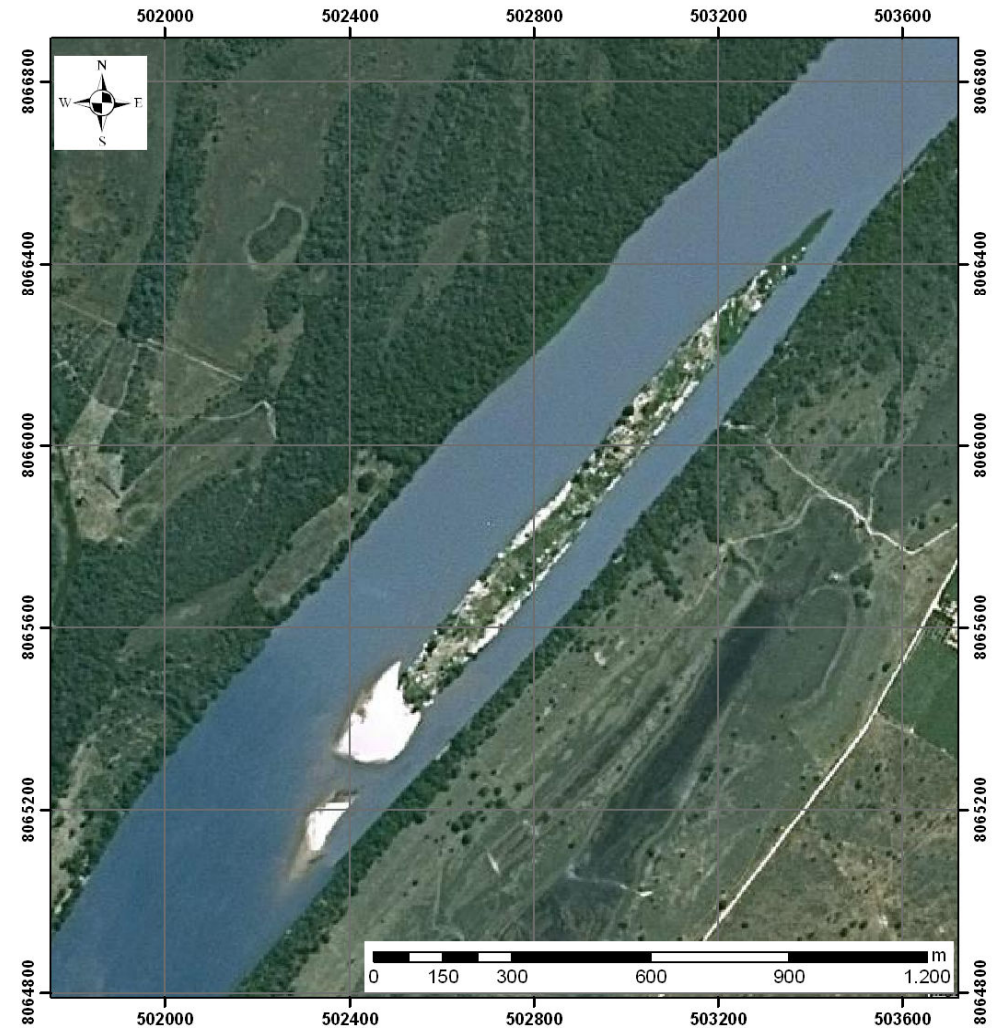
Parti em busca de descobertas, como um navegante que sobe o rio abrindo caminhos e registrando paisagens. Assim, descobri quase que pelo acaso, um lugar “diferente” que fez com que as atenções se voltassem para a descoberta. Eis o cenário da minha pesquisa. Estou falando de um território isolado geograficamente pelas águas do rio São Francisco, a Ilha das Pimentas, conforme apresentada no mapa 1⁹.

⁹ Para maiores detalhes verificar modelo digital de elevação disponível no anexo B.

Mapa de localização da Ilha das Pimentas no contexto regional



Projeção Transversal de Mercator
Meridiano Central 45° W. Gr
Datum Horizontal SAD 69
Org.: Trindade, 2010



Este pequeno lugar “lá” no meio do rio despertou o meu interesse, não apenas momentâneo, na intenção de registrar, como faziam os viajantes do rio, mas sim o desejo consistente de interpretar, entender as estratégias de permanência dos moradores nesta localidade.

Neste cenário encontrei pessoas que constroem suas casas com a certeza de que mais cedo ou mais tarde podem ser tomadas e devastadas pelas águas do rio São Francisco. Vivem momentos de incertezas, aonde o ir e vir das águas, as cheias e as enchentes tornam-se motivo de apreensão e alerta.

Neste pequeno território os moradores encontram aconchego para viver, produzem os alimentos necessários para o sustento da família e buscam no rio o peixe para o complemento da dieta alimentar. Em função das necessidades básicas de sobrevivência, os que vivem na Ilha das Pimentas partilham saberes e estabelecem vínculos, com a intenção de manterem-se enquanto viventes de um grupo e pertencentes a um mesmo território de vida.

Para os que ainda não conseguiram entender e situar o local da pesquisa digo apenas que trata-se de uma pequena ilha sanfranciscana, onde busquei e sigo buscando respostas para muitos de meus questionamentos e vivências de pesquisa. Os espaços e as gentes são, ao mesmo tempo, plurais e únicos. A princípio convido o leitor a imaginar distintas formas e rostos que ao longo do trabalho serão melhor apresentados e explicados.

1.2.3 As gentes: os sujeitos da pesquisa

Os sujeitos da pesquisa são homens e mulheres acostumados a viver em terras consideradas por elas como “do rio”. São famílias que vivem em uma pequena porção de terra formada no meio do rio São Francisco. Buscam formas próprias de vida, através de interações que revelam uma correlação entre as diversas estruturas da cultura tradicional.

Os moradores da Ilha das Pimentas são pessoas que migraram para a ilha na busca por um lugar onde pudessem manter os laços de vida com o rio e com a terra. Foram adaptados a novos ambientes e formas de produzir. Apropriaram de uma pequena parcela de terra, criando e modificando tanto a sua vida, quanto de seu lugar de convívio, através do viver o/no rio São Francisco.

Na construção da pesquisa realizei vários trabalhos de campo buscando “etno-mapear¹⁰” o território e as pessoas que hoje vivem e produzem neste ambiente atípico,

¹⁰ Este termo está sendo utilizado para se referir a um instrumento de representação das manifestações culturais no espaço, neste caso, pelos moradores da Ilha das Pimentas.

inundável em certos períodos do ano. Nas minhas “idas” e “vindas” encontrei duas situações distintas de moradia. No primeiro caso, habitações de famílias que residem em tempo integral, geralmente em casas mais simples, apenas com móveis básicos, sem pintura e piso. No segundo, identifiquei casas mais elaboradas, porém com moradores sazonais, que aparecem apenas nos feriados e fins de semana.

Diante desta situação entendo que existem na Ilha das Pimentas distintas formas de uso e apropriação do território e do rio São Francisco. Em um primeiro momento, o território enquanto reprodução da vida e reafirmação de saberes, identificados através do manejo de técnicas agrícolas e da pesca, consideradas como tradicionais. Posteriormente, o território enquanto apropriação para o lazer e recreação, utilizado sem nenhum vínculo identitário, pertencimento e enraizamento com a terra e com o rio.

Durante todo o processo de construção da pesquisa, observei estas duas situações, sendo nesta perspectiva, uma ilha de dupla função. Como o meu objetivo de pesquisa é a forma de vida e trabalho daqueles que literalmente moram na ilha, priorizei essencialmente estes moradores e busquei entender os reflexos das demais pessoas vindas “de fora” na dinâmica da ilha.

Descobri nas casas, rostos e falas deste povo expressões únicas identificadas e vividas durante as minhas visitas de campo e retratadas, com o máximo de detalhes possíveis, neste estudo. A mesclagem entre a pesquisa geográfica, as experiências antropológicas adquiridas em campo e as teorias que norteiam este estudo, sugere uma pesquisa dinâmica, aberta a novos olhares e pensada de forma solidária, seguindo os caminhos de uma pesquisa qualitativa.

1.3 Saberes dinâmicos: uma proposta de pesquisa interativa na Geografia

Cada vez mais, nas pesquisas geográficas adotamos técnicas e procedimentos advindos de outras ciências como forma de aprimorar os conhecimentos e entender com maior precisão e abertura de horizontes a realidade pesquisada. Assim, trago da Antropologia o método etnográfico como suporte para a minha pesquisa, pautada principalmente nas leituras de Malinowski (1978). Suas obras são referência em vários ramos das ciências sociais e convidam o leitor a realmente viver uma pesquisa etnográfica, tal como a que este autor realizou durante anos de pesquisa sobre o comportamento dos índios nativos de arquipélagos da Nova Guiné, na Melanésia. Logicamente não tive tempo, para realizar uma experiência

semelhante à que viveu Malinowski. Optei então em trabalhar com este autor para testar se a etnografia pode ser estudada também através dos mais improváveis meios.

O que busco com esta leitura é traduzir com clareza o conceito e aplicabilidade da etnografia, demonstrando a importância de sua utilização em minha pesquisa além de justificá-la como um instrumento necessário no campo de nosso estudo.

Malinowski (1978) demonstra em sua obra *Argonautas do Pacífico Ocidental* que para entender os aspectos da cultura da vida nativa, deve-se estudá-los de maneira total, através da análise de seus fenômenos e instituições e conforme técnicas específicas de descrição, compreensão e aprimoramento de informações, adquiridos com a prática da etnografia.

No capítulo de abertura do livro, originalmente publicado em 1922, Malinowski apresenta uma descrição dos métodos utilizados na coleta do material etnográfico, referente às pesquisas realizadas entre os nativos das Ilhas Trobriand, uma população de 1200 melanésios da costa nordeste da Nova Guiné, durante a década de 1910. Pouco tempo depois, essa apresentação passou a ter lugar privilegiado na Antropologia, provocando uma verdadeira revolução nos referenciais teóricos e nos objetivos gerais da disciplina, sendo considerada por muitos, um padrão original e exemplar em termos metodológicos.

Sua metodologia formulada a partir da etnografia visava produzir uma “visão autêntica da vida tribal” e foi mediada pela capacidade de ultrapassar alguns obstáculos e de satisfazer certas regras.

Do lado dos obstáculos, haveria tanto a falta de domínio da língua nativa, sem o qual não se atingiria o “significado intrínseco da vida tribal”, quanto aos “preconceitos e opiniões” dos “outros homens brancos” que viviam na região.

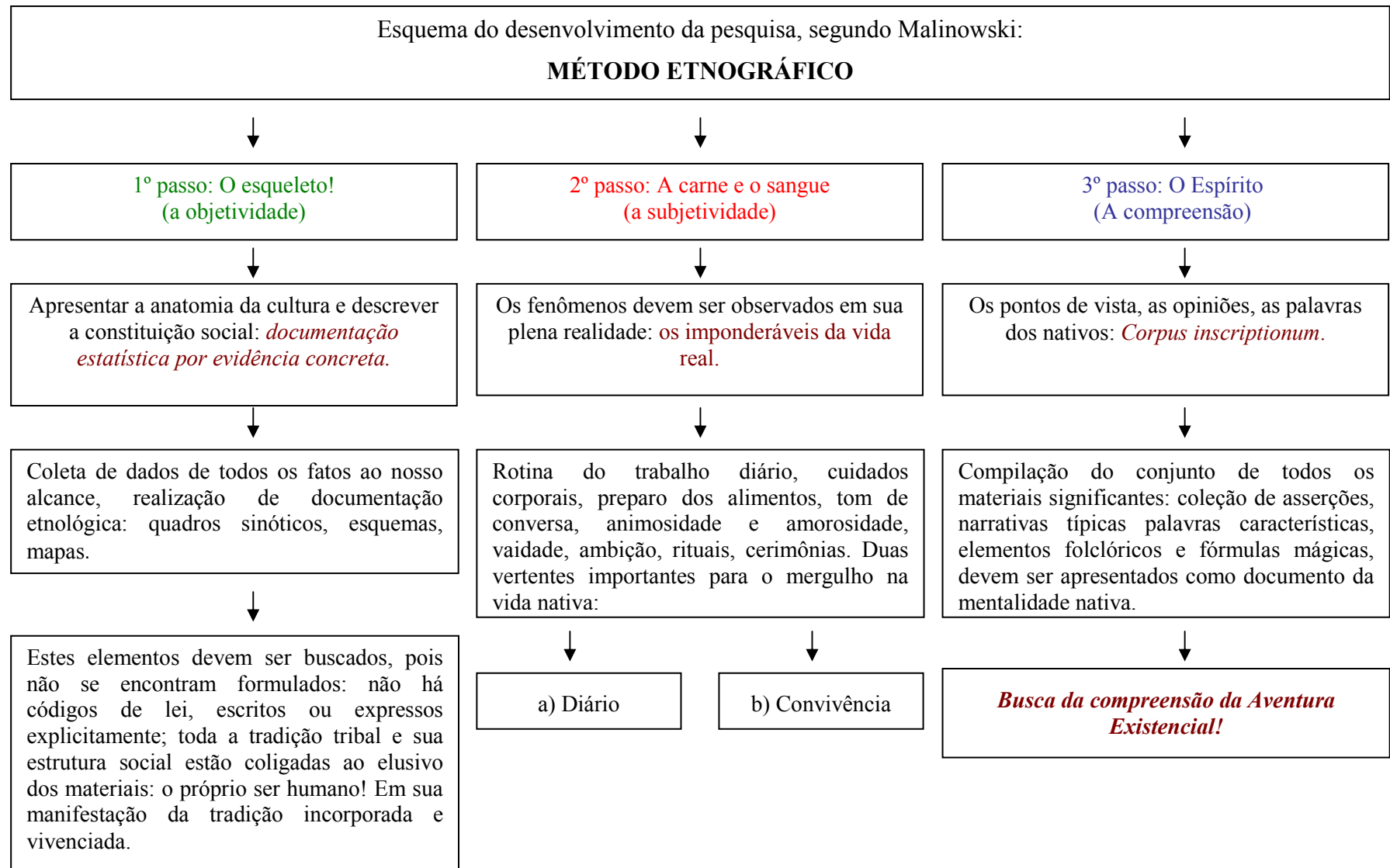
Do lado das regras, o trabalho de campo, devidamente integrado as problematizações teóricas propicia um “contato o mais íntimo possível” com o grupo estudado e, permite ao etnógrafo “tomar parte na vida da aldeia”. Assim, este autor fornece os dados que cumpririam os objetivos da pesquisa etnográfica através de seus “três caminhos”: a documentação estatística por evidência concreta, a atenção aos imponderáveis da vida real e a elaboração de um *corpus inscriptionum*.

Cada um dos três caminhos corresponde a uma tarefa determinada, é a produção de registros específicos: *as regras sociais*, apresentadas por meio de quadros sinóticos, recenseamentos e mapas; *os comportamentos reais*, detalhados e minuciosamente descritos nos diários etnográficos; a “*mentalidade nativa*”, preservação do idioma nativo, registros por meio de transcrição de palavras e asserções características, narrativas típicas e fórmulas mágicas.

A apreensão das regras, dos comportamentos e das categorias de pensamento sugere “três caminhos”, três tarefas e mesmo três registros distintos do trabalho antropológico. Malinowski apresenta a primeira tarefa como referência a um “princípio geral”, que logo se transforma em um dos aspectos da etnografia, já que se trata apenas da dimensão “legal”, o que “é permanente e fixo”.

Posteriormente ele exige que apreendamos a forma como os nativos vivem suas tradições por meio de exemplos bem concretos, convertendo logo a tarefa no registro de sua “vida real”. E, por fim, ele sugere uma atenção específica quanto ao acesso aos “estados mentais” dos nativos, mas o encaminhamento que confere ao problema parece interessar mais ao filósofo do que ao antropólogo.

O modo como Malinowski formula a pesquisa etnográfica está alicerçada em um conjunto único, interpretada da seguinte forma: o esqueleto, a carne e o sangue, o espírito. Estes três fatores sugerem, mais do que simplesmente a imagem de um ser orgânico, mas sim a sobreposição de camadas que não perdem, cada qual, a sua constituição própria. O esquema 1 representa uma análise das três etapas de desenvolvimento da pesquisa etnográfica fornecida por Malinowski.



Fonte: Malinowski, B. K., (1978).

Org.: CUNHA, Maria das Graças C., (2007).

Este esquema sugere uma postura para uma pesquisa etnográfica ser bem sucedida e ter seus resultados científicos dispostos de maneira inquestionável, devendo abarcar as três dimensões enunciadas. O esqueleto compreende os fatos concretos, obtidos através de levantamento de dados. A carne e o sangue retratam o modo cotidiano de viver, o fluxo regular dos acontecimentos diários, demonstrações de excitação em relação a uma festa, cerimônia ou fato peculiar, Malinowski (1978). Esta dimensão, segundo o autor, só pode ser alcançada a partir da convivência íntima com os nativos. Já o espírito corresponde ao modo de pensar e agir dos nativos, isto é, a maneira como eles explicam a própria realidade do “seu” mundo e a forma como o pesquisador interpreta este comportamento. Para o autor, alcançar essas três dimensões constitui a essência da pesquisa.

Os obstáculos da pesquisa assinalados por Malinowski (1978) foram a falta de domínio do idioma nativo e a pouca valia das informações prestadas por “outros homens brancos”. Estas dificuldades foram sentidas pessoalmente por Malinowski em seu primeiro trabalho de campo, durante alguns meses entre os Magi da Nova Guiné, conduzido basicamente com a ajuda de intérpretes e com o etnógrafo morando fora da aldeia.

Neste caso, o autor afirma que é preciso aprender o idioma nativo, “afastar-se da companhia de outros homens brancos” e transferir-se para dentro da aldeia. A partir disso, é possível configurar as condições para um “relacionamento natural” entre o etnógrafo e os nativos, a tal ponto que o primeiro deixaria de “representar um elemento perturbador na vida tribal que devia estudar” (MALINOWSKI, 1978, p. 21). Tais condições propiciariam ainda ao etnógrafo uma visão em tempo integral e exaustiva do cotidiano nativo. “Tudo o que se passava no decorrer do dia estava plenamente ao meu alcance e não podia, assim, escapar à minha observação” (Ibid., p. 22).

Uma das qualidades da etnografia de Malinowski (1978) é saber transmitir ao leitor a sensação de estar lá, passando ele mesmo pela experiência do contato com os remotos nativos. Ele cita ainda, algumas condições adequadas para o trabalho etnográfico. “O pesquisador deve, antes de mais nada, procurar afastar-se da companhia de outros brancos, mantendo-se assim em contato o mais íntimo possível com os nativos”. Ele evidencia a importância de estabelecer uma base na residência de um branco “suficientemente longe para que não se torne um local de moradia permanente” (Ibid., p. 21), mas onde ele possa sair a determinadas horas, para visitar a aldeia.

É importante permanecer na aldeia porque “é enorme a diferença entre o relacionar-se esporadicamente com os nativos e estar efetivamente em contato com eles”. Para o etnógrafo, significa que ele deixa de ser um “elemento perturbador” que, com a própria aproximação

alterava a vida tribal que pretendia estudar. Viver na aldeia somente com o interesse de acompanhar a vida nativa é como ver a carne e o sangue de sua verdadeira vida, que recobrem o esqueleto das construções abstratas.

O etnógrafo deve trazer consigo também o maior número de problemas possível e o hábito de formular teorias que possam ser contestadas pelos fatos ou não. Saber enunciar problemas constitui o maior talento de uma mente científica.

Lembremos que essas orientações se proclamavam constituir um “relato das condições sob as quais foram feitas as observações e coletadas as informações”, cumprindo uma exigência da metodologia científica (MALINOWSKI, 1978, p. 18). Mas elas também destinavam-se a mostrar que o etnógrafo “entrara realmente em contato com os nativos”.

Malinowski retrata indicações de que sua pesquisa entre os Trobriandenses lançou mão de diversas técnicas ou abordagens. Algumas derivadas da mensuração, como recenseamentos e mapeamentos; outras contavam com a utilização de questionamentos diretos, às vezes com informantes privilegiados, algo que pode não estar muito distante do que chamaríamos de entrevista; outras antecipavam o método da história de caso.

As técnicas e abordagens, envolvendo a “sinceridade metodológica” exigida pelo próprio Malinowski resultaram em orientações voltadas mais para a organização e apresentação dos dados do que para a sua obtenção.

O objetivo básico da pesquisa etnográfica de campo é mostrar nítida e claramente a constituição social e dividir leis e regularidade dos fenômenos naturais do que for irrelevante. O estudo é feito através de perguntas em situações reais e/ou hipotéticas e somente assim os nativos conseguem discorrer sobre o tema proposto. Deve-se observar o comportamento das pessoas, porque assim é possível descobrir o comentário de determinado assunto contido na mente do nativo.

Seja como for, uma questão permanece sem resposta definitiva: como fazer falar sobre se um saber que se construiu, em termos de seu objeto e de sua metodologia, em um discurso sobre o outro? Ou como fazê-los dizer algo diretamente sobre nós mesmos?

O fato é que sempre existirá a exigência de que seja levado adiante o ideal do encontro entre mundos diversos, entre “nós” e “eles”. Ou seja, é necessário que as pesquisas sobre “eles” encontrem fórmulas que proporcionem um pensar sobre “nós”. E, inversamente, é preciso que as pesquisas sobre “nós” incorporem as noções que foram e continuam a ser desenvolvidas para pensar sobre “eles”. Esta perspectiva supõe dois movimentos simultâneos. De um lado, negamos que se possa definir a Antropologia pelo estudo de sociedades

primitivas, tradicionais, simples, seja apenas por meio das aproximações metodológicas consagradas na noção de pesquisas etnográficas densas.

De outro lado, afirmamos ser imprescindível que se estabeleça um diálogo entre o que produzimos hoje sobre uma infinidade de objetos e mediante uma variedade de técnicas e o que a Antropologia elaborou quando estava restrita aos “primitivos” e ao trabalho de campo. Esta seria uma maneira de continuar e de subverter o desejo malinowskiano. Só podemos entender nossa natureza considerando o que aprendemos e continuaremos a aprender sobre formas estranhas e distantes de vida humana. Assim, como enriqueceremos nosso conhecimento sobre formas estranhas e distantes se ao pensarmos considerando nossa própria natureza?

Neste caso, Malinowski (1978) refere-se à cultura nativa como um “todo coerente”. Sua descrição ou análise antropológica visa à interpretação de povos distantes, seus estudos foram capazes de descrever a vivência de pesquisa e não apenas teorizar a totalidade dos fatos pesquisados.

Assim como Malinowski (1978), o antropólogo norte-americano Clifford Geertz (1989) priorizou o uso da “prática da etnografia” nos estudos culturais. Ele esclarece ainda que a etnografia não deve ser utilizada para “estabelecer relações, selecionar informações, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário”. Ela deve ser definida como um “esforço intelectual” visando uma “descrição densa” da realidade pesquisada (GEERTZ, 1989, p. 4). Segundo ele “fazer a etnografia é como tentar ler um mosaico estranho” (Ibid., p. 7).

As pesquisas etnográficas não pararam no tempo, muitos outros autores continuaram trabalhando e aprimorando o conceito. Desta forma, a etnografia adquire, a cada dia, papel importante nos trabalhos relacionados à Geografia Humana e constantemente vem sendo utilizada nos estudos envolvendo pesquisas culturais desde a Geografia. Apesar de uma variedade de autores trabalharem com a etnografia, adotei as idéias de Malinowski (1978) e Geertz (1989) por as considerarem originais, com aportes teóricos suficientes para sustentar a minha proposta de estudo.

Considero que os moradores da Ilha das Pimentas, assim como os nativos das ilhas Trobriand, desenham e redesenham seus espaços a partir de suas vivências. Perceber isso permitirá um exercício teórico e metodológico de pesquisa fundamentado na “prática da etnografia”, visando entender as formas de manifestação da cultura tradicional, visto sob outros olhares e entendido como um lugar da vida.

Através das pesquisas de campo aplicando as técnicas da etnografia e pensando nos resultados qualitativos do trabalho, busco primeiramente fundamentações teóricas que sirvam de alicerce para os desafios e reflexões que a pesquisa nos proporciona. No capítulo seguinte trabalho os conceitos de cultura e o de comunidade tradicional como categorias essenciais para o entendimento da dinâmica territorial e fluvial dos moradores da Ilha das Pimentas.



2 SEGUIR, EXISTIR, RESISTIR: viver uma cultura e ser uma comunidade tradicional

Busco através da articulação entre algumas concepções de análise relacionadas à Sociologia e principalmente a Antropologia, entender o conceito e a aplicabilidade das categorias cultura e comunidade tradicional, consideradas essenciais para efetivação de meus estudos. Com esta reflexão procuro entender de que forma poderia aplicá-las de acordo com suas funcionalidades e representatividades a realidade das ilhas fluviais sanfranciscanas.

2.1 Viver uma cultura

Procurei entender a categoria cultura a partir das idéias antropológicas, referência nos estudos sobre este conceito e na análise comportamental dos povos. Mesmo na Antropologia não existe um consenso quanto ao significado da idéia e do conceito de cultura. Distante disto, o que proponho é visitar a análise de alguns autores, na intenção de entender como esta categoria vem sendo trabalhada, além de visualizar quais as implicações e manifestações deste conceito no lugar de nossa pesquisa.

Parti das idéias de Clifford Geertz (1989). Em sua obra ele evidencia que considera a cultura como um sistema simbólico. A partir desta definição de cultura, o autor tenta buscar a definição de ser humano; ou seja, para ele, todos os homens são geneticamente aptos para receber um programa, e este programa pode ser chamado de cultura. Os saberes implícitos postos em funcionamento pelos atores sociais legitimam sua atividade prática por meio de ações ligadas aos “signos” e “significados”. A Antropologia interpretativa desenvolvida por Geertz (1989) apoiou-se principalmente nas idéias do sociólogo alemão Max Weber. Através delas, acreditando “que o homem é amarrado a teias de significação que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias” (GEERTZ, 1989, p. 4).

Segundo outros antropólogos, o conceito de cultura ganha outros sentidos. Muitos antes de Geertz (1989), Franz Boas (2004) definia a cultura como algo particular, este autor percebe a cultura como algo autônomo. Já Levi-Strauss (1973) considera cultura como a articulação de determinantes inconscientes e de manifestações institucionais. Ele enaltece a harmonia e sabedoria das culturas dos povos simples, chamadas por ele de sociedades “frias” ou “culturas frias” em oposição às sociedades “quentes”, inseridas na roda viva da história, afastando-se cada vez mais da ordem “natural”.

Para Malinowski (1978) a existência da cultura se dá pela interação, na qual atuam os indivíduos em sua relação com a natureza. Priorizo aqui as idéias deste autor, que considera a cultura como um conjunto integral de instrumentos e bens de consumo, nos códigos constitucionais dos vários grupos da sociedade, nas idéias e saberes, nas crenças e costumes humanos.

Malinowski (1978) apresenta a cultura como um meio proposto para atingir um fim almejado, ou seja, manipular o ambiente de alguma forma. Ela é criada por grupos humanos com a intenção de codificar atitudes baseadas na observação do próprio ecossistema e nos melhores caminhos para lidar com problemas impostos pela natureza. A cultura em Malinowski é um meio pelo qual o ser humano satisfaz suas necessidades básicas, naturais. É o todo integral constituído por implementos de bens de consumo, por cartas constitucionais para os vários agrupamentos sociais, por idéias e saberes humanos, por crenças e costumes.

A cultura é essencialmente uma aparelhagem instrumental pela qual o homem é colocado numa posição coletivamente adequada para lidar com os problemas, os dilemas concretos que lhe deparam em seu ambiente no curso da satisfação de suas necessidades. É um sistema de objetos, atividades e atitudes, em que boa parte existe como meios para a realização de um fim. É um sistema integral no qual vários elementos são interdependentes. Essas atividades e objetos são organizados em torno de tarefas importantes e vitais, em instituições tais como a família, o clã, a comunidade local, a tribo e as equipes organizadas de cooperação econômica, política, legal e atividade educacional.

Do ponto de vista dinâmico a cultura pode ser analisada numa série de aspectos tais como: educação, controle social, economia, sistemas de conhecimento, crença e moralidade e também modos de expressão criadora e artística. Os estudos das culturas, sob o ponto de vista da função, ressalta a aplicabilidade de cada unidade da cultura no contexto cultural global. Devemos, portanto, saber averiguar as funções, usos e costumes através dos quais, a cultura implica em uma identidade cultural.

A cultura constitui uma totalidade integrada, não é, um todo diferenciado, mas apresenta núcleos de ordenação e correlação, são as instituições, unidades multidimensionais que compreendem uma constituição ou código, que consiste no sistema de valores em vista dos quais os seres humanos se associam. A prática do kula estudado por Malinowski (1978) é considerado um exemplo de uma instituição nativa dotada de enorme variedade de aspectos e associada a um sem-número de atividades, expressamente vivenciados pelos nativos. O ritual do Kula baseia-se sob o ponto de vista sociológico, em uma rede de relações sociais de influências culturais ampla, enraizada na tradição dos nativos.

Assim, as formas de pensar e agir de grupos diferentes merece o maior respeito possível e, por isso, seria injusto a introdução deliberada de mudanças impostas no interior dessas culturas. Para os antropólogos, a cultura tem significado amplo: engloba os modos comuns e aprendidos da vida, transmitidos pelos indivíduos e grupos em sociedade.

Alguns geógrafos consideram o conceito de cultura associado aos estudos da Geografia cultural. Para Claval (2001) a cultura é para o geógrafo, “a soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas” (CLAVAl, 2001, p. 63). Em outro momento, o mesmo autor afirma que “os geógrafos, considerando a cultura, não buscam somente desenvolver um novo domínio chamado ‘geografia cultural’, mas reconstruir toda a geografia humana a partir de uma perspectiva nova” (CLAVAl, 2007, p. 162). Nesta análise a cultura passa a ser trabalhada pelos geógrafos culturais como uma forma de projeção aos novos estudos e tendências. Em função da flexibilidade do conceito, a cultura oferece subsídios importantes para uma interpretação dinâmica dos fenômenos. Conforme afirmam Gosgrove e Jackson (2007) “a visão unitária da Cultura dá lugar à pluriatividade de culturas, cada uma com suas especificidades de tempo e lugar” (GOSGROVE e JACKSON, 2007, p. 142).

No Brasil autores como Rosendahl (2007)¹¹, Corrêa (2007), Almeida (2003), além de alguns núcleos de estudos,¹² vêm ao longo dos anos dedicando suas pesquisas a esta temática e trazendo para o campo da Geografia novas perspectivas e análises acerca dos estudos culturais.

As diferentes visões sobre a categoria cultura convida-me a pensar em uma análise de modos de ser e representar socialmente a vida diferenciados, envolvendo povos distintos que se completam em um todo denominado Cultura. Portanto, a categoria cultura (no singular) remete-me a uma visão mais ampla. São grupos com características comuns envoltos por e em um conjunto de relações constituídas a partir de saberes, símbolos e significados partilhados entre si. Já culturas (no plural) está intimamente ligada aos fatos reais e próximos. É expressa pelo simples fato de existir e interagir com os espaços em que ocupam, firmando-se representações e identidades próprias, respaldadas em um saber macro derivado de uma cultura.

¹¹ Zeny Rosendahl é coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura (NEPEC) vinculado ao Departamento de Geografia da UERJ, por onde tem publicado importantes periódicos relacionados à Geografia Cultural.

¹² Além do NEPEC cito ainda o Núcleo de Estudos em Espaço e Representações (NEER), vinculado ao Departamento de Geografia da UFPR; o Grupo de Estudos e Pesquisas de Espacialidades Culturais (EPEC), vinculado ao Instituto de Estudos Sócio-Ambientais da UFG; o Laboratório de Geografia Cultural e Turismo, vinculado ao Instituto de Geografia da UFU; o Grupo de Estudos Sociedade e Cultura, vinculado ao Núcleo de Pós-Graduação em Geografia da UFS, entre outros.

Exemplificando, me vejo diante do que denomino de cultura tradicional como sendo a escala macro da realização de uma cultura. Já as práticas tradicionais exercidas pelos “ilheiros” da Ilha das Pimentas estão em uma escala micro e traduzem uma manifestação peculiar desta cultura, criada socialmente através de suas próprias práticas, dando a ela novos significados.

Não importando associar ou diferenciar tais análises, estas combinações ganham sentido e significado por serem estudos diferenciados do comportamento entre sociedade e natureza. E que, por este motivo, elas merecem ser pensadas como categorias fundantes da presente pesquisa.

A cultura tem suas bases na organização sociocultural. Ela mantém-se e se transforma em função de estruturas e processos sociais e diferenciados do ser, conviver, agir e pensar. Todo o complexo envolvendo as relações sociais, políticas, econômicas, religiosas e culturais nos permite uma diversidade para se trabalhar a cultura, não de forma fragmentada, mas sim, integrada, procurando interpretar a sua totalidade e analisar as suas singularidades.

Saber diferenciar o que adoto aqui como teorias culturais e o que realmente exemplifica a essência, através de fenômenos concretos ligados as relações interativas entre os povos, talvez seja o caminho mais coerente para entender a complexidade da categoria cultura. Um exemplo concreto estaria nos estudos de Malinowski (1978), descritos e relacionados à pesquisa etnográfica, claramente exemplificada e posta em prática em suas pesquisas do ritual do Kula entre os nativos das ilhas Trombiand. Para muitos, tal análise poderia ser simplesmente uma forma de comércio praticada entre os nativos. Mas para um pesquisador interessado em descrever a totalidade dos fatos, as suas peculiaridades constituem a marca essencial para compreendê-las e desvendá-las.

Assim, entender o conceito de cultura do ponto de vista de Malinowski (1978), seria associar o meio no qual os seres se interagem e fazer com que, aquilo que para muitos seria um universo rotineiro e desinteressante da vida de uma dada comunidade, torne-se para um investigador atento, algo a ser nitidamente descrito e analisado de forma visível. Colocando assim, como marco diferencial as relações entre as pessoas e o universo na qual elas estão submetidas, compreendendo o que o autor caracteriza como “fato social total”.

Dentre os caminhos trilhados na construção deste trabalho, encontrei nos estudos de Malinowski (1978) respaldo suficiente para justificar e entender os procedimentos teóricos e metodológicos experienciados durante a pesquisa e vivenciados pelas pessoas que criam e convivem com a cultura tradicional.

Partindo da compreensão de Malinowski (1978) juntamente com as orientações e escritos de Brandão (1999) foi possível perceber que a compreensão do conceito de cultura depende de um estudo minucioso, sendo que para cada situação e localização existe uma experiência única, incomparável a qualquer outra. Portanto, cada cultura só pode ser entendida em toda a sua amplitude segundo uma visão “de dentro para fora”, ou seja, a partir de sua lógica interior.

Para entender a cultura em Malinowski (1978) o autor nos chama atenção para a importância da etnografia, na intenção de compreender com profundidade os fenômenos estudados. Para tanto a utilizo aqui, como eixo norteador das pesquisas, no exercício de buscar perceber os fenômenos na sua totalidade.

Sendo assim, procurei realizar minhas pesquisas de campo na Ilha das Pimentas preocupada em sempre associar da melhor forma possível o conceito de cultura à vida cotidiana das pessoas. Entre encontros casuais com moradores de uma casa e outra, caminhadas de fim de tarde e conversas informais, procurei interagir com as pessoas e conhecer melhor a dinâmica de um viver na ilha. Através da relação de confiança e reciprocidade foi possível realizar uma pesquisa interativa com a participação e contribuição de todos os moradores, proporcionando reflexões fundamentadas nas vivências e experiências dos pesquisados e nas discussões teóricas apresentadas.

No tópico seguinte trabalho com o conceito de comunidade e suas implicações nas vivências tradicionais. Procuro ainda, compreender os processos que contribuem para a construção de uma identidade regional, mais especificamente de moradores e moradoras das ilhas sanfranciscanas.

2.2 Ser uma comunidade tradicional

O objetivo principal proposto neste trabalho obriga-me a refletir sobre a seguinte indagação: podemos caracterizar as ilhas fluviais habitadas do São Francisco como comunidades com vivências tradicionais? A resposta a esta pergunta traz uma série de análises que vão desde os fatos mais genéricos e uniformes até os comportamentos mais específicos de um dado lugar, presentes nos espaços das ilhas fluviais.

Para os autores que trabalham com a definição do conceito de comunidade tradicional, o essencial nestes estudos é saber diferenciar e desvendar o que cada espaço e lugar social pesquisado possui de singular. Segundo Brandão (1999), devemos saber ouvir o que “eles

dizem sobre eles” e reconstruir o que “nós dizemos sobre eles”, numa criação do “endo” (de dentro da comunidade) para o “exo” (construção do pesquisador).

As relações simbólicas e de afetividade, por exemplo, são fatores presentes em quase todos os estudos sobre comunidades tradicionais, enquanto as formas de ocupação e usos dos espaços são específicas de cada localidade.

Antes mesmo de considerar aqui alguns estudos teóricos devo deter-me em dizer algo sobre a percepção e o olhar do pesquisador. Este é um fator essencial nos estudos sobre comunidades tradicionais, capaz de direcionar a forma como será realizada e analisada uma pesquisa. Um estudioso interessado em estudar minuciosamente uma comunidade chega buscando em um primeiro momento “o ver” com um olhar inocente, apenas tentando capturar gestos, cenas e coisas. Posteriormente começa a perceber “o outro” como uma conduta social pessoalizada através de uma interação intermediada por códigos e linguagens. E, em uma aproximação mais íntima, o pesquisador já é capaz de trocar mensagens e manter laços de reciprocidade.

Todas estas ações de “chegada” e “estadia” de um pesquisador a uma determinada comunidade desvendam de que forma um dado local pode ser caracterizado e estudado. Observar os gestos, os comportamentos e as condutas sociais de um povo em um lugar, revela muito sobre o que eles são e de que forma eles pensam seu mundo.

A partir de minhas visitas iniciais de campo a Ilha das Pimentas ficou-me a seguinte indagação: será que possuo respaldos suficientes para denominá-la como uma comunidade tradicional?

Sendo assim, começo minha reflexão apresentando as concepções dos estudos sobre comunidades, relacionados aos fatores de ordem conceitual e tempo/espacial. Menciono ainda os desdobramentos destes comportamentos dentro do mundo vivido em comunidade, associados às relações sociais, simbólicas e de afetividade. Procuro trabalhar de maneira dinâmica e articulada, enfocando a diversidade conceitual sobre a categoria comunidade tradicional, com a intenção de priorizar as singularidades comportamentais de cada localidade, como é o caso do meu estudo específico.

2.3 O conceito de comunidade e seus espaços

Desde um indivíduo até suas múltiplas relações, as formas de viver **em** e **na** comunidade são estabelecidas por uma rede de relações sociais interativas, constituídas por um modo de vida próprio. Algo passado, vivido e pensado entre e através de atores sociais e

em um determinado tempo-espaço. Assim, pensando na forma como vivem os moradores da Ilha das Pimentas, podemos caracterizá-los como integrantes de uma comunidade tradicional?

Na intenção de responder esta pergunta, parto primeiramente para a análise do conceito de comunidade fundamentados em leituras de autores como Tonnies, MacIver e Page, Freyer, Weber e Park e Burgess¹³ que empregam as expressões *comunidade* e *sociedade* de forma correspondente, sendo dois aspectos essenciais de toda a vida grupal.

Autores como MacIver e Page (1973) afirmam que “uma comunidade ocupa sempre uma área territorial” (MACIVER e PAGE 1973, p. 123). Mas, é possível existir uma comunidade sem as suas bases territoriais geograficamente demarcadas por todo o tempo, como é o caso de uma ilha? Os mesmos autores escrevem que não necessariamente deve existir um espaço geográfico determinado.

Onde quer que os membros de qualquer grupo, pequeno ou grande, vivam juntos e de modo tal que partilhem, não deste ou daquele interesse, mas das condições básicas de uma vida em comum, chamamos a esse grupo comunidade. (MACIVER e PAGE, 1973, p. 122).

Assim, entendemos que a Ilha das Pimentas ocupa um determinado território insular, uma localidade existente entre as duas margens de um rio, onde os seus moradores e/ou usuários estabelecem laços de convivência e de solidariedade. São as relações sociais que dão características de vínculos e afeição para com o lugar de existência. Os viventes deste lugar constroem laços interativos de afetividade, considerando o território como uso, apropriação, afeições e símbolos característicos de um espaço heterogêneo, remodelado conforme os ciclos do rio São Francisco.

Conforme afirma MacIver e Page (1973) a vida em comunidade “pode ser totalmente vivida dentro dela” não sendo necessariamente auto-suficientes. O que importa realmente são os interesses em comum, ou seja, o sentimento de comunidade, ou como prefere Weber (1973) “o sentido de formar um todo”.

Já Wirth (1973) conceitua comunidade como “o viver-se juntos, de um lado, e o de participar-se de uma vida em comum de outro” (WIRTH, 1973, p. 85). O que interessa, neste caso, é a participação coletiva dos indivíduos, os domínios sociais e a representatividade própria de cada sujeito. Assim, estes fatos conduzem a um espaço com características

¹³ Seus trabalhos originais possuem datas diferentes, porém todos os textos encontram-se disponíveis In: FERNANDES, Florestan. **Comunidade e Sociedade**: Leituras sobre Problemas Conceituais, Metodológicos e de Aplicação. São Paulo: Nacional e Edusp, 1973.

peculiares de vivências e formas singulares de agir, pensar, habitar e viver em/na comunidade conforme estabelecido na Ilha das Pimentas.

O habitar neste caso, é o elemento que conduz a territorialização dos moradores da ilha. Em outras palavras, significa afirmar que é estabelecendo teias sociais e bases territoriais, entendida aqui como recurso necessário a vida cotidiana e, ao mesmo tempo como a base significativa de cada família, construídas e (re) construídas geograficamente de acordo com a mutação do território da ilha.

A comunidade é, portanto um “espaço de vida”. O que caracteriza a essência de cada comunidade são os sujeitos e as relações que se estabelecem entre eles e com a natureza. Ramos (2009) sintetiza o conceito da seguinte forma:

[...] três aspectos são fundamentais para conceituarmos os espaços da comunidade: primeiro, a comunidade é um espaço da vida na cotidianidade; segundo, o que está dentro da comunidade são pessoas e suas relações; finalmente, o que caracteriza a comunidade é o fato de que a vida de alguém pode ser totalmente vivida dentro dela. (RAMOS, 2009, p. 8)

Portanto, a constituição da vida em comunidade depende das inter-relações sociais ligadas a um território comum. Território este, não essencialmente com limites geográficos de habitação, mas ainda com universos que se expandem para além do espaço delimitado. Neste caso compreende os ambientes simbólicos, místicos, políticos e econômicos, resumidos pelos moradores da ilha entre casa, rio São Francisco e rua. O território neste caso é dinâmico, os limites e as fronteiras perdem as suas características principais, dando lugar para a referência significativa na vida das pessoas. De acordo com a necessidade e mobilidade das águas do rio, o território é reinventado, tendo um significado específico em cada época do ano.

Além do território, categoria que será melhor trabalhada no contexto das ilhas fluviais nos itens 3.7 e 3.8, percebemos ainda o sentimento de afetividade presente na vida dos moradores da Ilha das Pimentas. São laços de reciprocidade, onde o viver juntos em um mesmo lugar, a união e a “área de vida em comum” faz deste território uma comunidade, em que é garantida a sobrevivência e a reprodução da vida. Comunidade é, portanto, a partilha tanto de um modo de vida, quanto de uma terra em comum.

Para além da interpretação do conceito, importa ainda enfatizar que os grupos humanos vivem enlaçados por um recorte tempo/espacial, na formação de um “nós” construído ao longo da história.

Devemos observar bem quem são as pessoas que estão “na” comunidade e quem são os que realmente se consideram “da” comunidade. Na ilha das Pimentas presenciamos casos

de pessoas que possuem propriedades e não são consideradas integrantes da comunidade, como por exemplo, os moradores aleatórios que visitam a ilha apenas nos fins de semana e feriados. Encontramos ainda, pessoas que moram, mas que não possuem nenhum tipo de vínculo afetivo com o lugar, alguns chegam a dizer que preferem morar na cidade. Temos ainda, pessoas que se sentem membros da comunidade, porém moram fora da ilha para estudar ou trabalhar. E finalmente, as pessoas que realmente moram, vivem e sentem-se integrantes na/da comunidade.

Neste caso, temos primeiramente a simples ação prática de habitar, sem o reconhecimento dos demais membros da comunidade; o habitar sem o real sentimento de pertencimento a comunidade; o não habitar, mas considerar-se como membro da comunidade em função dos laços passados e; o habitar territorialmente e sentimentalmente a comunidade. Todas estas situações refletem os recortes espaços/temporais que perpassam o sentido da vida em comunidade.

A diferença entre o viver “na” e “da” comunidade está no sentimento de pertencimento, afinidade, na relação de reciprocidade e na formação de uma identidade com o lugar. A identidade se cria pelos laços de afetividade com o território e com as pessoas, através de seus modos de vida e representações do espaço de vivência. A constituição dos espaços de vivência de um grupo dentro de uma comunidade são bastante característicos, podendo ser visualizados a partir dos seus usos, conforme quadro 2, da seguinte forma:

ESPAÇOS	USOS	ONDE ACONTECEM
Geográfico	Ilha das Pimentas	Locais de habitação, incluindo a dimensão do simbólico
Reprodução da vida	Ilha e rio São Francisco	Locais onde acontecem as práticas econômicas
Convivência	Ilha, rio e margens	Locais para ações do bem comum
Instituições sociais	Fazendas e cidade	Locais que não são considerados da comunidade

Quadro 2 - Usos e ocupações dos espaços das ilhas.
Org.: SOUZA, A. F. G., (2009).

Portanto, é possível definir duas situações distintas. De um lado, aquilo que é originário da comunidade, ou seja, que faz parte da gramática social e linguística da comunidade. Do outro, o que vem de fora, ações e objetos que são inseridos na comunidade por algum tipo de instituição, como por exemplo, a instalação de uma escola. Devemos entender que estas duas situações são, ora mais ou menos presentes nos espaços da comunidade dependendo das características próprias de cada localidade.

Assim, em uma primeira análise, separamos o que são as bases conceituais e territoriais de uma comunidade, todas elas identificadas com mais ou menos frequência nas

pesquisas feitas na Ilha das Pimentas. Sendo portanto interpretadas como um modo interativo de vivência cotidiana, retratando formas de estar **na** comunidade e viver **em** comunidade nos diversos lugares.

2.4 As relações sociais em comunidade: práticas, éticas e lógicas

A partir de agora procuraremos entender como as relações sociais entre coisas e pessoas são importantes na vida em comunidade. O que realmente é necessário saber é que as relações em comunidade devem ser entendidas de duas maneiras distintas. Primeiramente classificamos como uma relação de endo-dependência (dentro da comunidade) ou ainda uma relação de inter-dependência (entre comunidades e lugares distantes). De fato devemos perceber que no caso específico da Ilhas das Pimentas as relações se dão de acordo com interesses comuns, fundados basicamente através da comunicação.

A comunicação é um dos fatores primordiais para a manutenção de condutas que vão além das gramáticas sociais. O comportamento, o agir, o vestir, o falar e ainda a lógica de comunicação com a natureza formam um todo, uma “área de existência social” com formas de comportamento presente inteiramente dentro de uma área de vivência comum bastante delimitada.

Porém, estas características atreladas aos vínculos com o passado podem ser apontadas como típicas da comunidade tradicional e dos moradores da Ilha das Pimentas?

Foster (1976) caracteriza a comunidade tradicional de acordo com a idéia de uma sociedade parcial com uma cultura parcial, este autor considera a sociedade camponesa um segmento de classes, ou seja, está interligada, mas não é integrada. São partes da sociedade em que vivem, mas não se sentem integrantes dela. O termo cultura parcial seria definido com o que conhecemos por idéia de igualdade, com uma economia praticada para gerar uma uniformidade de capitalização.

Martins (1975) trabalha na mesma perspectiva com a idéia de produção de excedentes para a manutenção da vida camponesa. Ainda, como preferem outros autores, a idéia das comunidades sustentáveis, onde todos mantêm o mesmo padrão de vida e vivem da ajuda mútua.

As relações sociais que acontecem na Ilha das Pimentas em grande parte estão ligadas em função dos laços de parentescos existentes, onde a “família é o centro da vida afetiva do indivíduo”, Pierson (1966). Em muitos casos a própria formação da comunidade acontece em função destes laços que continuam se propagando nos tempos atuais, como auto-afirmação de

grupos coesos e disseminadores de uma cultura própria, garantindo a reprodução dos saberes de geração em geração.

Durante a pesquisa realizada na Ilha das Pimentas foi possível perceber sentimentos de afetividade, laços de parentescos, amizades e vizinhanças. O compadrio é outro comportamento bastante praticado na vida dos “ilheiros”, fundado pela interdependência econômica e alicerçado pela mutualidade de interesses em comum. Alguns moradores se relacionam pelos laços consanguíneos ou de casamento, com uma cultura fortemente caracterizada pela religiosidade, superstições e mitos. É comum escutar entre eles histórias de caboclo d’água, sereias e outras criaturas do rio.

Além dos grupos sociais temos ainda a vida comunitária, pessoas que interagem e que possuem vínculos em comum. A fundação da associação de moradores inaugurada no dia 13 de maio de 1997 é um exemplo, o comportamento em grupo enlaça as pessoas na luta por ideais em comum.

Outro fator importante de ser analisado é o saber fazer e as redes de significados existentes entre eles, conforme analisado a seguir.

2.4.1 As práticas do fazer

As formas de trabalho em comunidades tradicionais também merecem destaque. Nos estudos de Meyer (1979), por exemplo, a autora destaca a formação da vida sendo constituída em função das práticas do fazer. O ato de plantar e cultivar a terra de forma singular traduz um modo de vida característico de povos que priorizam o trabalho familiar, a troca de dias e os mutirões como forma de reprodução. A divisão sexual do trabalho também é descrita pela autora como uma estratégia para se manterem enquanto família camponesa.

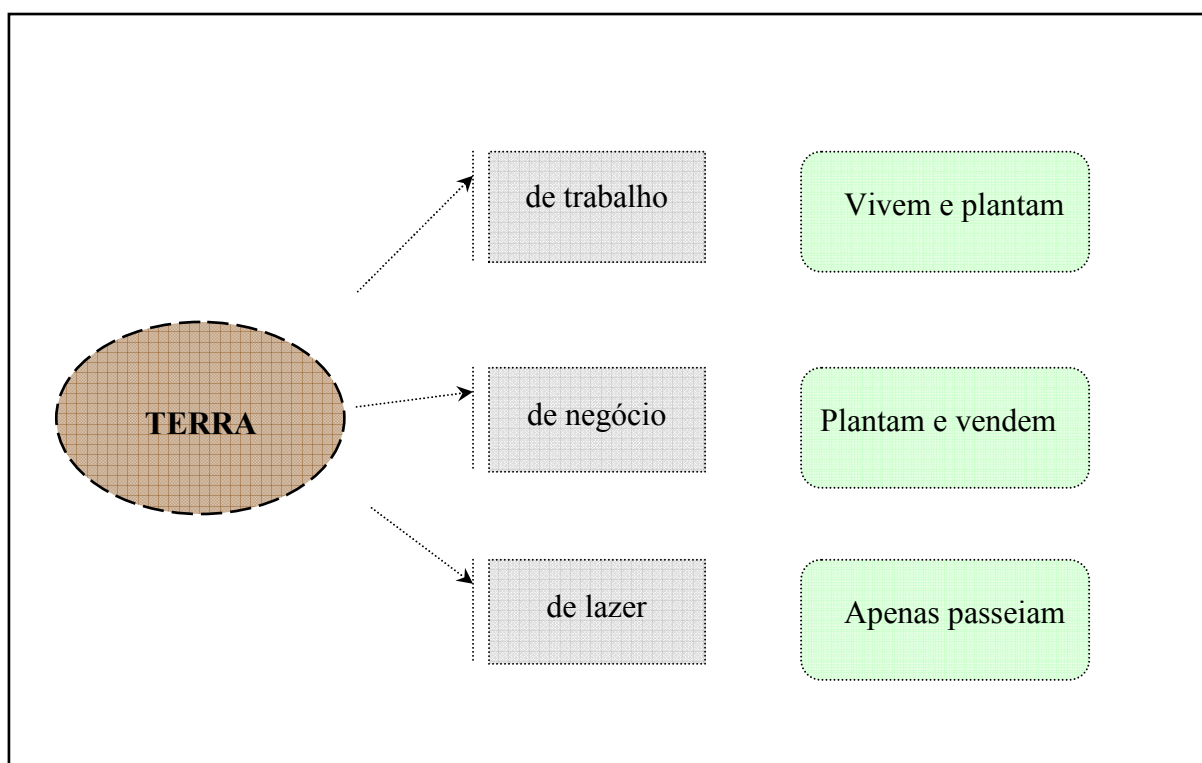
O acordo tácito, a formação de um “ethos” e uma ética baseado em um direito tradicional para uso do território se faz presente; a divisão das terras acaba não sendo prioridade, o que facilita a manutenção da família na localidade. Segundo Meyer (1979), os sítios são agrupados em linhas, onde predominam os “fortes” sobre os “fracos”. Estas expressões estão relacionadas à produção da lavoura. As redes de solidariedade são capazes de articular vários sítios, sendo encarada pela autora como forma de defesa da comunidade.

Woortmann e Woortmann (1997) caracterizam a vida e o trabalho camponês com a terra de forma indissociável. As relações sociais, de gênero, familiares, comportamentais e espaciais engendam-se a partir da lógica interna de saberes e conhecimento da natureza. Todo o processo produtivo está envolto por uma articulação de ações técnicas e simbólicas, sendo

assim, a lógica de produção camponesa dos nordestinos estudados pelos autores, “além de produzir cultivos, o trabalho produz culturas”. A classificação “forte/fraco” e “quente/frio” são usadas pelos autores para caracterizar a qualidade da terra e das plantas.

No caso das práticas dos moradores das ilhas, os estudos de Araújo (2009) descrevem com sutileza as várias formas de ocupação e usos dos espaços para o trabalho. A beira do rio, a lagoa e a ilha são espaços de vivência, onde saber observar as regras da natureza é essencial para se produzir. As comunidades “vazanteiras” pesquisadas por ela desenvolvem técnicas singulares de produção de acordo com o conhecimento do solo e das práticas agrícolas herdadas dos antepassados. Todas estas possibilidades e potencialidades são chamadas pela autora de “sociodinâmicas ambientais”, onde os vínculos e códigos sociais são evidenciados pela ocupação do território e a sua permanência.

Conforme descrito por Araújo (2009) o uso da terra nas ilhas é uma das estratégias para a manutenção e reprodução social do grupo, distribuídas conforme apresentado no fluxograma 1, da seguinte forma:



Fluxograma 1 - Categorias de uso da terra nas ilhas.
Org.: SOUZA, A. F. G., (2009).

Esta distribuição distingue ainda duas formas diferenciadas de ocupação e produção nas ilhas fluviais sanfranciscanas. Neste caso, encontramos duas situações distintas entre “ser do lugar” versus “ser de fora”. Para os que vivem no lugar, a terra é símbolo de vida e

trabalho, dela eles retiram o seu sustento e de sua família. Terra que lhes oferece abrigo e proteção, que oferta a água e partilha vidas. Já para os que vêm “de fora” a terra acaba sendo apenas objeto de capitalização e exploração de recursos.

Além das práticas de produção, temos ainda as regras de comportamento que estabelecem as formas de agir dentro de um grupo, criando no caso das ilhas, códigos próprios de conduta.

2.4.2 As éticas do agir

As regras de convivência permite uma distinção na relação vivida por cada núcleo familiar. Segundo Brandão (1995) existe toda uma rede de relações comportamentais que ditam as regras de convivência e de participação dentro de uma comunidade. O “viver só” é um dos casos, porém esta situação não foi presenciada na Ilha das Pimentas. Na maioria dos casos esta condição não é bem vista pelos moradores, muitos preferem dizer que moram só, mas não vivem sozinhos, estão com Deus.

A relação familiar é bastante valorizada, sendo pensada como uma teia de gestos sociais e simbólicos que tornam possíveis a convivência, ou seja, só se vive bem se estiverem na companhia da família. Em muitos casos a necessidade de migrar para outras regiões ou cidades na busca por melhores condições de vida e trabalho acaba afastando muitos filhos e netos do convívio familiar.

Para além da família temos as relações entre outros grupos, reunidos tanto pelas experiências como pelo prazer da convivência. São outras teias que se formam pela idade ou pelos interesses em comum, aproximando ou afastando os sexos.

O quadro 3 demonstra a movimentação das pessoas através de domínios entrelaçados, em um ciclo onde todos comunicam entre si.

CATEGORIAS	CARACTERÍSTICAS	EXEMPLO
Viver sozinho	“estar só”	Velhos
Relação dual	“estar a dois”	Casal
Grupo familiar	“estar com os meus”	Família
Grupos de interesses	“estar entre os meus”	Time de futebol
Grupos de idade	“estar como os como eu”	Grupos de homens

Quadro 3 - Os círculos do “ser”.

Fonte: BRANDÃO, C. R. (1995) adaptado por SOUZA, A. F. G., (2009).

A prática da religião católica é algo notório entre os moradores da Ilha das Pimentas, sendo motivo da participação efetiva e do sentimento de ser “de dentro” da comunidade. Os seres em todas as suas ações práticas da vida carregam sentidos, significados e simbolizações, o “pedir pelo outro” acaba sendo um gesto de gratidão e solidariedade identificado entre os moradores.

A conduta religiosa é usada para justificar as ações práticas e simbólicas que ora se mesclam, ora se separam. Em muitos casos fica evidente a persistência de ritos e crenças tradicionais adotadas como símbolos marcantes de uma comunidade “ilheira” centrada na família e na vida comunitária.

De acordo com Brandão (1995) para os que vêm “de fora” existe uma sutil diferença entre “conviver” e “participar”. Conviver significa partilhar, trocar experiências coletivas, já participar é simplesmente a ação prática para a produção de bens. “Portanto todas as pessoas que vivem em comunidade estão em algum lugar de convivência porque desejam ser e estão em algum lugar de participação porque são convidados ou convocados”, (BANDÃO, 1995, p. 160), porém, em ambos os casos as relações de afinidade são diversas.

Todos os espaços sociais de **trabalho, convivência e participação**, configuram situações simbólicas de afirmação de similitude e diferença. O que distingue uns dos outros é a maneira como interna e externamente relacionam o desejo da afirmação de uma e outra, na produção de identidades. (BRANDÃO, 1995, p. 166, grifos do autor).

Todas estas diferenças e similitudes são expressas pela oposição entre “modernidade” atribuída as pessoas que são “de fora”, ou seja, “gentes como nós” e tradição aos “de dentro”, “gentes como os nossos”. Um bom exemplo é a aparência das casas construídas na ilha, as moradias dos “de dentro” geralmente são mais simples e construídas com barro, palha e madeira. Já as casas dos “de fora” são facilmente identificadas pela sua infraestrutura, construídas com cimento, tijolos e com pintura colorida nas paredes.

Com isso percebemos a complexidade e a diversidade presentes em tais comunidades tradicionais, muitas vezes ocultas. Saber, por exemplo, quais são os espaços masculinos e femininos e que existe uma enorme diferença de nomeações do trabalho produtivo, são particularidades da vida cotidiana de cada comunidade, para desvendar tais códigos e redes é preciso participar efetivamente da vida destes povos.

2.4.3 Lógicas diferenciadas do pensar

A tradicionalidade é um conceito importante de ser analisado a partir das formas comportamentais dos moradores da Ilha das Pimentas. Geralmente a ligação com os antepassados e as raízes históricas é fator primordial para caracterizar um lugar como tradicional, porém os tipos de comportamentos atrelados ao passado, atualmente torna-se diretamente dependente da vida moderna.

Para tanto, podemos distinguir o comportamento dos moradores da Ilha das Pimentas pela forma tradicional em que vivem? Faris (1970), afirma que “devemos apelar para a experiência ao invés de nos limitarmos ao comportamento” (FARIS, 1970, p. 201) dando importância para as atitudes e a organização presentes. Portanto, a essência do que ele chama de “grupo primário” está no seu caráter funcional e emocional, o que significa dizer que os fatores sociais estão intimamente relacionados ao sentimento do “nós”. Cooley (1970) salienta a importância da associação e a cooperação na família, na vizinhança ou na comunidade como um todo, onde a vida é o propósito comum do grupo.

Redfield (1970) descreve duas maneiras distintas de pensar e agir. Seus estudos são baseados nas sociedades “intermediárias” que vivem um duplo mundo, entre a vida da cidade e os modos de vida primitivos. As suas reflexões foram formuladas a partir do comportamento das sociedades camponesas consideradas particulares por possuir um segmento social próprio aliado ao órgão social, ambas em equilíbrio.

As particularidades e mudanças das sociedades tradicionais devem ser consideradas, levando a dissociação dos conceitos de “sociedade”, “comunidade” e “cultura”.

O Caipira descrito por Cândido (2003) enquanto tradicional, vive uma vida marcada pela sujeição aos grandes proprietários. Na grande maioria são posseiros ou pequenos sitiantes e produzem apenas o suficiente para a sua subsistência. Adotam um sistema de parcerias baseado na presença da família e da vizinhança. A descrição deste autor é de uma sociedade rústica que caracteriza-se pelos vínculos com a natureza, produzindo apenas os “mínimos vitais e sociais” para a sobrevivência, resistindo às mudanças sociais e lutando pelo seguimento do viver caipira.

Comparando o modo de vida tradicional, temos ainda os estudos de Queiroz (1958) em que a característica principal da comunidade por ela estudada é o convívio em um mesmo espaço de pessoas com comportamentos culturais completamente diferenciados. De um lado, os alagoanos que sobrevivem pelas relações de trabalho e solidariedade e de outro, os baianos

onde vigora o individualismo, não sentindo-se como um todo e vivendo uma cultura totalmente urbana.

Ambas sobrevivem harmonicamente no mesmo espaço geográfico, cada uma com formas próprias de sobrevivência e adaptações ao meio. Destacando a singularidade do comportamento alagoano, que insiste em se afirmarem por suas formas simples de convívio e pelos laços de parentescos e de vizinhanças existentes.

Stavenhagen (1979), afirma que o tradicionalismo tende a ser cada vez mais substituído pelo moderno, atribuindo tudo isto à necessidade do crescimento capitalista. As pessoas do campo estão a cada dia migrando para as cidades e deixando de lado a vida do “ritmo lento” para uma vida do “ritmo rápido”. Estas mudanças nas estruturas sociais implicam em múltiplos conflitos entre sistemas de valores.

Foster (1976) aponta as necessidades de um viver camponês na comunidade de Tzintzuntzan no México, mostrando as dificuldades e adaptações sofridas pelas pessoas que constantemente tem contato com a vida da cidade. O autor retrata o sentimento de igualdade, geralmente ligado as raízes históricas enquanto comunidade tradicional, totalmente atrelado ao passado, porém dependente da vida moderna.

Já Costa (1996) descreve a maneira peculiar de vivência social das pessoas da região Nortemineira, que segundo o autor, construiu uma identidade própria com o lugar e uma cultura singular chamada de “sertaneja”. As evidências dos processos de ruptura sofridos por estes povos são retratados pelo autor, principalmente em função do acelerado processo de modernização do campo e a recente necessidade de vinculação às relações urbanas. Portanto esta cultura vive, em níveis diferenciados, de um lado o viver tradicional e de outro o mundo urbano.

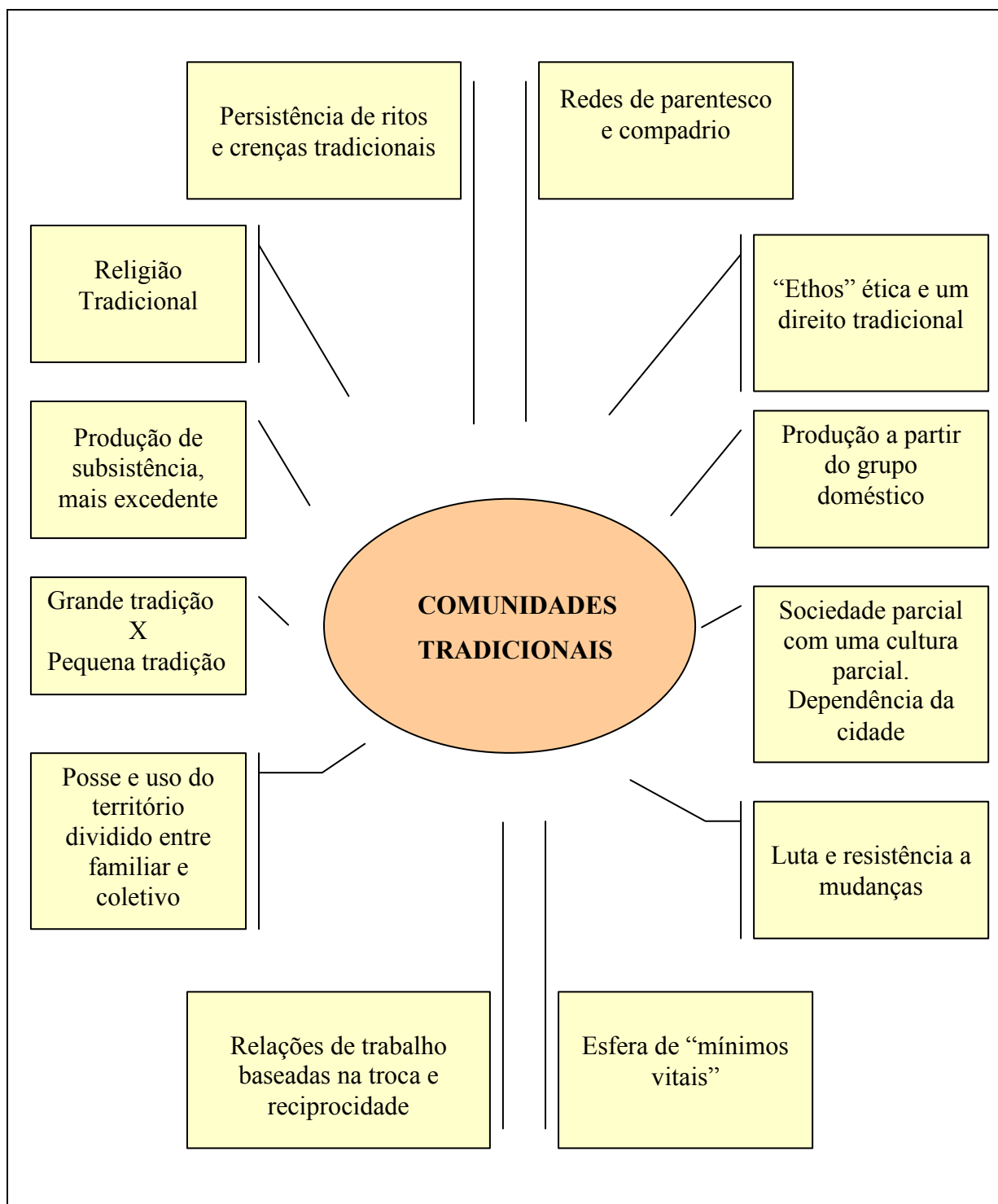
A grande tendência da sociedade globalizada é adaptar-se aos avanços da modernização e da vida urbana. Todavia, devemos levar em consideração as particularidades e resistências existentes. Sabemos ainda, que o “novo” e o “velho” vivem em complementaridade, sofrendo vários arranjos e adaptações para manterem-se enquanto tais.

Sendo assim, devemos nos atentar que categorias como comunidade e tradicionalidade, apesar de suas diversidades e peculiaridades, em muitos estudos podem ser pouco analisadas empiricamente e generalizadas conceitualmente. O que garante a aplicabilidade dos conceitos são análises minuciosas dos locais pesquisados.

Apesar dos diferentes modos de comportamento, as relações vividas entre os moradores da Ilha das Pimentas são baseadas na tradicionalidade, carregando consigo o sentimento do “ser”, “estar” e “permanecer” no lugar. O sentimento do “nós” resultando no

“caldeamento” de interações, saberes e fazeres diferenciados, presente nas comunidades tradicionais e identificados nas ilhas fluviais sanfranciscanas.

O esquema 1 sintetiza as principais abordagens acerca do conceito de comunidades tradicionais, visualizando uma gama de categorias que podem ser trabalhadas.



Fluxograma 2 - Representação das Comunidades Tradicionais.
Org.: SOUZA, A. F. G., (2009).

Apesar das pesquisas individuais de cada pesquisador, todas elas retratam as relações tradicionais com o passado, mas que também atravessam dimensões de uma cultura em processo, capaz de adaptar-se aos movimentos, as modificações ou, como prefere Canclini (2003), as hibridizações.

Com todos estes processos, devemos salientar que as comunidades e as culturas tradicionais do vale do São Francisco não estão tão estratificadas como muitos imaginam. Devemos entendê-las diacronicamente, perguntando sempre o que está modificando e observar os processos modernizantes que transformam a utilização dos espaços preenchidos por povos e comunidades distintas.

Na maioria dos casos, os estudos sobre comunidades tradicionais recaem sobre o mundo do trabalho, opondo ou evidenciando alguns grupos. Ora encontramos as práticas do fazer masculino, ora do fazer feminino e mais raro ainda, a visibilidade do “mundo” das crianças e dos idosos.

No entanto, sabemos que dos mais simples aos mais complexos estudos, todos procuram entender a vida cotidiana destes grupos nos espaços, lugares e tempos de convivência e interação, destinados a sujeitos iguais que se entrecruzam e se distinguem. São *tempos, espaços e lugares* socioculturais reservados ao trabalho produtivo, à reprodução da unidade familiar e do grupo social. Geralmente retratam os momentos e lugares do nascer, crescer, viver, plantar, colher, enfim do conviver e do aprender a ensinar.

Partindo das reflexões teóricas de alguns autores trabalhados até aqui, apesar de estudos diferenciados, das enormes distâncias entre cada comunidade, épocas diferentes dos escritos e dos diferentes olhares de cada pesquisador, o que notamos foi uma estreita relação entre todos eles e o local de nossa pesquisa.

As diferentes visões sobre comunidades nos instigam a pensar sobre o foco de cada uma delas. Neyer (1979) descreve com precisão a composição social das pessoas, que buscam por meio do trabalho uma forma de sobrevivência. Brandão (1995) fixa o seu olhar na composição do “nós”, nas cumplicidades existentes, trabalhando na partilha da vida social e não apenas do viver de cada um. Algumas interpretações como as de Costa (1997) vão além dos estudos de classes ou de reprodução de poderes, visam interpretar as regras próprias criadas pelos moradores para reproduzir uma cultura com laços na tradicionalidade.

Não importando associar ou diferenciar tais estudos, o valor científico de cada um deles é altamente significativo, tais combinações tanto da composição social de comunidade como na partilha de um saber tradicional, ganham sentido e significado por serem estudos das comunidades camponesas tradicionais.

Todas estas reflexões vêm reafirmar a acepção de que a Ilha das Pimentas, enquanto comunidade tradicional, busca a sustentação do saber tradicional e da relação harmônica com a natureza. A persistência e resistência destes povos viventes do rio ao “novo” reafirma a luta pela manutenção de saberes, refletidos na cultura tradicional.

Seja o “caipira” retratado por Cândido (2003), os “catuçabas” estudados por Brandão (1995), os “sertanejos” analisados por Costa (1997), os “caiçaras” pesquisados por Mussolini (1980), os “vazanteiros” estudados por Araújo (2009) ou os “ilheiros” retratados nesta pesquisa, todos eles têm ensinamentos riquíssimos que ao longo dos tempos e em espaços diferenciados vem sendo estudados por pesquisadores empenhados em descrever um viver, que em muitos casos não existe mais, mas que precisam ser evidenciados.

As comunidades tradicionais ainda sobrevivem em função da formação de suas bases na organização sociocultural. Elas se mantêm pela formação de uma identidade pautada nos laços de solidariedade, alianças e também de conflitos. Todo este complexo envolvendo as relações sociais, políticas, econômicas, religiosas e culturais nos permite uma diversidade para se trabalhar o conceito, não de forma fragmentada, mas sim, integrada, produzindo “lógicas diferenciadas” envolvidas por um saber característico, integralmente aproveitado nesta pesquisa e melhor descrito nos capítulos seguintes.



3 O PENSADO E O VIVIDO: FORMAS DE VER E ESCREVER SOBRE ILHAS

Quando nos referimos a um território tão característico e pouco perceptível como o de uma ilha, ainda encontramos expressões de indagações, resistências e curiosidades. Por este motivo apresento a partir de agora uma análise compreendendo a formação dos vários tipos de ilhas, suas classificações, os tipos existentes em território brasileiro, suas ocupações, além de raleados e imprescindíveis estudos sobre as ilhas fluviais sanfranciscanas, meu objetivo de estudo.

A ilha parece ter um lugar especial na imaginação do homem. Ao contrário da floresta tropical ou da praia, ela não pode reivindicar abundância ecológica nem - como meio ambiente - teve uma grande significância na evolução do homem. A sua importância reside no reino da imaginação. No mundo, muitas cosmogonias começam com o caos aquático: quando a terra emerge, necessariamente é uma ilha. (TUAN, 1980 p. 135).

Ainda pouco divulgado, os territórios das ilhas são postos em evidência apenas nas lembranças de turistas e moradores dos já tão conhecidos complexos, composto por grandes extensões de terra formando cidades, capitais e até mesmo países.

A interpretação do conceito de ilha é, às vezes, delicada. Assim, como considerar e classificar tal categoria? Pelo seu tamanho? Pela sua dinâmica? Pela sua localização geográfica? Pela sua formação geomorfológica? Observando a figura 1 identificamos com a cor mais escura todos os países que possuem seus territórios limitados por “fronteiras líquidas” no mundo, também chamados de países insulares.

localizada em três ilhas do lago Maelar; São Petesburgo – Rússia, sobre um grupo de ilhas na desembocadura do rio Neva; Veneza – Itália, toda constituída em cima de ilhas; Nova York - Estados Unidos, situada na ilha de Manhattan, no rio Hudson e rio East; Montreal – Canadá, localizada na Ilha de São Lourenço; Cidade do México – México, sobre uma das ilhas do lago Texcoco; Cingapura – Cingapura, constituída por aproximadamente 63 ilhas, dentre outras.

Todas são cidades que surgiram em ilhas fluviais ou lacustres e ocupam importância primordial tanto nacional quanto internacionalmente. Muitas passaram a receber gente de todas as partes do mundo que se encantam pela beleza e capacidade do homem em transformar e tornar acessível uma paisagem, muitas vezes impensada de ser visitada e admirada, citando neste caso, a cidade de Veneza como exemplo. Outras delas têm suas atenções voltadas para os centros econômicos, industriais e financeiros e são lembradas pela exuberância de uma grande cidade, como é o caso de Nova York. Neste caso, o fato de ser, ou não, uma ilha tem pouca importância para as pessoas e para o lugar.

Assim, cabe salientar, mesmo que de forma breve e objetiva, a classificação de cada tipo de ilha, na intenção de entendermos com mais clareza aspectos conceituais tratados posteriormente.

3.1 Terras emergentes: pequenas ou grandiosas, naturais ou artificiais, admiradas ou exploradas?

Imaginando a grandiosidade do nosso planeta Terra, seria possível representá-lo em forma de ilhas? A imagem do mapa mundi a seguir seria apenas um devaneio do nosso imaginário ou o mundo é realmente fragmentado e representado de tal maneira?



Figura 2 - O mundo em forma de ilhas.

Fonte: Guia geográfico. Disponível em: <<http://www.guiageo.com>> Acesso em: 20 Mai. 2010

Apesar da figura 2 não ser tão casual, a imagem acima verdadeiramente representa o mundo em forma de ilhas. Ela reproduz um arquipélago composto por mais de 300 ilhas construído na costa de Dubai. Chamado de “the world”, o ousado projeto é a forma mais expressiva para exemplificar o que denominamos de ilhas artificiais.

Além das ilhas artificiais, existem outros quatro tipos principais de ilha. As ilhas marinhas que podem ser continentais ou oceânicas, as ilhas vulcânicas e as ilhas fluviais. Cada uma delas possui características diferenciadas e são identificadas conforme sua localização e formação.

As Ilhas Continentais ou Costeiras, conforme o próprio nome indica, estão ligadas ao continente através da plataforma continental, separadas apenas por estreitos ou corredores pouco profundos. São consideradas terras elevadas de zonas parcialmente submersas do continente. Como exemplo, podemos citar as Ilhas Britânicas (Grã-Bretanha, Ilha de Man e Irlanda, entre outras).

As Ilhas Oceânicas ou isoladas, encontram-se distantes do litoral, em sua grande maioria são partes emersas de grandes cadeias de montanhas, com diversas ilhas próximas umas das outras formando um arquipélago. Outro tipo de ilha oceânica é a formada através da erupção vulcânica submarina que vai dando origem a uma montanha que aumenta gradativamente de altitude, até ficar acima da linha d’água. Essas ilhas podem sofrer alterações de extensão e altitude, sempre que houver uma erupção. Elas representam trechos

emersos da plataforma submarina ou bordas das grandes fossas oceânicas, às vezes associados ao desenvolvimento de formações coralígenas. Além disso, esse fenômeno é o responsável pelo surgimento de novas ilhas. São exemplos desse tipo de ilhas: o arquipélago do Havaí, a Islândia, as ilhas do Japão, entre outras.

As Ilhas vulcânicas consistem no acúmulo de lava depositada pelas erupções de vulcões oceânicos. Algumas ilhas vulcânicas formam arcos insulares, cadeias estreitas e recurvadas de ilhas vulcânicas que se constituíram ao longo das margens de profundas valas do fundo do oceano. Algumas dessas ilhas em arco mantêm vulcões em atividade ainda hoje. Temos como exemplos: Japão, Indonésia, Filipinas e as ilhas Marianas.

As Ilhas Fluviais são aquelas circundadas pelas águas de um rio. A origem das ilhas fluviais pode ser desde a elevação natural de uma porção do terreno até a formação resultante da sedimentação. As ilhas situam-se principalmente em rios caudalosos e de planície, com desenvolvimento de estuários ou deltas onde o processo de sedimentação é mais lento. Como exemplo, podemos citar a Ilha do Bananal, a maior ilha fluvial do mundo, localizada no Brasil, no rio Araguaia. Já as ilhas lacustres são partes mais elevadas do terreno que não foram cobertas pelas águas dos lagos.

Em algumas classificações são citadas ainda as ilhas de Corais e de Barreira, formadas pela ação de seres vivos ou em função do acúmulo de sedimentos.

As ilhas de Corais ou Coralíneas são ilhas baixas e planas. Consistem principalmente em material proveniente de recifes de coral, formações calcárias compostas de pequeninas plantas e animais marinhos e seus detritos, geralmente se desenvolvem em torno de ilhas vulcânicas. Algumas ilhas vulcânicas afundaram devido a uma subida de nível do oceano. À medida que afundavam os recifes de coral crescem verticalmente, restando apenas os atóis. Um atol é um recife circular com vários segmentos que permitem a entrada de água no seu interior, formando a chamada laguna. Eles situam-se distantes da costa e muitas vezes vivem em profundidades superiores a 50 metros. O oceano Pacífico possui muitos desses atóis, como os atóis de Bikini e os de Enewetak. No Brasil temos o Atol das Rocas como exemplo.

As Ilhas de Barreira consistem em sedimentos (areia, lodo e cascalho) que se formam ao longo da costa. Rios e cursos de água desgastam suas margens e levam sedimentos para as águas rasas das costas praianas. As ondas oceânicas e os ventos empilham os sedimentos numa série de cristas paralelas e dunas, dando origem às ilhas de barreira. Muitas destas ilhas formaram-se ao longo das praias da parte sudeste dos Estados Unidos e do Golfo do México.

Algumas ilhas que situam-se ao longo da linha costeira formaram-se por depósitos glaciais. As geleiras que outrora cobriam grande parte do hemisfério norte empilharam

grandes cristas de rochas, areia, lodo e argila defronte delas. Partes dessas cristas, chamadas morenas, foram submetidas à erosão ou submergiram, mas outras partes permaneceram, formando ilhas.

Teoricamente não há uma separação entre os conceitos de ilha e continente. A Austrália, por exemplo, é considerada continente, já a Groenlândia, conforme figura 3, por definição é a maior ilha do mundo.

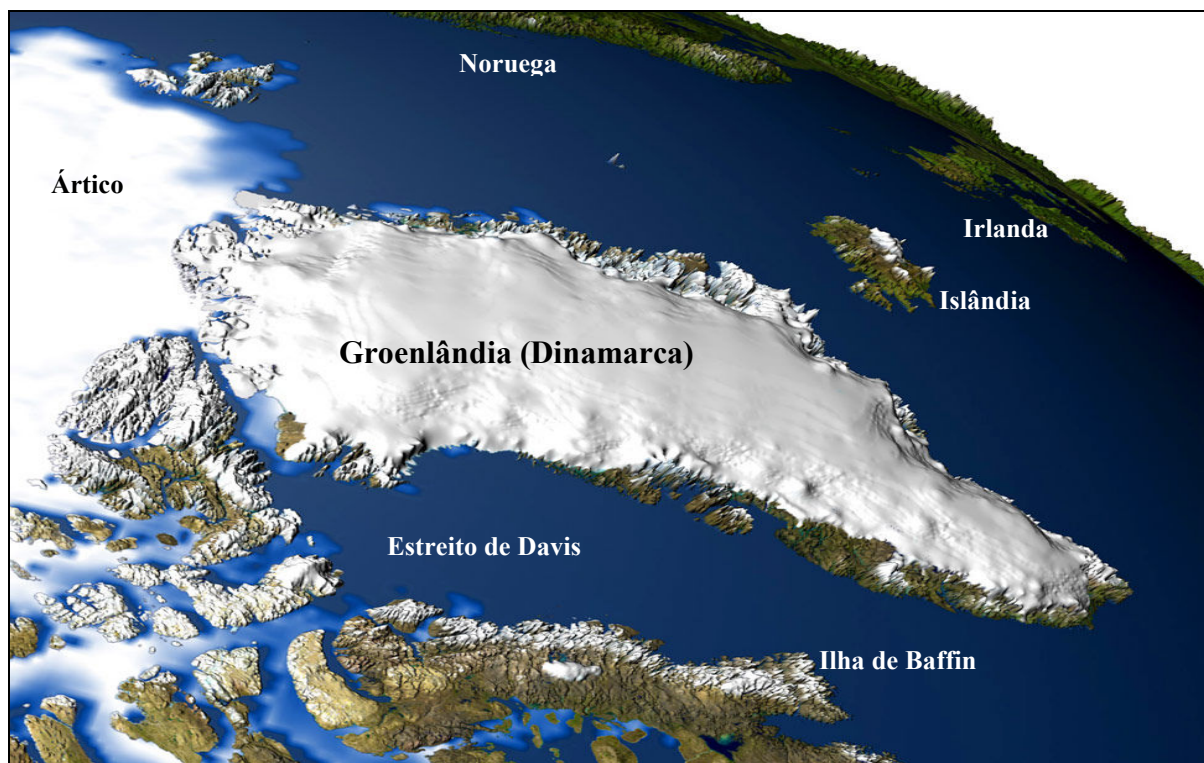


Figura 3 - Imagem da Groenlândia – NASA.

Fonte: Guia geográfico. Disponível em: <<http://www.guiageo-americas.com>>. Acesso em: 20 Mai. 2010

Portanto, qualquer porção contínua de terra até o tamanho da Groenlândia (2.175.600 Km²) é considerado ilha, maior do que isso é considerado continente.

Artificiais ou não, as ilhas ocupam uma parte considerável de nosso planeta. São marcadas por grandes conglomerados ou por pequenas partículas de terra espalhados por todo o mundo. A formação, ocupação e uso de cada uma delas modifica-se com o passar dos anos. Cada vez mais, ganham importância, seja pelo seu papel funcional ou simplesmente pela grandiosidade de suas belezas naturais. Muitas tornaram-se grandes pólos econômicos, enquanto outras foram tombadas como Patrimônio Natural da Humanidade. Pequenas ou grandiosas, naturais ou artificiais, admiradas ou exploradas, cada uma delas possui beleza e importância própria.

3.2 As ilhas brasileiras: pontilhados que se definem do litoral ao interior

Quando navegamos em mapas virtuais ou visualizamos em qualquer outro tipo de projeção onde seja possível identificar pequenas porções de terras desprendidas e separadas por águas, logo imaginamos as possíveis formas e tamanhos destes pontilhados isolados geograficamente. Estas localidades, denominadas de ilhas, vão desde pequenas, médias ou grandes extensões de terra distribuídas por todo o território brasileiro.

Muitas vezes passam imperceptíveis ao nosso olhar, por serem pequenas porções, nem sempre aparecem nas representações cartográficas. Outras, já bem conhecidas, são vistas por todos os ângulos e são destacadas pela sua grandiosidade geográfica. Pouca gente saberá que apenas o litoral de São Paulo abriga mais de duzentas ilhas e ilhotas, o que dizer de todo o litoral brasileiro?

Em uma das poucas obras publicadas, não diretamente relacionando ao tema da nossa pesquisa, encontramos um guia chamado *Brasil aventura* (1996) organizado por Ana Augusta Rocha e Roberto Linsker. No terceiro volume da série encontramos uma relação de onze ilhas brasileiras (oceânicas, costeiras e fluviais) sob o conceito de pequenas porções do paraíso. Marajó, Fernando de Noronha, Ilhabela, Lençóis, Santa Catarina, Bananal, Lagamar e outras das mais belas paisagens, aparecem revelando um Brasil plural, terra com imensa diversidade natural e cultural.

Geograficamente mais perceptível a nosso olhar, começamos identificando as ilhas-capitais do Brasil, como é o caso da Ilha de São Luiz (MA), a maior em população e extensão, a Ilha de Santa Catarina (SC) e sua capital Florianópolis e a Ilha de Vitória (ES) a menor das três. Todas elas facilmente identificadas e popularmente conhecidas.

Outras são citadas como importantes roteiros turísticos, bastante procurados por ecoturistas que buscam aventura, lazer e descanso. A ilha de Lençóis (MA), apontada pelas suas exuberantes paisagens de dunas, a ilha de Itaparica (BA) localizada a treze quilômetros da capital Salvador, sendo a maior das cinquenta e seis ilhas da Baía de Todos os Santos, o arquipélago de Fernando de Noronha (PE), bastante visitado em função de seus atrativos naturais e o arquipélago de São Sebastião (SP), composto por treze ilhas e algumas ilhotas, sendo habitadas apenas Ilhabela, Búzios, Vitória e Ilha das Cabras.

Para os interessados nos potenciais da Amazônia, podemos citar a Ilha de Marajó (PA), considerada a maior ilha flúviomarinha do mundo com aproximadamente 49.600 Km² segundo dados do IBGE (2009), ultrapassando a extensão geográfica de países como Bélgica e Holanda. Composta por um complexo de vários pequenos municípios a ilha encontra-se

entre a foz do rio Amazonas e a embocadura do Tocantins, a Nordeste do estado do Pará, já nas proximidades com o estado do Amapá. Assim como indicamos a Groenlândia como a maior ilha do mundo, achamos conveniente salientar também o exemplo brasileiro, conforme foto 1.



Fonte: Adaptado do Google Earth

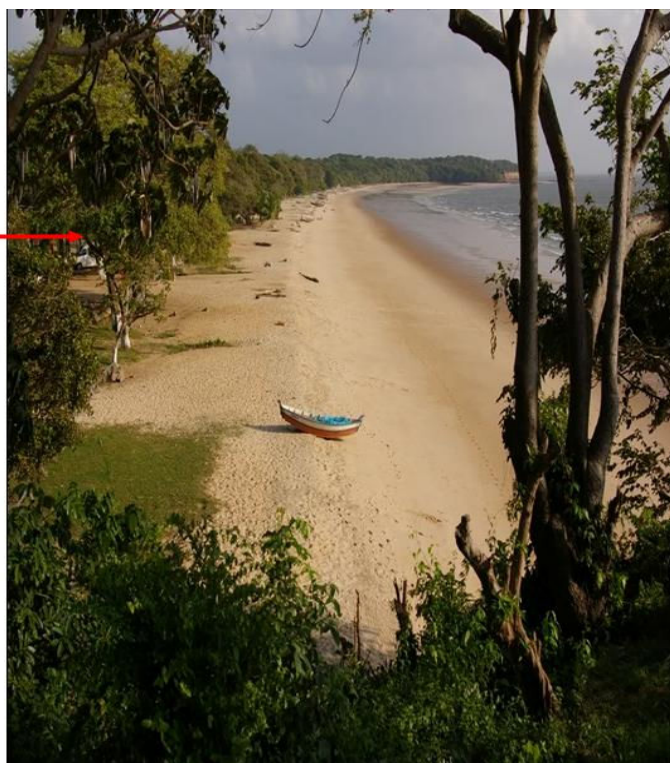


Foto 1 - Ilha de Marajó (PA).

Fonte: Brasil aventura.

Disponível em: <<http://www.webventure.com.br>>.

Acesso em: 05 Jun. 2010.

Em função da grandiosidade paisagística, a área de Proteção Ambiental do Arquipélago do Marajó - APA Marajó é a maior unidade de preservação do Brasil. O acesso a ilha, como se imagina é feito em grande parte por barcos, partindo da cidade de Belém, o trajeto pode durar até seis horas de viagem dependendo da confluência do rio Amazonas com o mar.

Ainda na Amazônia citamos as quatrocentas ilhas do arquipélago de Anavilhanas localizado no rio Negro, a noroeste da capital Manaus, importante estação ecológica do país, além do arquipélago de Mariuá e suas 1.266 ilhas localizado a 390 Km da cidade de Manaus, sendo o maior arquipélago fluvial brasileiro e também considerado o maior do mundo.

Outras ilhas importantes como a do Bananal (TO) “com uma área de aproximadamente 2 milhões de hectares, é considerada a maior ilha fluvial do mundo. É uma área de ecótonos, delimitada de um lado pelo rio Araguaia e de outro pelo seu afluente

Javaés” (BISPO, 2009, p. 75). Além de Lagamar na divisa do estado de São Paulo, ao norte, e Paraná, ao sul, destacando a Ilha do Cardoso e Ilha do Mel e a pouco conhecida Baía de Camamú com as suas onze ilhas, entre elas as ilhas de Boipeba e Tinharé, onde localiza-se o Morro de São Paulo, o local mais visitado. Todas elas acabaram sendo palco de raras e fundamentais pesquisas acadêmicas até então já realizadas, porém concentradas apenas nos fatores ecológicos, sustentáveis e ambientais.

Já no agrupamento de ilhas oceânicas habitadas podemos citar o arquipélago de Fernando de Noronha (PE) com suas vinte e uma ilhas, rochedos e ilhotas formado pelo topo das montanhas de uma cordilheira de origem vulcânica e o arquipélago de Abrolhos (BA) formado por cinco ilhas: Santa Bárbara, Redonda, Siriba, Guarita e Sueste, dispostas em círculo e cercadas dos maiores recifes de corais do Atlântico Sul. A área pertence ao Parque Nacional Marinho dos Abrolhos, sob o controle do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio.

Mais distante da costa, de difícil acesso e praticamente desabitada temos o conjunto constituído por cinco ilhas maiores e numerosos rochedos que formam arquipélago de São Pedro e São Paulo (PE). Localizado na região equatorial do oceano Atlântico, distante cerca 627 Km do arquipélago de Fernando de Noronha, considerado um dos lugares mais inóspitos do país. Temos ainda, o arquipélago de Trindade e Martin Vaz (ES) o mais distante da costa brasileira, localizado a cerca de 1.200 Km a leste da capital Vitória, abrigando apenas uma base da Marinha Brasileira composta por trinta e dois homens, além de contatar com eventuais visitas de pesquisadores.

Já a Reserva Biológica Marinha do Atol das Rocas, a primeira do Brasil criada em 1979, é composta por um pequeno conjunto de duas ilhas, pertencentes ao estado do Rio Grande do Norte. O Atol das Rocas está entre um dos menores do planeta, sendo o único atol do oceano Atlântico Sul, distante 145 quilômetros do arquipélago de Fernando de Noronha, aparece e desaparece conforme o movimento das marés. Por ser um refúgio ecológico, foi considerado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO, em dezembro de 2001, como patrimônio natural da humanidade, a única atividade humana autorizada é a pesquisa científica, o acesso só é permitido com autorização especial do ICMBio.

As ilhas oceânicas são o resultado das atividades vulcânicas mais recentes do Brasil, datadas do Terciário. Das ilhas oceânicas brasileiras a mais antiga é a de Fernando de Noronha (PE) e a mais recente é a de Trindade (ES). Todas as ilhas oceânicas brasileiras são unidades de conservação ou de pesquisas científicas.

Sendo assim, as ilhas costeiras brasileiras agrupam-se segundo a maneira como foram formadas em três tipos: (1) pela emersão de terrenos da plataforma continental; (2) pela separação de trechos continentais, como é o caso da Ilha de Santa Catarina e São Francisco do Sul (SC), de Itaparica (BA), São Sebastião ou Ilhabela (SP), ilha Grande (RJ) e as ilhas da baía de São Marcos (MA); (3) pelas formações aluviais, como as ilhas da foz do rio Amazonas, em que destacam-se as ilhas de Maracá e Marajó (PA).

Entre as ilhas costeiras, há algumas que são capitais de estados, como Vitória (ES), São Luís (MA) e a ilha de Santa Catarina, onde está localizada a capital Florianópolis; outras têm grande importância turística como a Ilha Grande (RJ), Itaparica (BA), Lençóis (MA) ou destinam-se à preservação ecológica como Abrolhos (BA).

A partir de agora dirijo minha atenção para as ilhas fluviais. Apesar dos estudos pouco freqüentes, quando nos referimos aos territórios fluviais, é possível encontrar algumas pesquisas ligadas principalmente às ciências naturais e ao meio ambiente. Os estudos socioculturais raramente são postos em evidência, o que dificulta um trabalho continuado, embasado em referências e experiências concretas nestes ambientes. Geográfica e sociologicamente falando, os materiais disponíveis a nível nacional são bastante escassos, o que nos instiga ainda mais a investir em estudos e pesquisas, especialmente voltadas para a cultura e os modos de vida presentes nos ambientes fluviais.

Este fato deveria causar algum espanto pois, para termos apenas um exemplo, quem sobrevoa o rio São Francisco verá uma quantidade muito grande de ilhas, sobretudo em seu trecho após a cidade de Pirapora, em Minas Gerais. São ilhas maiores e menores, habitadas por diversos moradores e algumas utilizadas como local de agricultura de vazante. Na verdade, elas são em vários locais por onde passa o rio, importantes lugares de natureza aberta ao trabalho humano e à sobrevivência de famílias e de comunidades.

3.3 O pensado: as formas de ocupação das ilhas fluviais

As formas de ocupação das ilhas fluviais podem ser pensadas desde lugares isolados e inacessíveis, como paisagens paradisíacas exploradas por turistas vindos de vários cantos; como porções de terras habitadas por pessoas que desejam apenas um lugar para viver e/ou trabalhar. Sendo assim, selecionei segundo os seguintes critérios: as ilhas naturais, de lazer, de trabalho, de moradia, e finalmente as ilhas de vivência múltipla. Cada classificação é caracterizada em função da atribuição de ocupação de um território insular e do manejo de seu ambiente natural.

As ilhas naturais são classificadas em função de suas paisagens ainda serem pouco exploradas pela ação do homem. Normalmente são transformadas em parques, reservas biológicas ou ainda nem sequer foram desbravadas. Como exemplo, podemos citar as pequenas ilhas fluviais espalhadas por vários médios e grandes rios brasileiros.

As ilhas de lazer são caracterizadas em função da ausência de moradores fixos, sendo apenas território de passagem e uso provisório ou função da natureza. De maneira geral, servem somente como abrigo para pescadores, aventureiros e pesquisadores que viajam pelo rio.

Já as ilhas de trabalho são utilizadas apenas para plantios sazonais, em alguns casos associados as atividades pesqueiras. Por possuir terras bastante férteis, essas ilhas são aproveitadas por pessoas que vivem as margens dos rios e desejam buscar novos espaços de produção. Normalmente ficam próximas às cidades, vilarejos ou pequenas comunidades de pescadores.

As pequenas ilhas de moradia são lugares onde as pessoas que não possuem propriedade em “terra firme” buscam um espaço para construção de casas improvisadas, tornando-se um lugar de morada, onde muitas famílias passam a viver e trabalhar. Em um sentido mais raro, podem se tornar local de moradia de pessoas de maiores posses.

No caso específico das ilhas de vivência múltipla, temos um complexo conjunto de relações entre moradores, turistas, parentes que moram fora e pessoas que vivem próximas ao rio. A interação entre seus diversos ocupantes é a característica principal de um modo de vida igualmente diferenciado. Nestes territórios insulares é possível encontrar moradores fixos, turistas que vão apenas para pesca e lazer nos fins de semana, parentes que as procuram para visitar as famílias e coletar os alimentos produzidos, além dos vizinhos, normalmente fazendeiros e comerciantes que vivem próximos ao rio e que dependem de produtos e serviços dos moradores das ilhas.

Atualmente poucas formas de ocupação envolvendo os ambientes fluviais são pesquisadas e divulgadas. Ainda é bastante raro encontrar órgãos, instituições e núcleos de pesquisas que dedicam seus trabalhos a esta temática geográfica. Assim, tive a curiosidade de procurar teses, dissertações e livros que me ajudassem nas discussões sobre o tema. Porém foram poucos os resultados encontrados. A maioria das pesquisas concentram-se em ambientes litorâneos, como é o caso dos estudos de Diegues (2008) a partir do Núcleo de Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas do Brasil – NUPAUB, sediado na USP.

Esta ausência de pesquisas de campo, sobretudo na área das ciências sociais fica ainda mais visível quando falamos de estudos específicos sobre as ilhas fluviais presentes no rio São

Francisco. Mesmo assim, optei por fazer um levantamento de autores regionais que em algum momento de suas pesquisas descreveram ou simplesmente citaram as ilhas fluviais em parte de seus trabalhos.

3.4 Nesografia: estudos das ilhas fluviais sanfranciscanas

Procurei em minha pesquisa trilhar novos caminhos, buscando uma leitura dinâmica, pautada por um olhar de fronteira entre a Antropologia e a Geografia, mas tendo nesta última o meu foco. Aproximei meus estudos do que conceitualmente denominamos de nesografia¹⁴, palavra quase sempre estranha aos nossos ouvidos, mas necessária aqui para justificar os aportes teóricos e desvendar o universo das ilhas fluviais. Apenas através deste ramo da Geografia consegui me aproximar de um estudo mais proveitoso sobre os ambientes fluviais.

Faço portanto, a partir de agora, uma breve descrição de alguns autores¹⁵ (as) que dedicaram suas pesquisas às comunidades sanfranciscanas, aproximando ao máximo da minha realidade estudada. Optei por trabalhos (ensaios, monografias, dissertações, teses e livros) de pesquisadores regionais, pessoas conhecedoras do rio São Francisco, que em algum momento de suas pesquisas evidenciaram ambientes e pessoas ligadas às ilhas fluviais.

No primeiro momento cito o trabalho de Santos (2008) *Aqui estou, aqui faço o meu lugar: um estudo sobre percepções e manejo do ambiente entre camponeses, na comunidade de Barra do Pacuí, município de Ibiá – MG*. O autor traz para a discussão a importância do território da ilha, enquanto recurso complementar para os camponeses da comunidade.

A **Ilha** é o espaço de plantio, mede aproximadamente 24 ha., todos na comunidade têm direito de plantar, normalmente no período de chuvas. Ninguém é dono da terra, o direito é fixo, mas o tempo de utilização é livre, isto é, quem cuida tem direito de plantar. Quem não cuida não pode reclamar o direito de uso. Para além da agricultura, o seu uso como base para a pesca é bastante forte na comunidade. Em via de regra, não existem moradores na ilha, ela não se constitui um espaço habitado. (SANTOS, 2008, p. 108, grifos do autor).

Neste caso a ilha localizada nas proximidades da comunidade serve apenas como espaço de produção e não de moradia. Existe um tipo de acordo entre os moradores quanto ao uso do território, “o sistema pode ser interpretado como um regime de terra *livre* e tempo

¹⁴ Ramo da Geografia dedicado aos estudos sobre ilhas.

¹⁵ Na maioria dos casos, os autores citados participam do mesmo grupo de pesquisas que faço parte, denominado Opará - Tradição, Identidades, Territorialidades e Mudanças entre Populações Rurais e Ribeirinhas no sertão roseano. Juntos desenvolvemos importantes discussões envolvendo as comunidades tradicionais do Norte de Minas e suas gentes, o que proporcionou um estudo diretamente ligado a mesma temática, mas distinto em função das escolhas do caminho a ser trilhado.

cativo” (Ibid., p. 131) onde o direito de posse não é claramente estabelecido, diferentemente de outras áreas de produção.

Na ilha, não existe esse sistema de posse estável da terra, ela é liberada para o uso de quem puder cultivá-la. Nesse regime o direito de *tempo de uso* é garantido pela capacidade do camponês de cuidar de sua lavoura, logo quem tem condições laborais tem o direito de cultivar. (SANTOS, 2008, p. 131-132, grifos do autor).

Quanto à divisão territorial da ilha, os moradores da comunidade de Barra do Pacuí/MG identificam da seguinte forma:

Em termos de percepção, os moradores reconhecem 3 divisões para Ilha: (I) *Croa* – porção da Ilha, no qual no período de seca, o rio deposita areias, essa porção é utilizada para lazer, principalmente pelos mais jovens. Não é possível desenvolvimento da agricultura; (II) *Baixio* – porção de terras alagadas, essa parte da Ilha não serve para o desenvolvimento da agricultura; (III) *Terra Firme* – porção de terra seca ao longo do ano, utilizada para agricultura (SANTOS, 2008, p. 132, grifos do autor).

Ainda citando a mesma comunidade, De Paula (2009) em seu trabalho: *Travessias-movimentos migratórios em comunidades rurais no sertão do norte de Minas Gerais* menciona os principais produtos plantados. “Os camponeses da Barra cultivam na ilha o feijão, o milho, abóbora, cebola, frutas como melancia e maracujá, hortaliças e mandioca. É o feijão o produto cultivado e colhido em maior proporção na ilha” (DE PAULA, 2009, p. 177). Conforme os relatos dos moradores as terras da ilha são férteis e propícias para as práticas agrícolas.

Em 70 apareceu o lameiro, eu fui o primeiro que plantei lá, depois de um tempo o lameiro cresceu e virou ilha e todo ano crescia mais, aqui a terra é muito fértil e a gente tem uma plantação de melhor qualidade e de bem mais volume. (Senhor Antônio em entrevista concedida à Simone Aparecida Leite da Silva, 2008).

O plantio requer um conhecimento específico sobre a formação do solo. Em um de seus livros sobre o rio São Francisco, Neves (2006) aborda a forma de plantio no “lameiro”, enquanto característica específica dos solos das ilhas.

O camponês que plantava no “lameiro” utilizava a canoa para, no período de vazante, ir até as ilhas onde fazia o plantio das roças. Em tempo de colheita, a canoa era utilizada para levar o produto à cidade, visando a comercialização – aos mercados, às vendas e às feiras. Vale esclarecer que “lameiro” é uma categoria êmica, pertencente à cultura do camponês ribeirinho, designando o solo das ilhas fertilizado naturalmente pelas enchentes do São Francisco. (NEVES, 2006, p. 136).

Conforme entrevistas feitas por Sousa (2009) fica evidente a consciência dos moradores quanto ao risco de perda das plantações em função das cheias do rio.

Os ribeirinhos reconhecem que a ilha foi criada pelo Rio São Francisco e em cada ciclo da cheia a ilha se renova. No entanto, eles têm a ilha como um refúgio, uma alternativa de extensão do seu espaço para a produção, para lhes garantir a sobrevivência. (SOUSA, 2009, p. 43).

Mesmo sujeitos a prejuízos, os usuários da ilha não desistem de plantar e colher os frutos de seu trabalho. Mas eles sabem da necessidade de obedecer às “regras do rio”.

A melhor terra para plantação é da ilha, mas quando o rio enche a gente perde tudo. O rio invade a ilha e mata tudo que a gente plantou, leva embora o esforço do ano todo. Mas quando ele diminui e a ilha volta é hora de começar tudo de novo e a gente planta e colhe com fartura na ilha. (Senhor Antônio em entrevista concedida à Andrea Maria Narciso Rocha de Paula, 2009).

Inserida em um contexto mais amplo, a pesquisa de Borges (2010), *Os errantes do sagrado: uma geoantropologia dos tempos e espaços de criadores populares de cultura em São Romão, norte de minas gerais*, apesar de focar a cultura popular na cidade de São Romão/MG, cita algo de interessante:

Eis aí um município que quase se confunde com uma ilha. Afinal ele nasceu na ilha localizada bem em frente à cidade, que os moradores conhecem por “Ilha dos Caiapós”, pois ali viveram os primeiros habitantes daquele lugar, os índios caiapós. (BORGES, 2010, p. 34).

Por estar localizada em frente à cidade, a ilha também é chamada de Ilha de São Romão e é considerada pelo IBGE uma das maiores ilhas fluviais da parte mineira do São Francisco, com aproximadamente seis quilômetros de extensão.

Se nos voltarmos ao passado, já nos escritos de Saint-Hilaire (1975), um viajante francês do século XIX, a Ilha de São Romão aparece relatada através das impressões de Monsenhor Pizarro, confirmando a existência da povoação indígena e a afirmação do mesmo nome para a atual cidade e para a ilha.

Perto da povoação atual existe uma ilha que mede meia légua de comprimento, e onde, segundo uma tradição constante, houve antigamente uma aldeia de índios. Estes foram derrotados pelos portugueses no começo do século passado, e, como o acontecimento teve lugar no dia de S. Romão, esse nome foi dado à Ilha, à atual povoação e a toda a região a que pertencem. (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 354).

Depois das violentas batalhas travadas ainda no século XVI, a população que habitava as terras da ilha migrou para a margem esquerda do rio São Francisco, onde atualmente localiza-se a cidade de São Romão. Hoje em dia a ilha é praticamente inabitada e considerada pelos habitantes da cidade como um espaço obscuro, lugar proibido. Os moradores julgam que a ilha não pode ser freqüentada especialmente por mulheres, por considerarem um lugar “perigoso”. Em momentos determinados, alguns moradores da cidade que possuem vínculos com a terra, deslocam-se para a ilha na intenção de realizar algumas atividades agrícolas.

Além da característica de plantio, a forma de habitação também é evidenciada em estudos mais pontuais e diretamente ligados as ilhas fluviais, como é o caso da pesquisa realizada por Luz de Oliveira (2005) denominada: *Vazanteiros do Rio São Francisco: um estudo sobre populações tradicionais e territorialidade no Norte de Minas Gerais*, realizado nos municípios de Manga, Itacarambi e Januária. Com este estudo a autora analisa os conflitos históricos entre *vazanteiros* e fazendeiros pelo uso do território das ilhas e descreve as diferentes formas de apropriação das ilhas e da beira do rio São Francisco a partir de um “sistema de direitos combinados”, enfocando a identidade e as dinâmicas territoriais.

Nas visitas às ilhas, passei a conhecer melhor o modo de vida dos vazanteiros que combinam atividades de agricultura de vazante e sequeiro nas ilhas e na “terra-firme” com a pesca no rio e nas lagoas marginais, a criação animal nas ilhas e nas áreas de “solta” na “terra-firme” e o extrativismo na mata. Para tanto, os vazanteiros construíram, ao longo do tempo, o que pode ser denominado de “sistema de direitos combinados”, o qual regula a apropriação da terra e o acesso aos recursos naturais. Este sistema se organiza em função do ciclo do rio, cujas secas e enchentes alteram a área e os limites das ilhas, exigindo a redefinição do “pedaço de ilha” de cada família. (LUZ DE OLIVEIRA, 2005, p. 16).

Merece atenção ainda um estudo voltado para as pessoas que moram nas ilhas, ao lado da formação, do plantio e da ocupação destes territórios. No trabalho de Araújo (2009) nomeado: *Nas margens do São Francisco: sociodinâmicas ambientais, expropriação territorial e afirmação étnica do Quilombo da Lapinha e dos Vazanteiros do Pau de Léguas*. A autora desenvolve uma pesquisa recente e inédita “enfocando as dinâmicas de produção da vida e da produção sócio-cultural dos ambientes sanfanciscanos” (ARAÚJO, 2009, p. 17) nas comunidades negras vazanteiras das ilhas e beiradas do rio São Francisco, nos municípios de Matias Cardoso, Manga e Itacarambi, enquanto território em disputa.

O processo de trabalho que transforma a ilha em roças da seca, das águas e quintais são fazeres que estão relacionados com o tempo e o espaço específico das ilhas existentes no rio São Francisco, muito diferente das vivências de outros grupos rurais. Em terras não inundáveis, o contraste

entre vegetação nativa e natureza transformada pelo trabalho é mais evidente. Nas ilhas, a dinâmica das enchentes impõe uma convivência maleável com os lugares, o fazer é construído em consonância com as dinâmicas do rio e um constante refazer de habitações, quintais e plantios. Um eterno recomeçar e replanejar. O processo histórico que transforma a ilha em lugar de permanência está relacionado à restrição de acesso ao território tradicionalmente ocupado. Se no passado a ilha era um dos ambientes manejados pelos barranqueiros, hoje sua apropriação e seu uso se intensificou. A ocupação da ilha atualmente se caracteriza como lugar de acolhida aos *fracos*. Os moradores das ilhas trabalham com recursos escassos e no seu manejo acessam o saber fazer acumulado e transmitido entre gerações. Em todo o processo, essas populações lidam com o contraditório: a abundância e a perda, a certeza e o risco [...] (ARAÚJO, 2009, p. 55).

Com esta análise Araújo (2009) identifica as ilhas sanfranciscanas enquanto espaços meramente ocupados por pessoas detentoras de cultura, sendo elas também o berço de identidades e saberes próprios de um tempo e de um espaço específico. O saber fazer está intimamente relacionado com a dinâmica do rio, o que não é possível identificar em outras comunidades rurais, mas apenas entre pessoas das ilhas do rio São Francisco.

Apesar de denominarem a população das ilhas como *vazanteiras*, tal como em Luz de Oliveira (2005) e em Araújo (2009), um acontecimento trouxe-me inquietações durante as pesquisas de campo. Tentei investigar a categoria em que os moradores da Ilha das Pimentas se enquadravam fazendo os seguintes questionamentos:

Como chamam o pessoal que vive aqui? *Barranqueiro*¹⁶ e *pescador mora na beira do rio. Quem pega a roça para plantar é roceiro, é o que faz roça, tanto faz na ilha como na terra firme. Ilheiro é o morador de ilha. Vazanteiro só planta na vazante. E vocês o que são? Ilheiro, roceiro*". (Senhor Adison, entrevista realizada em julho de 2007).

Em outra visita volto a perguntar:

Como se chama as pessoas que moram dentro de ilha? *Diz que todo mundo que mora na beira do rio diz que é barranqueiro. Mas eu não aceito ser isso aí não. Barranqueiro é o quê? Que é barranqueiro? Barranqueiro é aqueles que moram debaixo de lona, na beira do rio. Morador de ilha, mas barranqueiro... está fazendo o que da pessoa? Moro é na ilha não sou barranqueiro. E vazanteiro o senhor já ouviu falar? Não. E as pessoas que moram longe do rio? Mora nas fazendas.* (Senhor Pedro, entrevista realizada em janeiro de 2009).

A partir destas respostas compreendi que existe uma certa diferença entre ser um morador de beira de rio e ser um morador de ilha, apesar de ambos possuírem um vínculo essencial com o rio. Segundo a fala de outro morador *“pra morar em ilha tem que saber*

¹⁶ A partir de agora todas as citações em itálico refere-se às falas dos moradores da Ilha das Pimentas.

viver, tem que saber a época certa de plantar, não é igual ao povo lá de fora que planta em qualquer época”. (Senhor Geraldo, entrevista realizada em janeiro de 2009).

Assim, podemos sugerir que os moradores das ilhas do rio São Francisco são distintos em algumas de suas formas de pensar e agir. Em nenhuma outra dimensão do território nortemineiro encontramos gentes com saberes e práticas únicas, específicas daqueles que sabem lidar com a dinâmica dos territórios inundáveis. Por este motivo, generalizar a categoria *vazanteiro* enquanto “moradores das margens e ilhas do rio São Francisco” (LUZ DE OLIVEIRA, 2005, p. 16) pode levar-nos a englobar em um mesmo contexto populações com hábitos e saberes de certa forma diferentes, não priorizando as especificidades de cada grupo sociocultural.

Enfatizo que no caso de ilhas situadas em outras localidades, pode existir a ênfase na afirmação da população enquanto *vazanteira*. Tal fato se dá em função da possibilidade de filiação a algum tipo de associação, com a intenção de angariar recursos para a melhoria de suas propriedades. Em muitos encontros com lideranças é comum a junção de diferentes povos que lutam por um mesmo ideal, como por exemplo, a garantia do uso e propriedade da terra. O cenário que se observa é a união entre diferentes povos e comunidades tradicionais: quilombolas, indígenas, *vazanteiros*, *barranqueiro*, *veredeiros*, *catingueiros*, *geraizeiros* e ainda, *ilheiros*¹⁷. Nesta circunstância, cada um destes grupos possui características próprias, porém estão todos integrados na luta por ideais e propósito comuns.

No caso dos moradores da Ilha das Pimentas, observo que eles não possuem vínculo com nenhum tipo de associação, exceto a criada pelos próprios moradores. Assim, tais expressões acabam não tendo significado simbólico para eles, sendo que o que importa é apenas afirmar que eles são “moradores de ilha”. Caso tenha que separá-los e caracterizá-los, deveremos sempre respeitar o auto-reconhecimento de cada grupo, conforme estabelece o decreto 6.024 de fevereiro de 2007 que Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais.

I - Povos e Comunidades Tradicionais: grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que **possuem formas próprias de organização social**, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição;

¹⁷ Para saber a definição de cada grupo consultar Costa (1997).

II - Territórios Tradicionais: os espaços necessários a **reprodução cultural, social e econômica** dos povos e comunidades tradicionais, **sejam eles utilizados de forma permanente ou temporária**, observado, no que diz respeito aos povos indígenas e quilombolas, respectivamente, o que dispõem os arts. 231 da Constituição e 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias e demais regulamentações. (Grifo nosso).

O artigo 231 da Constituição Federal trata do reconhecimento das terras tradicionalmente ocupadas pelos índios, já o artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias reconhece a propriedade definitiva dos remanescentes das comunidades quilombolas.

Sendo assim, o reconhecimento e afirmação de cada grupo de cultura tradicional, produzida por povos e comunidades tradicionais, segundo definição dada pelo Decreto nº 6.040/2007, inclui povos indígenas, quilombolas, pescadores artesanais, caiçaras, seringueiros, pantaneiros, sertanejos, geraizeiros, ribeirinhos, agroextrativistas, agricultores tradicionais, dentre muitos outros grupos.

Após este panorama com o subsídio de autores que direta ou indiretamente contribuíram com o conhecimento de algumas das muitas ilhas fluviais do rio São Francisco, devo fazer agora algumas ponderações a respeito da legislação vigente sobre estes territórios e suas implicações na realidade pesquisada.

3.5 A legislação: as garantias de proteção

Até este ponto salientei aqui a formação, classificação e localização de cada tipo de ilha tanto no Brasil e no mundo. Passo a partir de agora a enfatizar outra dimensão envolvendo os ambientes fluviais. Diante de tantos exemplos já citados fica o seguinte questionamento: quais as garantias de proteção e uso dos territórios fluviais? Como assegurar uma harmonia entre a população residente nestes ambientes e os marcos legais existentes?

A Constituição Federal em seu capítulo II art. 20 inciso IV trata os ambientes fluviais como bens da União.

IV - **as ilhas fluviais** e lacustres nas zonas limítrofes com outros países; as praias marítimas; as ilhas oceânicas e as costeiras, excluídas, destas, as que contenham a sede de Municípios, exceto aquelas áreas afetadas ao serviço público e a unidade ambiental federal, e as referidas no art. 26, II;

(Redação dada pela Emenda Constitucional nº 46, de 05 de maio de 2005, grifos nossos).

O capítulo III art. 26 inciso II e III inclui entre os bens dos Estados:

II - as áreas, nas ilhas oceânicas e costeiras, que estiverem no seu domínio, excluídas aquelas sob domínio da União, Municípios ou terceiros;
 III - *as ilhas fluviais* e lacustres não pertencentes à União;
 (CF, 1988).

Portanto, as ilhas fluviais e lacustres só pertencem à União quando ficam na divisa de nosso território com o território estrangeiro. Nos outros casos, esses bens são de domínio do Estado em que se localizam. Assim, a Constituição coloca o poder público, tanto a União como o Estado, como detentores destes territórios.

Os bens públicos, tanto federais quanto estaduais, necessitam de leis específicas que regulamentem sua apropriação e uso. No caso das ilhas fluviais fica a cargo de cada estado legislar sobre a destinação deste bem, amparados nas resoluções federais.

A Lei 4.771 de 15 de setembro de 1965 instituiu o novo Código Florestal e em seu artigo 2º e 3º da letra a) a h) lista os ambientes considerados de preservação permanente-APP, incluindo as florestas e demais formas de vegetação natural e suas destinações. O Código Florestal em nenhum momento cita explicitamente a destinação do território das ilhas enquanto área de preservação permanente. O que ocorre é a regulamentação desta lei em alguns estados, conforme estabelecido na Constituição Federal que considera o Estado como titular do domínio das ilhas fluviais em águas públicas estaduais.

Citamos o exemplo de Minas Gerais, que através do decreto estadual 43.710 de 08 de janeiro de 2004 regulamenta a Lei nº 14.309, de 19 de junho de 2002, que dispõe sobre a Política Florestal e de Proteção à Biodiversidade. Em seu artigo 10 inciso X considera as ilhas fluviais enquanto área de proteção permanente.

Art. 10 - Considera-se área de preservação permanente aquela protegida nos termos deste Decreto, revestida ou não com cobertura vegetal, com a função ambiental de preservar os recursos hídricos, a paisagem, a estabilidade geológica, a biodiversidade, o fluxo gênico de fauna e flora, de proteger o solo e de assegurar o bem-estar das populações humanas e situada:

X - **em ilha**, na faixa marginal além do leito maior sazonal, medida horizontalmente, em conformidade com a largura mínima de preservação permanente exigida para o corpo d'água;
 (Grifo nosso).

Em função desta legislação, todas as ilhas fluviais em território mineiro não podem ser ocupadas e povoadas de forma permanente por serem Áreas de Preservação Permanente. No entanto, o que se observa na prática é uma certa contradição. De um lado inúmeros ambientes fluviais são permanentemente habitados e, de outro, existem as políticas de proteção

ambiental que inviabilizam a presença legítima e efetiva da população nestes ambientes. Este antagonismo acaba gerando conflitos e disputas entre o campo político e jurídico e a população residente nestas localidades. Em muitos casos a omissão do Estado acaba sendo a solução plausível, uma vez que o próprio poder público não oferece condições dignas de sobrevivência destas populações em outras localidades.

Outra situação que deve ser evidenciada é a dos constantes embates dos povos residentes nas ilhas e vazantes do rio São Francisco com órgãos públicos ambientalistas e os grandes fazendeiros, em sua luta pela garantia de manutenção da pesca e do uso e propriedade das terras das ilhas.

[...] mesmo morando nas ilhas ou na beira do rio São Francisco, eles passam “precisão”. Informam que os órgãos ambientais gastam praticamente todo o tempo que dispõem perseguindo aqueles que lutam pela sobrevivência, mas fecham os olhos para os empreendimentos degradadores que devoram incessantemente as matas, a terra e a água. (ARAÚJO, 2009, p. 202).

A partir destas considerações é possível entender as reivindicações dos moradores das ilhas e beiras do rio pelo direito de apropriação da natureza e dos territórios do rio. A paisagem do São Francisco vem sendo apropriada por grandes empreendimentos hidrelétricos, monocultura irrigada e pecuária extensiva, tornando-o um recurso restrito, conforme apresentado no item a seguir.

3.6 A paisagem do rio São Francisco: apropriação política e seus contrastes

O rio São Francisco, símbolo da paisagem brasileira, vem ao longo dos seus mais de cinco séculos de descobrimento sendo gradativamente alvo da degradação e exploração de seus recursos, com investimentos nas mais variadas escalas. É claro que apenas ao longo do século XX e, de maneira especial, em sua segunda metade, o processo de degradação e de manejo impróprio dos ambientes naturais ao longo do rio foram drasticamente intensificados.

Lembro primeiramente da sua importância para a apropriação política por instituições públicas e privadas que encontram nos recursos do rio a fonte para uma desmedida exploração econômica, social e até cultural. A começar pelo uso econômico, cito como exemplo as nove usinas hidrelétricas implantadas em todo o seu curso, conforme apresentado no quadro 4.

Hidrelétrica	Município	Inauguração	Potência instalada (MW)
UHE Paulo Afonso I	Paulo Afonso – BA	1954	180
UHE Paulo Afonso II	Delmiro Gouveia – AL	1961	443
UHE Paulo Afonso III	Delmiro Gouveia – AL	1971	794
UHE Paulo Afonso IV	Delmiro Gouveia – AL	1979	2.462
UHE Apolônio Sales	Delmiro Gouveia – AL	1977	400
UHE Sobradinho	Juazeiro – BA	1979	1.050
UHE Itaparica	Glória – BA	1988	1.479
UHE Três Marias	Três Marias – MG	1962	396
UHE Xingó	Canindé de São Francisco – SE	1994	3.162

Quadro 4 - Hidrelétricas do rio São Francisco.

Fonte: Atlas de energia elétrica do Brasil (2002, p. 33-35).

Org.: SOUZA, A. F. G. (2010).

Desde a inauguração da primeira UHE de Paulo Afonso I em 1954, até a mais recente hidrelétrica de Xingó, inaugurada em 1994, portando o maior potencial de geração de energia de todo o São Francisco, a paisagem do rio vem sendo drasticamente alterada em função destes empreendimentos, conforme afirma Sarmento (2005)

[...] na Bacia do São Francisco, com os aproveitamentos hidrelétricos, o rio principal sofreu fragmentação ecológica, mais a partir de Sobradinho, rio “comandado” segundo o critério da maximização da produção de energia elétrica”. (SARMENTO, 2005, p. 76).

Muitas ilhas foram formadas após a implantação das hidrelétricas. Em função da construção dos reservatórios, a vazão das águas do rio passou a ser controlada, fazendo com que apareçam e desapareçam os ambientes fluviais. As ilhas são o reflexo das constantes intervenções feitas no fluxo do rio ao longo dos anos, criando assim, novas paisagens e novas dinâmicas de adaptação da população ribeirinha ao rio São Francisco.

Estes investimentos em geração de energia não param por aí, já estão em fase de licenciamento ambiental três novas hidrelétricas no baixo São Francisco (Riacho Seco, Pedra Branca e Pão de Açúcar)¹⁸. Além disso, alguns estudos estão sendo feitos para a construção da hidrelétrica do Formoso, próximo a cidade de Pirapora/MG. Neste caso especial, os moradores da Ilha das Pimentas, nos quais enfoco meu estudo, seriam diretamente afetados. Conforme constatado durante as minhas pesquisas de campo, a população da ilha já começa a fazer questionamentos e a ter motivos para se preocuparem, mesmo ainda não sabendo se futuramente será aprovada a sua construção.

¹⁸ Informações fornecidas pela Diretoria de Licenciamento de Hidrelétricas do Instituto Brasileiro de Meio Ambiente - IBAMA.

Neste patamar cito ainda o grandioso e contraditório projeto de transposição do rio São Francisco, empreendimento do Governo Federal, financiado com recursos do Programa de Aceleração do Crescimento - PAC e sob a responsabilidade do Ministério da Integração Nacional - MI, denominado pelo governo de “Projeto de Integração do Rio São Francisco com as Bacias Hidrográficas do Nordeste Setentrional”. Segundo dados do MI (2010) o objetivo do projeto é “assegurar oferta de água, em 2025, a cerca de 12 milhões de habitantes de 390 municípios do Agreste e do Sertão dos estados de Pernambuco, Ceará, Paraíba e Rio Grande do Norte”.

Concomitante a este projeto menciono o projeto de Revitalização da Bacia Hidrográfica do Rio São Francisco - PRSF, coordenado pela Secretaria Executiva do Ministério do Meio Ambiente em parceria com o Ministério da Integração Nacional. Este programa propaga ações que vão desde o monitoramento da qualidade da água, reflorestamento de nascentes, recuperação de matas ciliares, obras de saneamento básico, controle e recuperação de processos erosivos, construção de adutoras de abastecimento de água e melhoria da navegabilidade em todo o curso do rio. Todas estas ações têm prazo de execução de vinte anos e possuem investimentos pontuais.

Aliado aos investimentos governamentais, apresento ainda alguns dados sobre a iniciativa privada com seus grandes projetos monocultores, altamente dependente dos recursos hídricos do São Francisco para a implantação de suas culturas irrigadas. Conforme aponta Neves (2006) “as novas tecnologias chegaram à ribeira, acompanhada da ideologia do desenvolvimento, que valoriza, sobretudo, o crescimento econômico”, (NEVES, 2006, p. 267). Estes investimentos acarretam uma maior exploração capitalista dos recursos naturais nos estados que compreende a bacia do São Francisco, e aumenta a desigualdade social em função dos altos investimentos em tecnologias.

Não obstante, cada vez mais, as famílias que moram e dependem do rio São Francisco e de suas águas vêm sofrendo com os crescentes processos de degradação. Todos aqueles que vivem no/do rio observam a cada dia sua paisagem sendo transformada, não pelos fenômenos naturais, mas sim pelas constantes investimentos que trazem no seu bojo o discurso do desenvolvimento e da inovação. Para os que não se enquadram em tal cenário, resta apenas o sentimento de perda e as lembranças de um “tempo bom”, onde o rio São Francisco era um lugar do comércio, da pesca, da navegação, dos encontros e das festas.

A lembrança nunca vem sozinha, às vezes na companhia de uma saudade. O Sr João de Félix, antigo remeiro e vaporzeiro do Rio São Francisco, me diz: “a gente trabalhava muito, mais eu tenho saudades do movimento daquele rio, daquela vida movimentada”. Ele se refere à quantidade de imagens, sons e gestos, nas beiras do Rio, quando os vapores e as barcas, ancoravam no cais. (OLIVEIRA, 2009, p. 37).

A apropriação política e econômica do rio São Francisco, considerado o rio da integração nacional, passou a ser, ao longo dos anos, cada vez mais desmedida. Hoje em dia o que observamos é um rio da geração de energia, do abastecimento de água para a monocultura, dos desmatamentos de suas margens e de intensos conflitos pela exploração dos seus recursos.

A degradação ambiental da Bacia do São Francisco é uma realidade dolorosa e inquietante, por se saber que a reversão do quadro relativamente a determinados ecossistemas [...] é impossível; persiste o uso predatório e insustentável dos recursos naturais da bacia. (SARMENTO, 2005, p. 77).

Ainda assim, persistem lugares e pessoas que conseguem viver/conviver harmonicamente com as águas São Francisco, retirando do rio apenas as fontes necessárias para a sua sobrevivência. É este o caso da minha pesquisa e de muitas outras, que procuram retratar a vivência de pessoas acostumadas a morar e a trabalhar no/do rio São Francisco. Lugares, pessoas, fatos e gestos cada vez menos mencionados, mas que de alguma forma tornam-se visíveis e considerados em função dos sentimentos das “gentes do rio”.

Deve-se fazer crer que o poder público resolva entender o território com um bem necessário para a manutenção e reprodução da vida, incluindo como parte integrante a população que nele vive. O uso controlado dos recursos, e não a suspensão total dos direitos de apropriação, estendido aos povos que respeitam e zelam por um patrimônio, conscientemente considerado como um bem comum, disponível a todos que dele necessitem.

Nesta perspectiva, devo analisar a partir de agora o território das ilhas fluviais enquanto um espaço dinâmico, com regras próprias, estabelecidas em função das formas de uso, apropriação e construção de uma identidade cultural formada pelas relações simbólicas e pelos vínculos de pertencimentos e enraizamento com o lugar de convívio.

3.7 O vivido: territórios de pertencimento e de reprodução da vida

Diante de uma gama de abordagens acerca da discussão sobre a categoria território, o pressuposto adotado nesta pesquisa admite a necessidade de articular teorias e considerar de uma forma tão interativa quanto possível os elementos que engendram essas concepções.

Considero aqui uma interação de conceitos com a finalidade de analisar as representações espaciais, tendo como fio condutor as discussões que procuram entender as múltiplas formas de perceber o território. Buscamos uma abordagem em que seja possível englobar os diferentes modos de representação no espaço/tempo, não visando prorrogar as discussões já existentes mas, antes, articulá-las com o propósito de tentar entendê-las à luz da vivência prática de pesquisa.

A categoria território, discutida por muitos, como espaço de poder, dominação, desapropriação e ocupação, será analisada neste contexto a partir do comportamento dos moradores das ilhas fluviais sanfranciscanas. Observamos nestes territórios uma maneira particular para a compreensão deste conceito. A intenção é tentar explicar, através das teorias em curso, como se dá a dinâmica territorial nestes espaços bastante diferenciados.

Não pretendemos começar simplesmente pelo já desgastado debate em torno de “o que é” território [...]. A questão, no nosso ponto de vista, é com que problemáticas nos envolvemos e o “o que fizemos”, concretamente, a partir dos conceitos de território que (academicamente falando) construímos. (HAESBAERT, 2009, p. 95).

Por este caminho é o uso social do território, e não o território em si, o que faz dele o objeto de nossa análise. O território, neste caso, está sendo considerado a partir de suas formas de uso e apropriação, manejo e significação, em função das relações sociais que acontecem nele e por meio dele. E é a forma como este se envolve de processos identitários, de auto-afirmação, de estabelecimento em um lugar e de formação de vínculos afetivos e de construção de um modo de vida, de uma sub-cultura peculiar e também de uma identidade, o que nos interessa entender.

Quando pensamos em um território como um espaço de apropriação e uso, devemos considerar não apenas as formas de dominação e de soberania. Consideramos um ciclo de interações entre a natureza e a sociedade, e de diversas formas concensuais e conflitivas de apropriação, delimitação, uso, resistência e significação que vai além da simples abordagem do território como um jogo poder. O que discuto aqui é uma abordagem que trata as formas de apropriação do território, visto enquanto produção da vida cotidiana e explicado a partir das relações simbólicas e culturais presentes nas ilhas do rio São Francisco.

As ilhas foram ocupadas de forma gradativa. As pessoas passaram a morar nestes territórios conscientes de que ocupam ilegalmente¹⁹ as terras, tendo apenas o vínculo da posse e não da propriedade privada da terra. O uso dos recursos naturais (terra, rio e beira do

¹⁹ Estas propriedades são consideradas pelo estado como de domínio da União.

rio) são os principais agentes na formação de um território de trabalho, reprodução da vida e convívio.

Para isto, devemos considerar as formas de uso e acesso ao território, tendo em vista que ele vai também muito além da simples moradia. Existe uma gama plural de ações que acontecem e se desenvolvem nele e por meio dele. O território neste caso é entendido como material, substrato para vida cotidiana, recurso e abrigo. Ele pode ainda ser (i) material em função das relações simbólicas, de afetividade, de parentesco, de vizinhança, enfim, de reprodução de uma cultura. Segundo Diegues (2008) “O *território* depende não somente do tipo de meio-físico explorado, mas também das *relações sociais* existentes”, (DIEGUES, 2008, p. 85, grifos do autor).

As relações sociais atribuem características de vínculos, afeição e significado simbólico com o território de existência. Os que nele vivem constroem laços de afetividade considerando-o como uso, apropriação, afeições e símbolos característicos de um espaço heterogêneo.

[...] o território não é apenas o conjunto dos sistemas naturais e de sistemas de coisas superpostas; o território tem que ser entendido como o território usado, não o território em si. O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho; o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida. É o território usado que é uma categoria de análise. (SANTOS, 2006, p. 14).

Consideramos as ilhas fluviais como um território “usado” pelos que vivem, apropriam e fazem deste espaço um meio de reprodução da vida cotidiana. As ilhas, para os seus moradores vão além de um simples espaço consolidado, pois é um uso contínuo em suas diferentes formas de realização cotidiana, aquilo por meio do qual as manifestações sociais acontecem, não em qualquer espaço, mas naquele lugar.

A legitimação do território se dá pelo uso material, validado pelo trabalho na terra, com a produção dos recursos necessários à sobrevivência da unidade familiar. Neste caso, o território apropriado se diferencia e até mesmo se opõe ao território jurídico do Estado. Todos os seus moradores necessitam “daquele” território para existirem. Porém, em seu interior, ocupam e moram ilegalmente em seus pequenos lotes.

Devo repetir, a formação de um território depende não apenas de fatores de ordem espacial, mas também de representatividade e significação. Mascarenhas (2006) numa leitura da produção de identidade num bairro de Lisboa traz a seguinte reflexão:

[...] através do esforço de identificação por parte dos seus habitantes, esforço que tem como origem uma conjuntura: uma população heterogênea que partilha o mesmo espaço, voluntária ou obrigatoriamente. É através do jogo de dualidades entre espaços e grupos que tentamos mostrar este labor de identificação e de ensino permanente de procura de uma ordem (compromisso) da coexistência entre estes grupos. (MASCARENHAS, 2006, p. 159).

Trata-se de um território representado, uma Geografia imaginária, onde as pessoas que habitam relacionam-se em função das suas experiências vividas. Esta extrema subjetividade produz outro território. Um território não apenas de produção, mas onde as ações interativas, sociais e simbólicas acontecem e fazem surgir um sentimento de auto-affirmação dos seus povoadores, viventes e produtores de identidade de “espaços de auto e hetero-identificação”, Mascarenhas (2006).

O território surge, na Geografia política, como o espaço concreto em si (com seus atributos naturais e socialmente construídos) que é apropriado, ocupado por um grupo social. A ocupação do território é vista como algo gerador de raízes e identidades: um grupo não pode mais ser compreendido sem o seu território, no sentido de que a identidade sócio-cultural das pessoas estaria inarredavelmente ligada aos atributos do espaço concreto (natureza, patrimônio arquitetônico “paisagem”). (SOUZA, 1995, p. 84).

O domínio de um lugar com representatividade própria faz dele um “espaço preciso” com características peculiares e formas singulares de agir. Os sujeitos, ao se afirmarem enquanto viventes de um território de pertencimento - mesmo quando juridicamente ilegal - traçam identidades peculiares, a partir da coletividade, por estarem “ali” e serem “dali”. Para Lopes (2006) “o território faz laços e é factor de múltiplas afiliações e pertenças, base de todo o processo de produção e recomposição identitária” (LOPES, 2006, p. 137). Assim, a identidade é tratada como algo em constante construção, um campo de conflitos onde acontecem os processos de identificação com o lugar.

Segundo Massey (2000) devemos pensar três noções de um sentido de lugar. Primeiro, “ele é absolutamente não estático”, fruto de interações e processos. Segundo, ele não deve “ter fronteiras no sentido de divisão demarcatórias” (MASSEY, 2000, p. 184) os lugares estão interconectados, integrando o global com o local, articulando “redes de relações e entendimentos sociais” independente de fronteiras e pontos fixos. Terceiro, “os lugares não tem ‘identidades’ únicas ou singulares: eles estão cheios de conflitos internos” (MASSEY, 2000, p. 185), isso não significa dizer que não devemos tratar com importância as especificidades, mesmo porque a história acumulada e as interações sociais reafirmam singularidades.

Tais singularidades podem ser percebidas pelos vínculos identitários e territoriais, “fonte de significados e experiências de um povo”. Esta identidade passa a ser entendida por por Castells (1999) como sendo “o processo de construção de significados com base em um atributo cultural” (CASTELLS, 1999, p. 22).

Stuart Hall (1999) sugere que o processo de formação de identidades encontra-se em permanente construção:

Assim, em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento. A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que esta dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros. (HALL, 1999, p.39).

Para Haesbaert (1999) a ligação entre identidade social e a formação territorial estão interligados. “Toda identidade social é definida fundamentalmente através do território, ou seja, dentro de uma relação de apropriação que se dá tanto no campo das idéias quanto no da realidade concreta” (HAESBAERT, 1999, p. 173). Sendo assim, a identidade evidencia o conteúdo simbólico-identitário do grupo social com o território.

[...] todo território “funcional” tem sempre alguma carga simbólica, por menos expressiva que ela seja, e todo território “simbólico” tem sempre algum caráter funcional, por mais reduzido que ele seja. (HAESBAERT, 2005, p. 6777).

A identidade se cria e se estabelece através dos laços de afetividade com as pessoas, ao longo e por meio da reduplicação de seus modos de vida²⁰ e de suas representações de um afetivo e efetivo espaço de vivência. “Uma identidade não é algo de estável, mas sim um devir, uma intenção identificadora, um processo em permanente tensão. É esta tensão que determina a eficácia social dos processos de identificação” (MASCARENHAS, 2006, p. 166). As experiências vividas se fazem pela identificação, ou seja, pelos diferentes usos do território, com funcionalidades e afinidades plurais.

[...] há uma realidade, não menos real, que é produzida por habitantes que estabelecem uma relação com o instituído através da experiência vivida e produzem um território representado nascido de uma rede de representações e equívocos. (MASCARENHAS, 2006, p. 167).

²⁰ A categoria está sendo utilizada como um conjunto de técnicas e costumes construído e passado socialmente, o que La Blache (1946) denomina de “gênero de vida”.

São experiências que se concretizam em função da durabilidade e intensidade com que acontecem. A reprodução dos saberes e a formação de identidades “sócio-espacial” criam um lugar com heranças históricas; um lugar presente na memória e evidenciados nas representações do território como espaços vividos e dotados de significados. A identidade na verdade se forma “não apenas com o espaço físico, concreto, mas com o território e, por tabela, com o poder controlador desse território” (SOUZA, 1995, p. 84).

É por meio do estabelecimento de vínculos, por criações, invenções humanas, assim como por intermédio de práticas sociais que se reproduzem em um território e como um território, é o que constitui uma territorialidade. As necessidades e os desejos de reprodução de outras territorialidades estão mesclados e atribuídos a diversas construções sociais, conforme observado nos territórios das ilhas fluviais.

[...] a territorialidade adquire um valor bem particular, pois reflete a multidimensionalidade do “vivido” territorial pelos membros de uma coletividade, pelas sociedades em geral. Os homens “vivem”, ao mesmo tempo, o processo territorial e o produto territorial por intermédio de um sistema de relações existenciais e/ou produtivas. (RAFFESTIN, 1993, p. 158).

Nas idéias deste autor as marcas do território são as territorialidades, formada pelas relações simbólicas, políticas e econômicas, todas elas mediadas pelas múltiplas escalas do poder. Algo dinâmico, com funções, representações e mobilidades que se mesclam e se sobrepõe em função do acesso.

Sua manifestação pode ser percebida nas ilhas fluviais sanfranciscanas, cuja territorialização é expressa pela criação de vínculos espaciais em um lugar do/no rio juridicamente “invadido” e fisicamente instável, porquanto ilhas podem ser alagadas periodicamente, podem mudar drasticamente a sua forma física e, no limite, podem até mesmo desaparecer. Os significados são outros, estão justapostos através de um modo de vida que repete o de outras populações não-ilheiras, mas que diante delas possui especificidades. Ninguém habita uma pequena ilha instável em um rio sem que isto deixe de marcar sentimentos, saberes, sentidos e significados profundamente.

O território insular, talvez mais do que qualquer outro, é para os seus moradores um lugar e um modo de se reconhecerem enquanto construtores de formas tão iguais as outras, quanto peculiares de produção de bens, de reprodução da vida e de criação de sociabilidades.

Em todos os casos os atores se verão confrontados com necessidades que passam pela defesa de um território, enquanto expressão da manutenção de um modo de vida, e recursos vitais para a sobrevivência do grupo, de uma identidade ou de liberdade de ação. (SOUZA, 1995, p. 109-110).

A identidade e a territorialidade constituem o que dá sentido ao território; são percepções múltiplas que se afirmam de acordo com as manifestações de convivência. Não há um movimento de “homogeneidade sobre a heterogeneidade” opondo os vários conceitos que permeiam a discussão acerca da noção de território. Os encontros entre “ações” e “objetos” são as peças fundamentais para a sua composição, representado pela noção de territorialidade. A idéia de identidades e territorialidades mescladas, apresentada por Haesbaert (2006), traz uma base teórica bastante plausível para interpretação do conceito mencionado.

Os territórios das ilhas fluviais, com os quais enfoco este estudo, estão sendo constantemente (re) elaborados. Eles se formam pela necessidade constante de sobrevivência e de formação de uma identidade, considerando-os como portadores de sentidos e significados que são atribuídos de acordo com determinadas vivências e experiências.

3.8 Os ciclos da natureza: a mobilidade das fronteiras

Podemos pensar a constituição do território geográfico das ilhas fluviais do São Francisco a partir dos ciclos da natureza. Mas, como entender de que forma estes territórios quase imperceptíveis podem ser habitados e produtivos?

As ilhas são formadas e passam a ser espaços de moradia e produção material em função dos ciclos das águas. No contexto do rio São Francisco elas possuem uma mutabilidade muito grande. Entre estações do ano e, sobretudo, entre anos de enchentes e de secas, elas podem emergir do rio, podem perder parte de suas terras ou podem simplesmente desaparecer. Assim, os territórios insulares são diferencialmente ocupados e utilizados somente quando os efeitos do clima sobre o rio lhes são favoráveis. Entre os seus usuários e/ou moradores o movimento espacial é percebido pelas observações da natureza. É também a mobilidade territorial que delimita o uso do território de acordo com a forma que a natureza temporariamente lhe dá. Assim, a cada ciclo do rio o espaço físico é reconfigurado e cabe aos seus moradores adaptarem-se a cada momento dele.

A configuração socioespacial das ilhas fluviais do São Francisco permite uma variação na vida cotidiana de seus moradores em função dos ciclos das águas. Portanto, vimos que as ilhas do rio configuram um território de fluidez, onde as ações acontecem em função da “mobilidade”.

As ilhas são territórios com extensões geográficas definidas pelas inconstâncias da natureza, se formam e se dissolvem, mas como na maior parte dos casos elas permanecem. Acabam sendo a referência espacial da vida dos que as ocupam e nelas vivem e/ou trabalham. As pessoas não consideram essencial a forma bruta assumida por uma ilha, mas o modo como suas mudanças geo-ecológicas alteram suas condições de residência e/ou de manejo através do trabalho. Assim, as formas geográficas das ilhas mudam, mas a produção humana continua, com mais ou com menos espaços.

[...] formar-se e dissolver-se, construir-se e dissipar-se de modo relativamente rápido [...], ser antes instáveis que estáveis ou, mesmo, ter existência regular mas apenas periódica, ou seja, em alguns momentos – e isto apesar de que o substrato espacial permanece ou pode permanecer o mesmo. (SOUZA, 1995, p. 87).

O que caracteriza o território das ilhas fluviais é a instabilidade, as flutuações de seus usos e a mobilidade de suas fronteiras. Isso porque as ilhas do rio são, frente às terras continentais, pequenas extensões de terras rodeadas pelas águas do rio São Francisco, conforme foto 2.

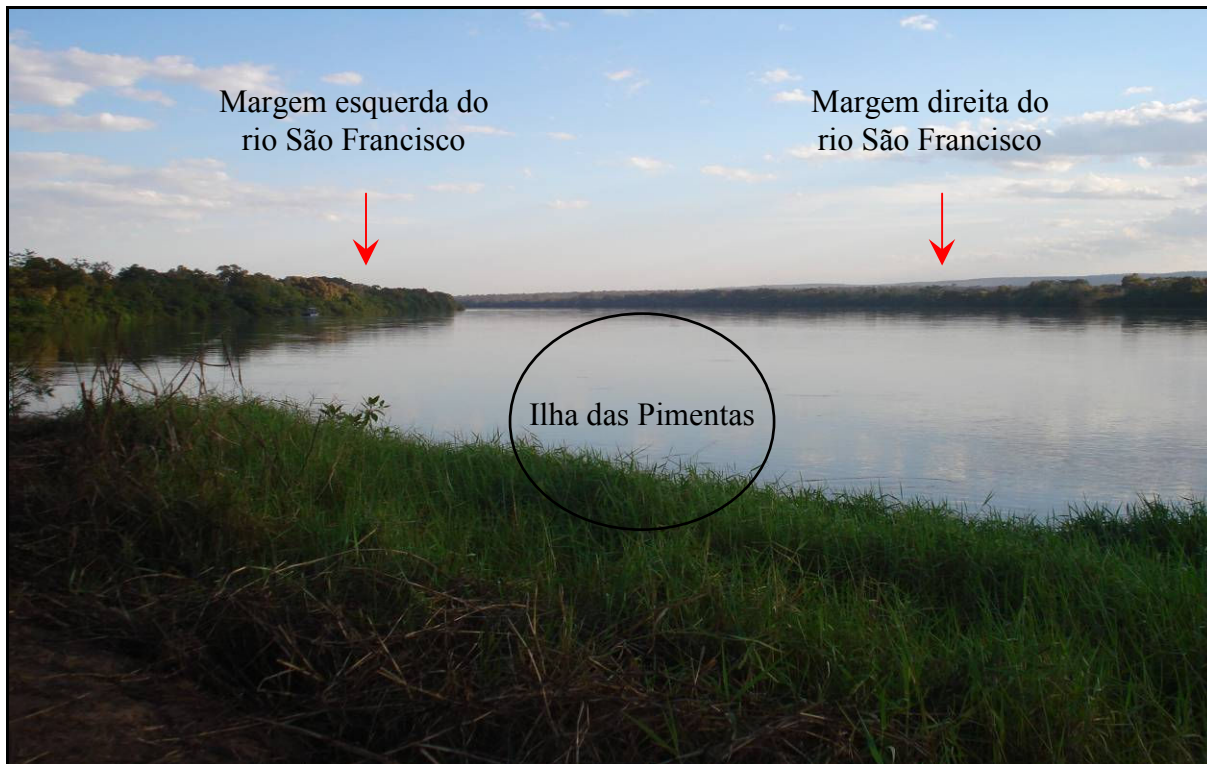


Foto 2 - Ilha e margens do rio São Francisco em Pirapora/MG.
Autora: SOUZA, A. F. G., (Jun./2009).

Ilhas são territórios pouco observáveis ao olhar da ciência geográfica que carece de um estudo minucioso sobre a sua dinâmica territorial. São territórios “construídos (e desconstruídos) dentro de escalas temporais as mais diferentes: séculos, décadas, anos, meses, ou dias; territórios podem ter uma existência periódica, cíclica” (SOUZA, 1995, p. 81).

Na perspectiva de Souza (1995) a flutuação do território é utilizada para denominar locais de ocupações múltiplas. Neste caso, adoto uma abordagem diferente da utilizada pelo autor. Embora as ilhas observem também os tempos de flutuações, sua intensidade é vista de maneira diferente. Enquanto os territórios flutuantes na perspectiva de Souza (1995) referem-se à dias ou horas, no caso das ilhas, referem-se às estações climáticas.

Outro fator importante de ser observado é o uso comum e diferenciado do território. Inicialmente a ocupação das ilhas se dá por moradores fixos ou trabalhos que necessitam de um ambiente para moradia e trabalho. Posteriormente começam a chegar os “de fora”, tal como acontece em inúmeras ilhas marinhas e algumas fluviais. O que muda neste processo de ocupação é a diferença na produção material. Assim, enquanto turistas e veranistas chegam às ilhas movidos pelo desejo do sol e do tempo “bom” para praias e pescas, os seus habitantes observam um outro ciclo do passar do tempo. Sabemos que no “tempo da seca” as ilhas são um recurso e um abrigo, no “tempo da águas” elas se transformam em recursos limitados quando o rio permite e em uma perene ameaça devido às enchentes. Estes territórios fluviais podem aparecer e desaparecer de acordo com o tempo/espço. São “territórios com uma temporalidade bem definida” (SOUZA, 1995, p. 91).

As pessoas que moram nas ilhas, sabem conviver com a fluidez de seus territórios, observam a natureza e sabem quando é chegada a hora de abandonar suas propriedades e partir para a “terra firme” em busca de abrigo, enquanto não é possível residir e trabalhar nas “terras do rio”. Buscam moradias provisórias em outros espaços próximos, geralmente em casas de parentes que vivem na cidade ou até mesmo nas terras altas da beira do rio. Esperam o tempo certo para voltar e retomar a vida em seu território de convívio e de trabalho.

As ilhas são uma referência como lugar de moradia e de trabalho. Porém, é preciso respeitar as regras da natureza. Em épocas que as águas do rio São Francisco diminuem, é chegada a hora dos moradores retornarem para as suas residências, onde realmente criaram as marcas de um lugar. Esta afinidade com o território é sentida quando eles estão ausentes de seu lugar de origem, ou seja, de seus territórios de vida.

Estes homens e mulheres vivem “territorialidades flexíveis”, um “vir-a-ser” das águas e das ilhas, como lugares de vivências em comum.

[...] os processos de deslocalização de indivíduos com fraca mobilidade espacial fazem do enraizamento no espaço local e dos dispositivos de afiliação e pertença, o que nos leva a definir o espaço como um recurso simbólico na produção de sua identidade e a defini-la como uma identidade de território. (LOPES, 2006, p. 150).

As ilhas são territórios de produção social, onde todas as ações de vida e trabalho acontecem em função da existência de um território que não é fixo, mas sim fluido, presente na vida das pessoas por todo o tempo. “Os espaços são os mesmos e são outros, mudam. Tal como as sociedades, os territórios têm também a sua história” (BRANDÃO, 1995, p. 171).

Uma fluidez de territórios insulares gera características ímpares as ilhas, a força maior que rege a vida nestes territórios é organizada em função da sua formação natural, estabelecida pelos ciclos da natureza e a ocupação social do território. Nas ilhas existe um período determinado para a apropriação e utilização dos recursos, seus moradores partilham experiências de enraizamento e deslocamentos durante as estações do ano.

E é através da partilha dos mesmos espaços, reconhecidos como elementos de enraizamento local, que se forjam as representações colectivas do território e a que se associa um sentimento de pertença. Esses traços de reconhecimento colectivo geram, no confronto com outros espaços, a imagem de marca de um lugar, cidade ou região. (VAZ, 2001, p. 220).

Para tanto, o ir e o vir das chuvas é o que determina o tempo de estadia nas ilhas. A chegada das águas é tempo de partir. A chegada do sol é tempo de voltar. São esses ciclos que dão essência as ilhas, aos territórios. As ilhas enquanto territórios dão dinâmica a vida social. Neste sentido, o “vir-a-ser” dos territórios é o “vir-a-ser” da vida cotidiana.

Para tanto, o território das ilhas são representativos, marcado por múltiplas funcionalidades e territorialidades plurais. Sendo assim, classificamos as ilhas do rio São Francisco primeiramente enquanto forma de dominação, por ser um espaço sob a jurisdição do Estado. São territórios considerados como patrimônio público, onde o poder se dá pelas leis estaduais e federais. O Estado aparece, neste caso, como um regulador de fronteiras.

Porém, a legitimação do território, no caso específico das ilhas, acontece através da força da tradição, do direito costumeiro opondo-se à propriedade do Estado. Assim, o território é para os moradores das ilhas uma maneira de se auto-afirmarem enquanto construtores de formas próprias de produção. Em função das necessidades básicas de sobrevivência, os que vivem nas ilhas partilham saberes e estabelecem vínculos, na intenção de manterem-se enquanto viventes de um grupo.

Buscamos entender as formas de construção de um território realizadas através de relações simbólicas e socialmente culturais. “É pela existência de uma cultura que se cria um território e é por ele que se fortalece e se exprime a relação simbólica existente entre cultura e espaço”, (BONNEMAISON, 2002, p. 101). Sendo assim, “o território é, ao mesmo tempo, ‘espaço social’ e ‘espaço cultural’”. Este autor traz a característica de um território privilegiando a sua dimensão simbólico-cultural e afirmando que “a territorialidade é a expressão de um comportamento vivido” e ainda, “uma oscilação contínua entre o fixo e o móvel” (Ibid., p. 107). “Enquanto o espaço tende à uniformidade e ao nivelamento, o território lembra as idéias de diferença, de etnia e de identidade cultural” (Ibid., p. 126).

Com esta leitura percebemos que a reprodução dos saberes e a formação de identidades “sócio-espaciais”, criam um lugar com heranças históricas, presente na memória e evidenciados nas representações do território como espaços vividos e dotados de significados. A identidade na verdade se forma “não apenas com o espaço físico, concreto, mas com o território e, por tabela, com o poder controlador desse território”, (SOUZA, 1995, p. 84).

As ilhas não devem ser analisadas pela mesma forma geográfica por todo o tempo, é mutável e se constrói de maneiras múltiplas. Para os que vivem nestes territórios o que legitima a propriedade na ilha é a posse, garantida pelo trabalho e não o poder do Estado. O trabalho e os seus efeitos sobre um território, são o que atribui legitimidade e poder para os moradores das ilhas, como forma de garantir o pertencimento nestes espaços. E ainda, garantem a formação de uma territorialidade por meio de uma identidade, com produção de uma cultura com representações simbólicas e de afetividade.

O sentimento identitário permite que se sinta plenamente membro de um grupo, dotá-lo de uma base espacial ancorada na realidade [...] os problemas do território e a questão da identidade estão indissociavelmente ligados: a construção das representações que fazem certas porções do espaço humanizado dos territórios é inseparável da construção das identidades. Uma e outra, estas categorias são produtos da cultura, em um certo momento, num certo ambiente: os dados objetivos permitiriam, no mesmo quadro, definir outras identidades e outros territórios [...]. (CLAVAL, 1999, p. 16).

A formação de territórios e a construção de identidades são questões interligadas. Assim, a ocupação das ilhas caracteriza-se pela metamorfose de seus territórios formados a partir de arranjos e estratégias próprias de existência, o que faz deles, um micro-território do ponto de vista espacial e um multiterritório do ponto de sócio-cultural.



SEGUNDA PARTE

***O ONTEM E O HOJE:
O VIVER E O HABITAR UMA ILHA
DO RIO SÃO FRANCISCO***

**CAPÍTULO 4 - ILHA DE MÚTIPLAS PRESENÇAS: OS NOVOS
ARRANJOS SOCIAIS**

**CAPÍTULO 5 - LEMBRANÇAS DO VIVIDO ENTRE AS ÁGUAS:
MEMÓRIA E IMAGENS**

4 ILHA DE MÚLTIPLAS PRESENÇAS: os novos arranjos sociais²¹

O que busco a partir de agora é um entrecruzamento, abrangendo o objeto e o cenário múltiplo de minha pesquisa. Primeiramente queremos compreender como se realizam os processos interligados de socialização da natureza e a construção e reprodução da vida social dos moradores da Ilha das Pimentas através de seus variados tempos/espços, momentos/lugares. Procuro entender como em uma pequena ilha no rio São Francisco os seus moradores criam e intercambiam símbolos repletos de significados, na medida em que transformam os diferentes espaços do mundo da natureza em lugares sociais da cultura, onde os moradores vivem/convivem, aprendem/ensinam.

Além disso, pretendo realizar uma espécie de “olhar diferenciado”, enfocando os sujeitos da pesquisa enquanto seres significativos. Desejo investigar como eles percebem, orientam e sentem. Enfim, como individualmente, coletivamente e socialmente eles vivem e partilham águas e vidas em uma ilha do rio São Francisco. Não os quero estudar enquanto sujeitos meramente produtivos de bens e de serviços, mas também enquanto pessoas que entre-vivem, sentem e pensam a partir do como vivem produtivamente e do como sentem a vida que vivem.

Um aspecto essencial e pouco abordado em muitos estudos é como no fluir da vida cotidiana os sujeitos convivem sempre “dentro” ou “entre” grupos com formas diferenciadas de pensar e agir. Assim, começo por um olhar dos “de dentro” sobre o mundo em que eles vivem e as suas implicações para com o ambiente e as pessoas que os cercam, envolvendo momentos pretéritos, conjunturas do presente e pretensões do futuro.

4.1 Os deslocamentos: novos lugares de vida

“Eu plantava roça nos barrancos, depois os fazendeiros não deixaram mais, foram afastando o pessoal da beira do rio”.

Dona Deletina.

Em função de uma nova dinâmica de uso e apropriação da terra, a paisagem natural foi aos poucos sendo modificada, devastada. Os espaços de vivência cederam lugar para a

²¹ Neste capítulo trago os dados colhidos durante as pesquisas de campo realizadas na Ilha das Pimentas no período de julho de 2007 a dezembro de 2010. Todas as citações em itálico referem-se as falas dos moradores da Ilha das Pimentas.

produção comercial. Assim, a vida dos moradores das fazendas e beiras do rio tomou novos rumos; os lugares foram desarticulados, as relações de trabalho, que baseavam-se no núcleo familiar adequaram às novas relações sociais emergentes na região. As unidades familiares dos ribeirinhos foram inseridas de forma inevitável nesse sistema. Os trabalhadores foram retirados do lugar de convívio nas fazendas e passaram a procurar outros meios para produzir a subsistência familiar.

O que, se eles tem de comer repartem: farinha, ovo duma galinha, abrobrinha, bró de buriti, palmito de buriti, batata-doce, suas ervas. O que eles tem para comer? Comem suas mãos, o que nelas estiver. Doendo em sua falta-de-saúde, povo na miséria nos buraquinhos. (ROSA, 1965, p. 116).

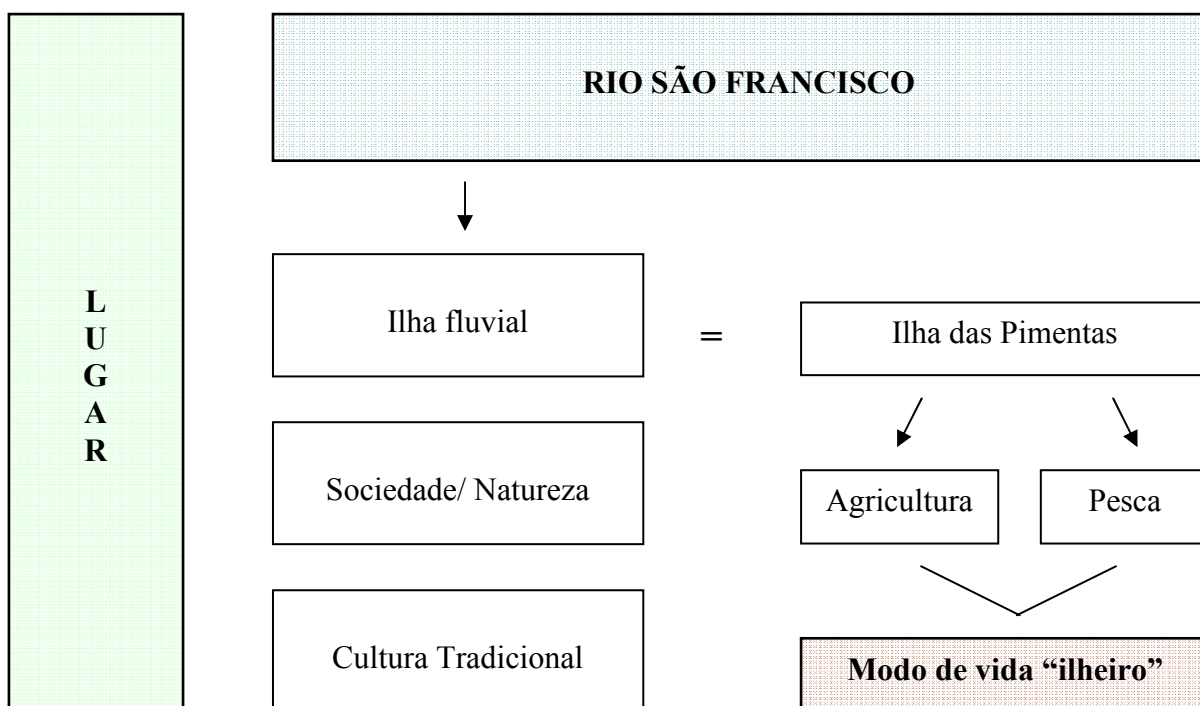
Com a modernização tecnológica, o trabalho no campo tornou-se altamente seletivo e excludente, recrutando pouca mão de obra e obrigando os agricultores a buscarem outros meios de sobrevivência. Sem trabalho e terra para cultivar, alguns pequenos produtores migraram para as cidades vizinhas em busca de alternativas forçadas de emprego, enquanto outros buscaram novas terras para o cultivo.

Desta forma, algumas famílias viram nas terras da ilha um espaço para moradia e plantio. Aos poucos foram chegando alguns moradores que se instalaram em moradias provisórias. Apesar de todas as mudanças advindas de um novo lugar de vivência, os moradores que passaram a habitar as ilhas procuraram criar laços de afetividade com o seu novo lugar de acolhida, criando arranjos e estratégias de pertencimento a estes territórios. São as formas de convívio que fazem com que a maioria das famílias expropriadas busquem estar apoiadas em novos símbolos e significados, que passem a traduzir para eles o habitar um novo espaço e conviver com o mundo e com pessoas de uma forma diversificada da anterior. Estes sujeitos convivem com a esperança de sobrevivência e de reprodução da vida em territórios até então desconhecidos por eles.

A transformação do espaço, da natureza, da paisagem enfim, do lugar não aconteceu na totalidade. As mudanças sofridas por estas famílias preservaram algumas práticas cotidianas da cultura tradicional e fizeram emergir outras, em função das necessidades de adaptação a estes novos territórios. Como nos aponta Cosgrove, “a cultura não é algo que funciona através dos seres humanos; pelo contrário, tem que ser constantemente reproduzida por eles, em suas ações, muitas das quais ações não reflexivas, rotineira da vida cotidiana” (COSGROVE, 2004, p. 101).

A ocupação de um espaço por um grupo de pessoas envolve a construção e a transformação deste espaço para prover as necessidades de sustento, de moradia de manifestações diversas de fé, crenças e partilha, da sociabilidade e das culturas que essas pessoas carregam de seus lugares. Reproduzir seus modos de vida são características da coletividade humana. Este espaço humano construído e habito se transforma em lugar, a partir das relações que vão se estabelecendo, entre as gentes, na construção de suas histórias. (DE PAULA et. ali, 2007, p. 16).

Na medida em que os moradores foram adaptando-se a este novo espaço do rio, novas relações com o ambiente e com as pessoas também foram sendo criadas ou recriadas. Ilhas como a que estudo tornaram-se um lugar para moradia e trabalho das famílias. As pessoas passaram a identificar-se como parte integrante dele, verdadeiros “ilheiros” que plantam e pescam para garantir o sustento de suas famílias.



Fluxograma 3 - O lugar da vida e do trabalho.
Org.: SOUZA, A. F. G., (2010).

O fluxograma 3 representa o ciclo vivido pelas famílias que passaram a viver na Ilha das Pimentas. Os seus moradores consideram hoje a ilha como um lugar de vivência do cotidiano. Um lugar novo que agora existe para abrigar a vida, o trabalho e seus sonhos de realização pessoal e familiar.

Lugar que na perspectiva de Tuan (1983) significa pausa e identidade. Mas ele também pode ser definido como valor, símbolo, vida, esperança, sonho e trabalho, todos mediatizados pelo sujeito, em suas mais variadas faces. O lugar é onde se constrói a vida, uma

fração do espaço onde os homens reconhecem a sua história, onde estabelecem suas relações, onde criam-se vínculos, laços de pertencimento e identidade.

Tuan (1983) acrescenta que um espaço só se transforma em lugar, à medida que adquire definição e significado, sendo a experiência vivida e pensada uma das características fundamentais de apropriação de um lugar, onde as pessoas conhecem e constroem a realidade. “O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor.” (TUAN, 1983, p. 21). Quanto mais se conhece um lugar, maior é o seu valor. O traço de afeição e identificação diz respeito à força do sentimento, do reconhecimento e da sensação de pertencimento dos lugares.

Assim, a partir da fixação de moradores na Ilha das Pimentas a dinâmica de vivência passa a ter uma nova significação, sempre ligada aos sentimentos de afetividade de seus sujeitos com o rio e com os espaços da ilha. Além disso, as relações sociais fazem com que a maioria das famílias da ilha busquem amparo em novos modos de conviver com as coisas e os seus símbolos. Os moradores trazem a esperança e a certeza de sobrevivência em função da proteção das criaturas das águas e da benção divina. Já adaptadas aos espaços da ilha, as famílias conservam os símbolos e crenças herdados das gerações passadas, no intuito de reavivar os antigos laços e referências da vida comunitária.

O viver no entorno do rio São Francisco no Passado	O viver no entorno do rio São Francisco no presente
• Lugar de vivência; • Grandes extensões das fazendas; • Trabalho diarista; • Terras arrendadas; • Água, vida e sonhos.	• Lugar de trabalho e satisfação; • Pequenos lotes; • Trabalho por conta própria; • Terras do proprietário e do rio; • Água, vida e sonhos.
Construção de um modo de vida próximo ao rio e dependente dos fazendeiros donos das terras	Espaço de vivência e a reafirmação dos sujeitos enquanto homem da terra e das águas.

Quadro 5 - O viver no entorno do rio São Francisco: o ontem e o hoje.
Org.: SOUZA, A. F. G., (2009).

O quadro 5 permite fazer uma reflexão entre as peculiaridades sobre o ontem e hoje do viver no entorno do São Francisco. Ele apresenta um resumo da vivência dos moradores volantes e as principais modificações nos seus modos de vida e nas suas formas de trabalho em dois lugares distintos: a moradia e trabalho nas fazendas versus a habitação e vivência na Ilha das Pimentas.

Assim, a única ligação direta entre o passado e o presente aparece na forma de viver e pensar o rio como símbolo, sonhos e sobrevivência. Independente do tempo e do espaço, os seus modos de vida estão diretamente ligados às águas do rio São Francisco e ao ambiente que o cerca. Portanto, tornaram-se viventes de uma cultura tradicional intimamente ligada a um modo de vida tipicamente “ilheiro”.

4.1.1 O ontem: lembranças do passado entre terras e águas

“Crescei e multiplicai e vivei com o suor de seu rosto”.

Senhor Coló.

Durante o tempo da pesquisa fui aos poucos percorrendo cada lote, buscando decifrar a vivência de cada morador e procurando encontrar maneiras de interpretar o vivido e o pensado destas gentes. Em todas as casas em que cheguei, fui muito bem recebida. Foram muitas conversas, informações colhidas e experiências adquiridas. Sem nenhum constrangimento, fui convidada a entrar em suas casas e partilhar um pouco da vida simples destas pessoas.

Assim que cheguei, pela primeira vez a ilha fui informada sobre um casal de moradores muito antigos que residem na ponta da ilha, *“lá perto da prainha”* como eles dizem. Logo procurei ir ao encontro deles. Cheguei, sentei em um banco de Aroeira de construção artesanal. Logo em seguida apareceu uma senhora de pele morena, cachimbo em um dos cantos da boca, algumas rugas na face expressando a sua idade, lenço na cabeça e estatura baixa. Era a dona Ana, como é conhecida na ilha, que com muita presteza me ofereceu um café, como forma de agradar a quem vinha de longe.

Em seguida, apareceu um senhor com umas palhas de milho na mão e me cumprimentou com satisfação. É o senhor Manuel, 78 anos. Sempre sorridente, a pele morena, os cabelos grisalhos, alto, mas já meio encurvado pela idade, mãos ásperas da “labuta” do dia-dia, mas sempre com olhos vivos e atentos. Aos poucos iniciamos uma conversa sobre o rio e a ilha. Eles foram recordando com alegria e orgulho os seus longos tempos de vida acompanhando o rio São Francisco, começaram a contar suas experiências da vida e as marcas que esse passado deixou.

Segundo os relatos do senhor Manuel e dona Ana, moradores da ilha a mais de trinta anos, ela foi formada após a instalação da barragem de Três Marias²². *“Era um ilhotezinho de nada. Era dois pés de manga e água prá todo lado. Aí foi crescendo, vindo gente, e tá hoje do jeito que você tá vendo e cada dia chegando mais”* afirma o senhor Manoel.

Eles contaram que antigamente a ilha era apenas para pesca e ocupação provisória, logo depois começou a vinda de algumas famílias, geralmente oriundas das fazendas próximas. Segundo o senhor Manoel as famílias *“não tinham mais terra para poder produzir por causa da nova lei de terras, que dava o direito de posse aos moradores que trabalhavam a mais de cinco anos na terra.”* Ameaçados pela perda de suas propriedades, muitos fazendeiros expulsaram de suas terras os trabalhadores, que saíram em busca de novos locais de sobrevivência.

O rio São Francisco eu conheço da onde ele nasce até onde ele joga no mar. Antigamente era mais fundo, tinha mais caça era capivara, jacaré, surubim grande. As vertente tinha vereda aí tudo (apontando para a direção do rio), aí as carvoeira acabou com tudo. Antigamente não tinha praia, as ilhas foram criadas depois da barragem. O rio tornou uma lagoa, nem tem mais correnteza. (Senhor Coló, hoje já falecido, morou na ilha por mais de 10 anos).

Segundo os moradores mais antigos, neste tempo, o ciclo do rio São Francisco era regular e com grande oferta de peixes. *“O rio não era assim, vivia era de barranco em barranco, não esvaziava e a enchente levava a areia”* afirma senhor Manuel. Este período é lembrado como um tempo em que não havia restrição de acesso aos recursos, o rio era largo e as *“lagoas criadeiras”* eram cheias de águas e peixes. Após a chegada das grandes fazendas os recursos ficaram escassos e o acesso às terras produtivas ficou cada vez mais restrito. Este processo de ruptura promoveu mudanças significativas no local e na vida das famílias que moravam as margens do rio São Francisco e possuíam vínculos afetivos com o rio e com as propriedades próximas.

²² Usina Hidrelétrica de Três Marias, pertencente a Centrais Elétricas de Minas Gerais S/A – Cemig. Entrou em operação em 1962, sendo o primeiro barramento a ser utilizado para a regularização do Rio São Francisco.

4.2 Gente que vive no/do rio São Francisco

“Eu nasci e criei na beira desse rio”.

Dona Izabel.

Os camponeses, ilheiros, trabalhadores, sertanejos, beiradeiros, vazanteiros, ou qualquer que sejam as definições a serem utilizadas, qualificam a Ilha das Pimentas como um lugar único por suas belezas. Os seus moradores são gentes de beiras do rio São Francisco, do tempo das fazendas, vivem com “poucas terras e muita fé”. Homens de pele avermelhada pelo brilho intenso do sol, que sabem enfrentar como ninguém a luta pela sobrevivência e a paixão pelas águas e pela terra onde vivem.

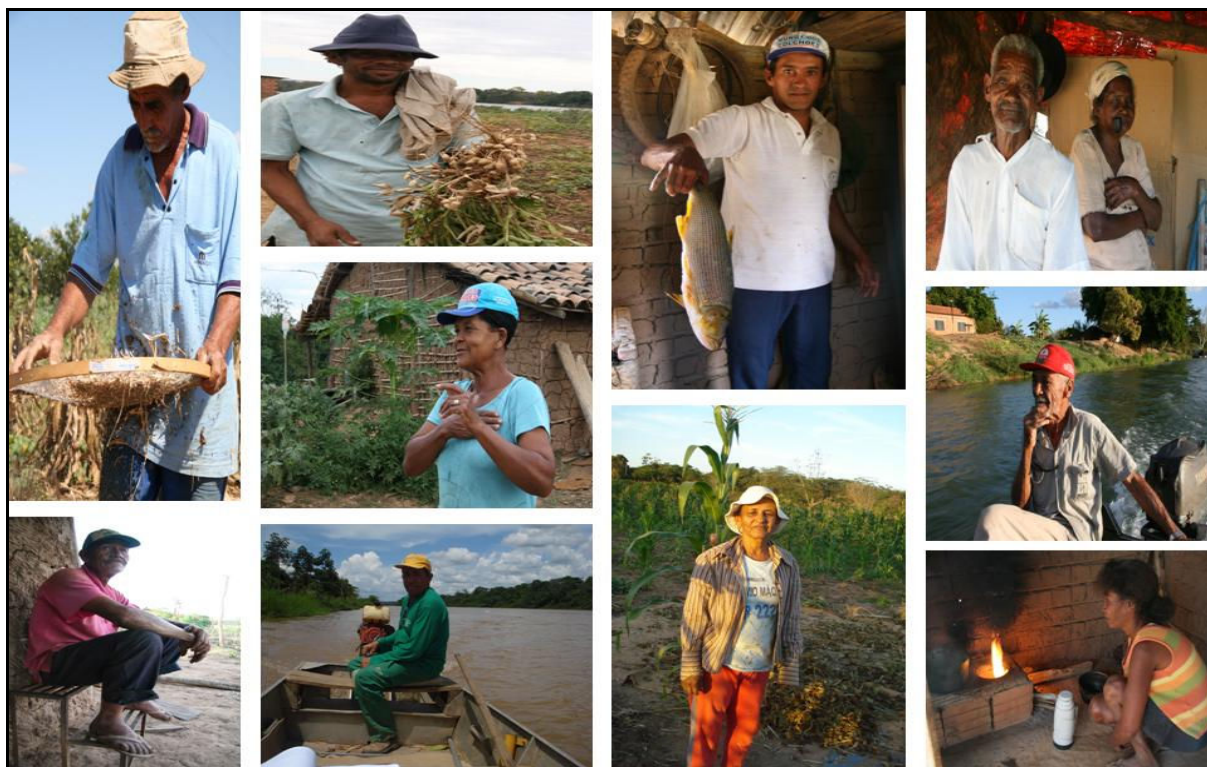


Figura 4 - Rostos e gestos encontrados na Ilha das Pimentas.
 Autora: SOUZA, A. F. G., (Jun./2010).

Conforme figura 4 estas são gentes que vivem no/do rio, e tem como referência olhares diversos presenteados pela beleza das águas correntes, brilhando e rebrilhando com o sol esplêndido das Gerais, de tanta vida, de tanto cerrado, de muitos homens de confiança que construíram com o suor de seus rostos o lugar de vivência, o espaço comum e o lugar sagrado. Para eles, moradores apaixonados por sua ilha, ponto de referência na imensidão das águas do São Francisco. Este pequeno pedaço de terra vale como símbolo de vida, lugar de repouso,

calma, alento e paz, sussurrados apenas pelo barulho das águas “*lugar onde a gente vive com aquilo que a gente gosta*” afirma dona Ana, uma das primeiras moradoras a chegar à ilha.

As marcas de uma vida passada, repleta de construções na paisagem, percebida em um primeiro instante como uma organização singular da ilha se reflete de várias maneiras. “*Era um tempo que chovia muito. Hoje a chuva acabou. Teve que mudar a época de plantar*”, afirma senhor Manuel, com toda a sua experiência.

Todos vivem em terras que não consideram de sua propriedade, mas sim “do rio”. Constroem suas pequenas casas com a certeza de que mais cedo o mais tarde elas podem ser tomadas e devastadas pelas águas. Trabalhando de sol a sol, cuidando de suas roças e também fazendo e produzindo saberes. “*Por aqui na ilha você fica no meio d’água*” afirma senhor Coló, que, quando vivo, era um homem apaixonado pelas belezas do rio São Francisco e sempre se referia à ilha como um lugar de sossego e harmonia.

Hoje o trabalho com a lavoura busca resgatar os tempos de beleza e fartura. Saudades de um tempo, em que o rio oferecia muitos peixes; existia muita caça e as pessoas não depredavam a natureza. O passado ainda está vivo na memória de muitas pessoas que vivem ou passaram pelas beiras do São Francisco afora. “*Tudo que eu plantava eu planto hoje, só que produz pouco*”, conta senhor Manuel esposo de dona Ana.

A saudade expressada por estas gentes existe em função de uma prática diferenciada, envolvendo uma convivência harmônica entre o homem e a natureza circundante. Mesmo vivendo em “novos tempos” os moradores da ilha se sentem ainda como parte da/na natureza. Suas plantações são realizadas de acordo com as fases da lua, obedecendo aos ciclos das águas do rio São Francisco. Plantam “nos tempos da seca” para garantir maior produtividade e para que o núcleo familiar não passe por dificuldades financeiras e alimentícias durante o ano.

Durante meu convívio com os moradores da Ilha das Pimentas percebi que a relação com a natureza transcende a produção, mesmo sendo dependente de seus elementos. Os laços de pertencimento e enraizamento com o lugar podem ser sentidos através do relato de espanto e protesto de dona Ana, “*lá na rua é aquele barulhão, o povo matando uns aos outros*”.

Durante a pesquisa percebi que os moradores da ilha logram construir uma identidade com a terra, com o local e, ainda mais precisamente em termos geográficos, com o lugar de vivência. É na ilha que eles encontram abrigo, plantam e pescam para manter suas famílias. Nela e com ela estabelecem vínculos familiares e afetivos, estreitam laços de amizades e compadrio, enfim, vivem plenamente uma vida em comunidade.

A memória destes povos evidencia uma trajetória de lutas, incertezas e de afirmação com o lugar de vida. Em suas falas os moradores lembram com saudade dos fatos pretéritos e

demonstram através das vivências do presente, um modo de vida meramente tradicional, herdado do passado.

4.2.1 O chegar e o partir: as perdas e conquistas

“Aqui é do rio, nós estamos no lugar dele, então se ele resolver entrar dentro, temos que sair e largar tudo”.

Dona Ana.

São muitas as pessoas e famílias que sobem e descem o rio, tornado-o uma fronteira líquida onde “vão” e “voltam” coisas e pessoas, assim como as águas. Os entrevistados afirmam que no passado, nas margens do rio *“tinha muita fartura, muita gente trabalhando: era criação de porco, galinha e as plantações. Depois ficou tudo mais difícil, tivemos que procurar lugar pra viver e trabalhar”* diz dona Ana, gesticulando com as mãos.

Através da fala dos moradores da ilha, percebi que para eles viver as margens do rio significa ver o sol nascer todos os dias, ouvir o barulho dos bichos na paisagem do cerrado, sair para pescar a qualquer hora do dia, mesmo debaixo de um sol escaldante, com uma grande satisfação de saber que ali se poderá chegar, viver e obter o sustento de cada dia. *“Sem o rio nós não somos ninguém: peixe, água gostosa como a do São Francisco, não tem igual. É uma maravilha viver aqui”* afirma dona Izabel, enquanto contempla maravilhada da varanda de sua simples casa o rio, bem “ali”, à sua porta, e aponta para ele como parte de sua vida.

A alegre e duradoura conversa com dona Izabel, uma baiana de Bom Jesus da Lapa, de pele escura e boné na cabeça, me fez atentar para a intensa ligação que existe entre ela e o rio, cultivada desde sua época de criança, pois como ela diz:

Sou pescadora de mão cheia; pego o barco, subo o rio e fico de sábado para domingo pescando. Lá o peixe é maior, aqui tá muito batido. Quando não dá pra eu ir sinto é muita falta de pescar.” Isto *“Sempre vivi a beira dele, saía mais voltava, ia trabalhar nas fazendas ficava uns tempo, mas sempre voltava pra beira dele. Hoje vivo aqui, e não saio tão cedo se Deus quiser.* (Dona Izabel, moradora da ilha).

Além de pescadora apaixonada pelo rio, dona Izabel, seu esposo Aureliano e alguns filhos trabalham na plantação de banana de uma fazenda à margem direita do rio, para garantirem o sustento diário de sua casa. Mas ela afirma que nunca deixa de plantar sua “hortinha” e de cuidar dos “bichos”, e quando o senhor Aureliano fica “apertado” ele chama

alguém da ilha para ajudar na plantação. *“O que não pode é ficar sem plantar minha filha, agente trabalha como pode”* afirma ela.

O viver com a natureza e compreender seus elementos, como propôs Moura (1998), significa fazer do ambiente de vivência o cenário de sua vida, ou melhor, o palco de suas realizações, enquanto homem-indivíduo e comunidade de sujeitos. Podemos identificar esta relação por meio da fala da moradora Cláudia:

O rio é uma coisa muito boa, é o sossego que a gente tem na vida. É como se fosse um remédio que passa na gente. Eu só vou na rua de vez em quando por causa da família que mora lá, senão nem ia. (Cláudia, moradora da ilha).

As relações com a natureza envolvem os seus símbolos herdados ao longo de toda uma vida, identificados através da partilha dos saberes. *“Para mim, o rio é uma vida, eu sempre mantive dele. Um presente de Deus pra mim. Eu dependo dele de todo jeito”*, afirma o senhor Coló, 86 anos, e que no passado trafegava pelas águas do São Francisco como prático em embarcações da Marinha e também como mascate. Ele lembra do passado dizendo que *“nesta beira de rio só tinha gente, vendia: querosene, cachaça, fumo, tinha de tudo! Trazia da Bahia pra vender nestas beira de rio, toda vida mexi no rio, desde meus 14 anos.”* Hoje, já falecido ele deixou como herança para os filhos uma casinha construída por ele e um barco de pesca. Foi-se um exemplo vivo de luta e persistência a favor da preservação das águas do rio São Francisco.

As lembranças do passado ainda sobrevivem na alma das pessoas residentes na Ilha das Pimentas. Em vários relatos os moradores recordam um tempo de fartura, da vida na roça, das experiências de trabalho, das desocupações e ocupações, das enchentes, das tragédias, das perdas, das conquistas, das pessoas que já passaram e das que ainda permanecem, como todos que buscam a simples sobrevivência possível, sem almejarem muita riqueza.

Assim, a ilha vive das lembranças do que já viveram e das saudades que sentem agora. Muitas são as memórias, porém, nem todas remetem à lembranças de bons momentos. As enchentes constituem uma lembrança viva de algo sempre presente para estes moradores, sujeitos a perdas e reconquistas a cada ano de cheia do rio. *“Ilha da mesma hora que tem as coisas, não tem”* revela o senhor Lucimar, contando sobre as enchentes do rio.

Existem as incertezas e ansiedades por não morarem em um lugar fixo, de possuírem casas improvisadas e viverem em uma vigília constante de suas plantações. *“É muito triste você chega aqui e vê tudo cheio d’água, você tem tudo e não tem nada. A gente mora no lugar do rio”* conta dona Deletina, esposa do Senhor Adison. A qualquer momento de cheia

do rio, suas casas, os animais, a produção e todas as plantações podem ser levadas pelas águas do rio.

O senhor Pedro conta com tristeza às perdas que tiveram com a última enchente.

Aqui tomamos este ano um prejuízo de mais de cinco mil. Roça, laranjeira, toda plantação acabou, mandioca, milho, feijão. Morreu laranja enxertada, mexerica, banana, morreu tudo. Tinha banana, tinha muita cana. O rio atingiu quase um metro e meio de altura. Tivemos que tirar as vasilhas e fizemos um jirau alto onde colocamos o restos das coisas. Entramos com água no peito, achamos até cobra.(Entrevista concedida em janeiro de 2010).

Diante disto, devemos considerar o contraditório, o movimento, os arranjos e as estratégias que os moradores da Ilha das Pimentas criaram para permanecerem em suas terras. Estão sempre dispostos a reconstruir, replantar e seguir vivendo em seu pequeno pedaço de terra.

Esta relação com a terra e com a água é entendida quando analisamos a fala do senhor Antônio:

Primeiro porque está dentro do rio, mesmo se tiver um problema, se o governo falar, por exemplo, o meio ambiente sismar e falar: eu não vou querer morador, tudo bem. E se o rio também der de inundar tudo e acabar. Então é consciente de que você está comprando uma coisa que é só um direito. (Senhor Antônio, visitante da ilha).

Tanto os moradores fixos como os visitantes entendem que a forma de apropriação das terras da ilha ocorre apenas com o direito de uso. Apesar de alguns terem comprado os lotes e construído as suas casas, tem a consciência de que não tem nenhum tipo de garantia sobre o bem adquirido.

Assim, entender a vivência dos moradores neste território requer uma análise minuciosa de seus modos de vida e trabalho, conforme salientamos a seguir.

4.3 O hoje: o viver na Ilha das Pimentas

“Ah! Eu vou pra beira do meu rio”.

Dona Izabel.

As pessoas e famílias que vivem na Ilha das Pimentas, construíram suas casas simples pautadas na vivência em um território de vida, são batalhadores e se reafirmaram enquanto homens e mulheres da terra. Perderam algumas de suas tradições, talvez como estratégia de

adaptação, mas, sobreviveram junto a um lugar de vivência, “*eu ainda não morri porque moro na beira do rio*” afirma o senhor Manuel.

A ilha hoje é representada por pessoas com valores dentro de um universo tão pequeno perante a imensidão das águas do São Francisco. Pessoas “ilhadas” mas que se sentem mais livres do que antes, e que fazem de seu modo de vida uma realidade coberta de sonhos, onde os ciclos se completam pelas realizações simbólicas, esperanças e percepções do rio como um ser.

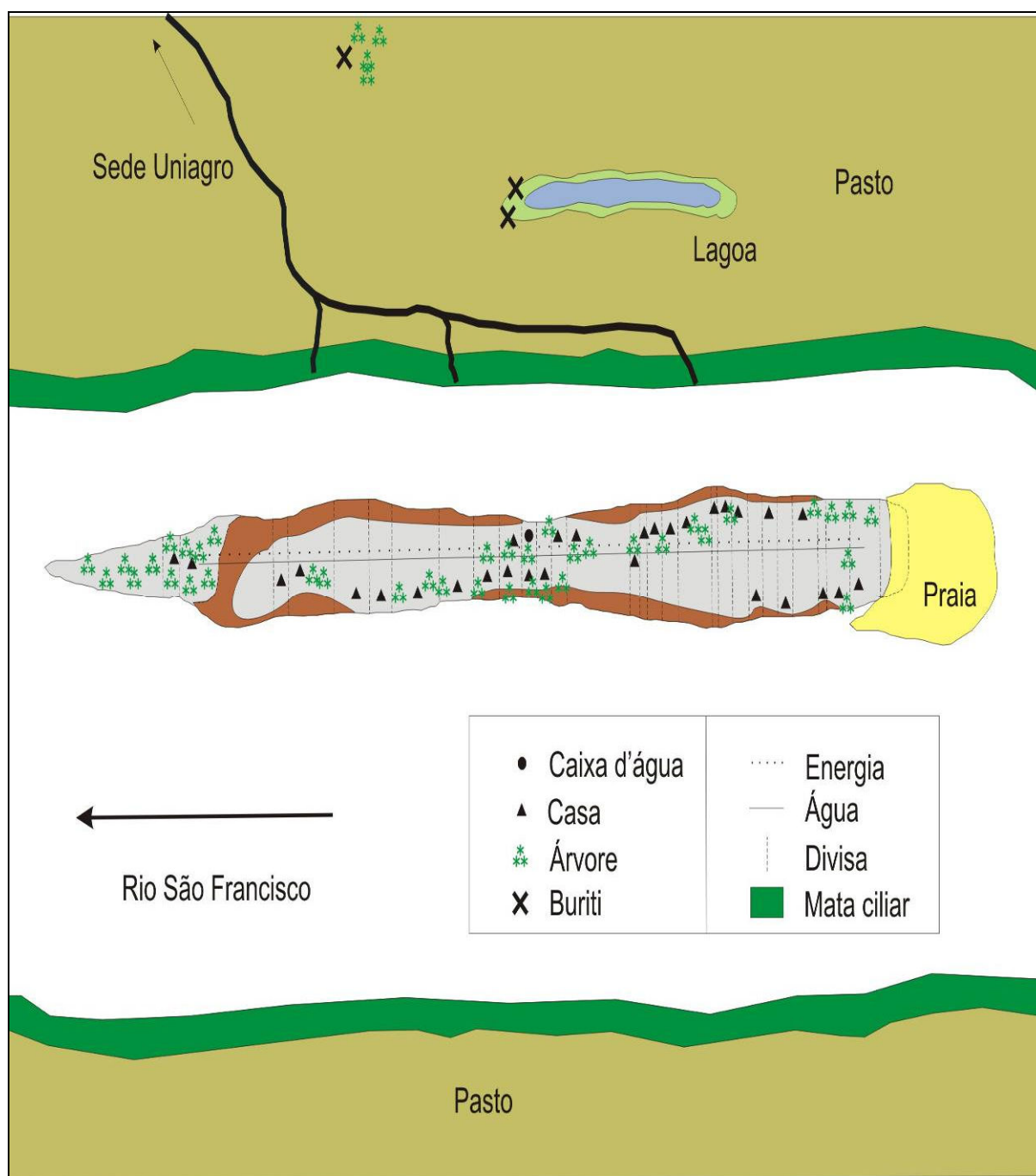


Figura 5 - Representação da Ilha das Pimentas.
Fonte: ARAÚJO, Elisa Cotta de, (2007).

Através da figura 5 percebemos a representação deste pequeno território entre as águas do rio, caracterizado por barrancos, baixadas e terras altas. Visualizamos a disposição das casas, representadas pelos triângulos, localizadas nas partes mais altas ao longo da ilha. O local escolhido pelos moradores para a construção das moradias requer um minucioso conhecimento das terras insulares, a fim de evitar grandes perdas nas enchentes. Os lugares mais altos estão menos sujeitos a inundações.

Pela disposição das moradias percebemos que os moradores que habitam a ilha vivem em pequenas casas, muitas delas construídas de pedaços de madeira, barro e não mais cobertas por palhas, mas sim de telhas de amianto ou telhas coloniais. Segundo os moradores, eles tiveram que fazer a troca do telhado em função da chegada da luz elétrica, instalada na ilha. Fato este que modificou a rotina dos moradores. A seu respeito, alguns afirmam que “*está ficando bom*”, como na fala de dona Armezina. Já outros dizem que “*a luz chegou, mas está muito caro*”, como relata dona Izabel. No geral os moradores acostumaram-se a conviver com a modernidade, e a grande maioria agradece pela “*benfeitoria*” que lhes chegou.

Outras casas, normalmente de moradores que não vivem em tempo integral na ilha, apresentam melhor estrutura. Possuem água encanada, vários eletrodomésticos, televisão etc. A circulação de pessoas “de fora” acontece apenas nos finais de semana e em feriados. Quem normalmente cuida das casas dos que moram fora são os moradores da própria ilha, pagos para zelar pelas propriedades dos “*turistas*”. As ocupações por pessoas “de fora” da ilha ocorreram, segundo os moradores, a partir de 1989. Os proprietários são, no geral, médicos, contadores, advogados, metalúrgicos e outros profissionais aposentados. Eles compram terrenos com a intenção de adquirirem um pedaço de terra que possibilite maior tranquilidade e uma vida pacata entre as margens do rio, conforme relata o senhor Antônio.

Eu sou um grande admirador daqui, mas morador, morador não. Porque se for pra mim ficar aqui direto eu também não quero não. Eu quero vim aqui, passar um fim de semana, uns dois ou três dias, mas para ficar fixo morando aqui também eu não quero não. Eu quero é ter um lazer, vim aqui, mas não para fixar residência, eu não tenho vontade não. (Entrevista realizada em janeiro de 2010).

Para os que vivem suas vidas integralmente na Ilha das Pimentas, as estratégias de sobrevivência requer habilidades para o manuseio da terra, conhecimento minucioso do rio e presteza para realizar as atividades diárias de plantio, limpeza e colheita dos produtos plantados. A pesca aparece como atividade suplementar, praticada nas horas vagas, fins de semana e no período noturno. Para os que visitam a ilha em períodos ocasionais o principal objetivo é o descanso e não o trabalho, conforme afirma o senhor Antônio na fala acima.

4.3.1 O uso e ocupação dos espaços

“Nós que invadimos o rio. Não sou dono do rio, mas zelo por ele!”

Senhor Coló.

Na Ilha das Pimentas as terras são ocupadas pela divisão em lotes. Cada morador possui cerca de 80 metros de largura e 120 metros de extensão, de um lado ao outro do rio. Alguns ocupam maiores extensões; outros, bem menos, variando de acordo com a necessidade de cada proprietário. Como na ilha existem dois tipos de ocupação, cada morador utiliza seu espaço para um fim determinado. Os “de dentro” utilizam seus lotes para construir casas simples e cultivar os mais diversos tipos de plantas. Já os “de fora” adquirem os lotes visando à construção de casas elaboradas e não se preocupam com o cultivo.

Interessante mesmo é a maneira como cada um define o seu pedaço de terra, demarcando-o apenas por estacas ou obstáculos naturais dentro da ilha. Quando pergunto a um morador onde fica sua terra? O senhor Aureliano me responde: *“a minha é daquele pau lá, até aquele pé de bambu lá na frente”*. São poucas as cercas existentes na ilha. As que encontramos, segundo os moradores, são construídas para dificultar o acesso de alguns animais que costumam comprometer as plantações como, por exemplo, as galinhas.

Os viventes da ilha trabalham na terra, retirando dela apenas os bens necessários para manter a família. A terra, a chuva, o vento, em fim, a natureza como um todo, estão e fazem parte do cotidiano de homens e mulheres, donos de seu tempo e unidos pelo sentimento de pertencimento. *“Se puder ficar aqui até eu morrer eu acho é bom”* confessa dona Armezina, que mostra as marcas por onde as águas da última enchente do ano de 2006 passaram. Apesar da devastação que ela fez em sua humilde casa, ainda em reconstrução, existe um grande sentimento de apego para com o seu “canto”, como ela diz.

Existe na Ilha das Pimentas dois tipos de ocupação da terra, onde cada grupo respeita o espaço do outro e vivem segundo a rotina diária estabelecida por cada um. Procurei centrar o meu olhar nos moradores “de dentro”, que estão a qualquer hora em seu local de moradia e trabalho. As margens do rio perdem sua dimensão perante esses sujeitos repletos de sonhos e esperança, que fizeram de um lugar antes desabitado, o seu lugar, o lugar de todo dia, na esplêndida imensidão do rio.

4.3.2 O saber fazer em um território de vida

“Lá fora é outra coisa. Aqui é outra maneira de plantar”.

Senhor Geraldo.

A terra produz vida e sonhos, através do trabalho. Procuro agora analisar como os trabalhadores da Ilha das Pimentas lidam com a terra e produzem os alimentos necessários para seu sustento. Para isto devo primeiramente descrever como está organizado o trabalho na ilha.

Participei juntamente com os moradores de períodos distintos de plantio e colheita, buscando compreender primeiramente como o trabalho faz parte da construção de seu próprio habitat visto como modo de sustento e de tradição. A partir de observações busquei responder a este questionamento, além de refletir sobre algumas outras indagações surgidas durante a pesquisa.

Na cultura tradicional o trabalho são mãos que junto com instrumentos rústicos transformam aquilo que é peculiar e que dá sentido as atividades econômicas, sociais e culturais de cada indivíduo. Ele é capaz de criar laços de vida e solidariedade nos mais variados tempos e espaços. Nessa perspectiva, entender o saber fazer de homens e mulheres que se apropriam de uma parcela de terra, criando e modificando tanto a sua vida, quanto de seu lugar de convívio é um estudo relevante, ao meu ver, com a intenção de esclarecer formas de manifestação da cultura dos moradores de ilha.

Conforme afirma Moura (1998), a conceituação de camponês é aquele que junto com sua unidade familiar retira da terra praticamente todo o seu sustento. É um observador dos elementos naturais, água, terra, sol e chuva. Povo que partilha uma própria história e seguem a mesma tradição, ou seja, camponeses que vivem o mesmo fluir do tempo e dividem o mesmo espaço. Nesse sentido, os moradores que hoje vivem na Ilha das Pimentas podem ser caracterizados como um sujeito camponeses que criam no território vínculos de pertencimento e enraizamento através dos seus modos de vida e trabalho.

Em suas mais variadas formas, cada morador da ilha, seja ele homem ou mulher, expressa por meio de sua vivência cotidiana laços de afetividade e tradicionalidade com o lugar e com o rio São Francisco. Os registros encontrados são diversos, vão desde a experiência com o remo e o manuseio do barco no rio, às formas de cultivo do feijão e de outros produtos plantados; a capina da roça, o cuidado com os animais, a moagem da cana

para fazer a “garapa” e o corte da lenha para uso no fogão. Já as mulheres administram a casa, plantam as hortas, cuidam do quintal, pescam juntamente com os maridos, além de aproveitar as poucas horas de folga para tecer o crochê na beira do rio. Algumas destas manifestações foram registradas durante as pesquisa de campo, apresentada conforme figura 6:



Figura 6 - Vida e trabalho na Ilha das Pimentas.
 Autora: SOUZA, A. F. G., (Jun./2010).

Através de minhas pesquisas de campo foi possível observar as singularidades e as heterogeneidades que cada trabalhador tem no modo de plantar, colher, viver, ou seja, produzir como ativos sujeitos sociais. Homens e mulheres que vivem sua luta para se manterem produtivamente tradicionais, como pessoas ligadas a terra.

4.4 A vida do trabalho: o saber plantar

“Enquanto eu tiver vida e tiver esse pedacim de terra aqui, é aqui que eu vou ficar”.

Dona Rosa.

Assim que iniciei a pesquisa, um dos meus primeiros questionamentos foi: como é o processo de produzir em uma ilha? Esta indagação parte da necessidade de entender como em pequenos lotes os trabalhadores da ilha conseguem plantar e alimentar as suas famílias. Para

os moradores da Ilha das Pimentas é a forma encontrada para sustentar a casa, está no trabalhar com a terra e, acima de tudo, manter uma relação de respeito para com a natureza. Para eles é a partir da terra que conseguem manter seu bem estar, pois vimos que a agricultura é bem mais importante do que a própria pesca, a felicidade é advinda de uma boa produção, da colheita farta e da distribuição dos produtos com parentes e amigos que moram fora da ilha. Tudo isto é motivo de orgulho e gratificação para os que plantam e colhem ao longo dos meses do ano.

Vê-se, então, que o significado da terra é o significado do trabalho e o trabalho é o significado da família, como o é, igualmente, a terra enquanto patrimônio. Mais que objeto de trabalho, a terra é o espaço da família. (WOORTMANN, 1990, p. 43).

A vida do trabalhador da ilha é dividida de acordo com o tamanho de sua propriedade, onde cada morador cultiva as mais variadas plantas frutíferas, hortaliças e cereais, seja para uso familiar ou venda comercial, conforme ilustrado na figura 7:



Figura 7 - Alguns dos produtos plantados na Ilha das Pimentas.
 Autora: SOUZA, A. F. G., (Jun./2010).

Todos os produtos plantados e colhidos na ilha são selecionados para plantio de acordo com a procura no mercado e com a necessidade diária de manejo. Normalmente, os agricultores plantam nas “vazantes” feijão de arranque, abóbora, milho, quiabo, melancia,

batata doce, milho, cana e hortaliças. Já as partes mais altas são utilizadas para as culturas permanentes como mandioca e árvores frutíferas como: laranja, goiaba, manga, caju, acerola, amora, pitanga, etc. Existem ainda os espaços demarcados apenas por grandes árvores nativas como: mamona, gameleira, embaúba e pajaú.

Conforme o relato de dona Rosa, fica evidente a necessidade de observar a natureza e conhecer os espaços próprios da ilha para plantio.

*A horta eu vou plantar aqui (apontando para a beira do rio). Onde não tem areia, a areia é ruim pra ela. Eu estou querendo fazer aqui, mas estou com medo da enchente. Se a enchente vier aí tem que fazer tudo de novo. Tem que plantar na vazante. É **vazante porque?** Porque a água entra. E lá (apontando para a parte de cima) é o alto. Quando é na seca aqui não planta e aqui planta (se referindo a parte de cima e de baixo do terreno). Quando aqui na água é molhado de mais, aí não nasce. E quando é na seca é seco de mais, aí não dá para plantar não. As plantas maiores é tudo no alto. Aqui é mandioca, feijão, eu plantei uma abobrinha.... Você planta um pezinho e dá um tantão. Igual feijão a gente planta um carocinho, um pé que dá, dá mais de vinte caroços. Este ano nós colhemos pouco, deu só dois sacos. O pedaço é pequeno, mas quando o feijão carrega nossa! Se der bem, dá uns dez sacos. Ano passado não carregou muito bem não, nós plantamos um pouquinho atrasado. Tem que plantar na época certa. Este ano nós estamos querendo plantar duas vezes. Vamos plantar agora princípio de março, tirar um e plantar outro no mesmo lugar. Tira, capina e planta de novo. É **quanto tempo para colher?** Sessenta dias. Março planta, abril, maio e junho já está batendo. Rança, coloca no terreiro, limpa e torna plantar outro. Planta julho, agosto, setembro já está colhendo de novo. Dá pra plantar duas vezes. Mas se vier a enchente e tiver plantado feijão mata. Porque fica debaixo da água. (Entrevista realizada em janeiro de 2010).*

Entendidas as regras da natureza, toda a unidade familiar participava das etapas de produção, do plantio à colheita. “Se for para plantar é cada um no seu” comenta dona Izabel. No trabalho mais árduo com a campina da “roça”, os homens assumem tal tarefa, enquanto as mulheres exercem suas atividades em casa, fazem a comida, cuidam da horta e das plantações do quintal. As atividades mais relevantes desenvolvidas pelos moradores da ilha durante todo o ano podem ser visualizadas no quadro 6 a seguir, elaborado a partir de informações dos moradores e das observações feitas durante as visitas de campo:

Etapas/Meses		Tipo de Trabalho	Produtos Plantados	Pessoas que realizam as Atividades
SECAS	Maio	Plantio da horta e das roças	Hortaliças (alface, tomate, pimentão, etc.)	Proprietários ou diaristas da própria ilha
	Junho	Colheita e capina	Feijão	Proprietários ou diaristas da própria ilha
	Julho	Colheita	Melancia e quiabo	Proprietários/ Todo o núcleo familiar
	Agosto	Colheita	Amendoim	Proprietários/ Todo o núcleo familiar
	Setembro	Colheita	Milho	Proprietários ou diaristas da própria ilha
	Outubro	Colheita	Mandioca	Proprietários ou diaristas da própria ilha
ÁGUAS	Novembro	Plantio das terras altas	Cana, mandioca, frutas	Proprietários/ Todo o núcleo familiar
	Dezembro	Plantio de mudas	Laranja e acerola	Proprietários/ Todo o núcleo familiar
	Janeiro	Preparo da terra e plantio de mudas	Goiaba, carambola, etc.	Proprietários/ Todo o núcleo familiar
	Fevereiro	Plantio de mudas	Amora, caju e manga	Proprietários/ Todo o núcleo familiar
	Março	Limpeza das vazantes	Feijão de arranque, milho	Proprietários ou diaristas da própria ilha
	Abril	Plantio	Abóbora, melancia e quiabo	Proprietários ou diaristas da própria ilha

Quadro 6 - Atividades desenvolvidas na ilha de acordo com os meses do ano.

Org.: SOUZA, A. F. G., (Mai./2010) de acordo com dados obtidos em pesquisas de campo.

No quadro 6 observamos como são distribuídas as atividades dos trabalhadores no decorrer de todo o ano. Podemos perceber que a forma de plantio e manejo dos produtos plantados é diferenciada da “terra firme”, em virtude da constante possibilidade de inundação, o que inviabiliza o plantio em épocas de cheia. Conforme afirma o senhor Geraldo “*é bem diferente lá de fora, pelo cerrado a fora você planta direto sem esperar o rio. Aqui é tudo diferente, tem o lugar certo e a época certa*”.

Segundo os moradores da ilha, para plantar é preciso primeiramente saber se as terras vão “inundar” ou não. Os seus moradores estão cientes de que uma chuva pode mudar todo o ciclo produtivo.

4.4.1 A vida: conhecimento dos ciclos da natureza

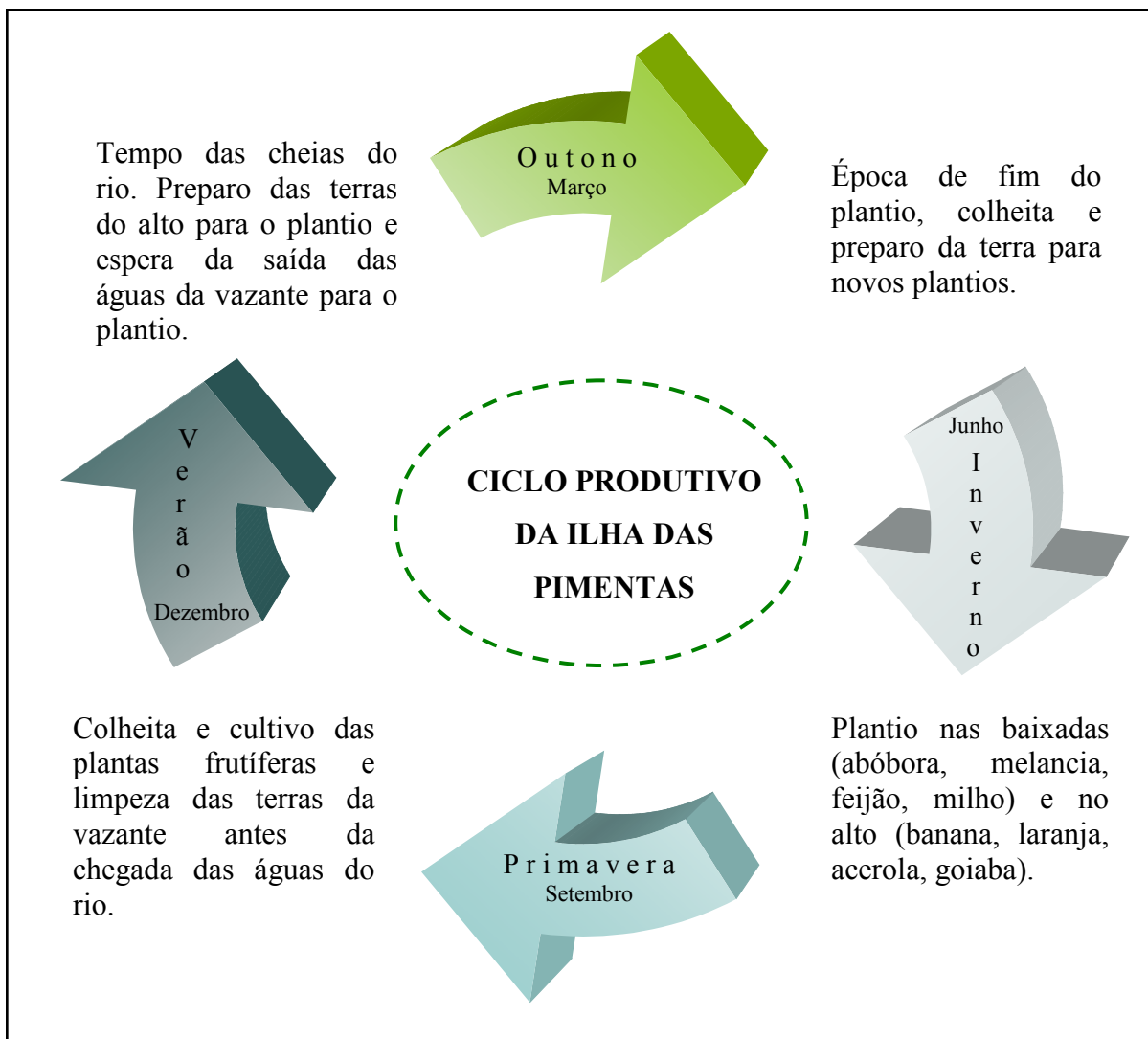
“Aqui a gente tem que ter experiência”.

Dona Deletina.

Os moradores não trabalham observando normas rígidas de plantio, pois a cada ano um novo fenômeno pode surgir e as regras do trabalho produtivo podem ser alteradas. O espaço e o tempo de plantio não são uma constante, e dependem dos ciclos naturais ocorridos a cada ano.

Qualquer interferência no tempo pode mudar totalmente as formas de cultivo e até mesmo o tipo de produto a ser plantado. Por exemplo, em ano de muita chuva o plantio de hortaliças fica comprometido, pois são plantas que não resistem a grandes quantidades de água por muito tempo. Já em meses ou ano de poucas chuvas a produção do feijão de arranque fica comprometida por necessitar de água para sua floração. Conforme afirma Klaas Woortmann, “a transmissão da terra sem o saber não transformaria essa terra de trabalho, nem em patrimônio familiar. É pelo saber que o pai ‘governa’, ‘dá a direção’ do processo de trabalho”, (WOORTMANN, 1990, p. 43).

Todos os saberes destes agricultores da ilha são fruto de um convívio harmônico e duradouro entre as terras e as águas do rio São Francisco e de uma vivência pautada nas observações e reverência as estações do ano. Conforme afirma o senhor Geraldo, o plantio na ilha *“é bem diferente lá de fora, pelo cerrado a fora você planta direto sem esperar o rio. Aqui é tudo diferente, tem o lugar certo e a época certa”*. O fluxograma 3 mostra como se dá o plantio nas terras da ilha respeitando os ciclos da natureza, expressos pelas estações do ano.



Fluxograma 4 - As estações do ano e as respectivas formas de plantio.

Org.: SOUZA, A. F. G., (Jun./2010) de acordo com dados obtidos em pesquisas de campo.

Os ciclos da natureza possuem um papel fundamental nos ciclos de produção dos moradores da Ilha das Pimentas. O entendimento de tais regras é o que permite a estadia e plantio na ilha. Todos os moradores conhecem sabiamente os códigos do rio, são capazes de dizer se o ano será propício para uma boa produção, se as cheias vão ser longas, se o rio vai “subir” ou se as chuvas vão demorar. Traçando assim, estratégias para a limpeza das terras, plantio e colheita de acordo com as manifestações da natureza.

4.4.2 O trabalho: o valor de uso do território

“Mexer com enxada não é pra qualquer um”.

Senhor Coló.

Na Ilha das Pimentas os agricultores atuam como observadores da natureza, a terra está sempre pronta para frutificar, sem a necessidade de utilizar nenhum tipo de adubo químico ou técnicas de aragem. *“Enquanto não molhar a terra não dá para plantar”* diz dona Armezina. A enchente é esperada como forma de “lavar a terra”, pois ela traz uma grande quantidade areia e “lama” que é depositada em meio às plantações. O produtor fica esperando as águas “baixarem” para começar a plantação. As culturas são plantadas nas vazantes, parte baixa da ilha. Se desenvolvem com qualidade, garantindo uma boa produtividade, caso seja um “ano bom” para o cultivo. *“De primeiro as coisas era melhor. Naquela época plantava um pedacinho de roça e dava muito, agora planta muito e dá pouco”*, afirma Senhor Coló.

Alguns produtores plantam apenas para abastecer suas próprias casas. Outros preferem utilizar toda a terra para o trabalho, *“plantar só pra comer não dá”* diz o senhor Adison, almejando uma renda familiar com a venda de seus produtos na “rua” como ele conta: *“levo aos pouco e tem as encomenda também”*, afirma o senhor Adison.

Alguns moradores trabalham especificamente para o plantio e venda de seus produtos. O senhor Geraldo e sua esposa dona Helena vão pelo menos duas vezes por semana às cidades de Pirapora e Buritizeiro para comercializarem a sua produção. Eles colocam seus cereais e verduras em um pequeno barco a motor e descem o rio São Francisco. Conforme relata o senhor Geraldo, *“vou normalmente, nas terças e sextas feiras, tem gente de longe que vai lá comprar, já tem uns três anos. Vai, coloca nos pacote e fica esperando o pessoal vim. Tem que consumir e tem que colher também”*.

Já o senhor Adison leva sua mercadoria para a cidade de acordo com a necessidade de seus fornecedores, normalmente sacolões. *“Quando tem muito e lá na cidade está em falta eu vou até duas vezes na semana. O sacolão marca e eu entrego, é o mesmo preço do Ceasa.”* Ele reclama que não compensa muito a comercialização, mas que é difícil não vender mesmo que a baixo custo, pois corre o risco de seus produtos “perderem na roça”, sendo assim, prefere que as pessoas da cidade comprem, mesmo consciente que a maior parte do lucro fica com o comerciante e não com ele. *“Eu entrego a cinquenta centavos o quilo e o sacolão vende a dois reais, eles ganham um e cinquenta nas minhas costas”*. Assim, o produtor que

exigiu todo um grande esforço para plantar, colher e ainda levar seu produto para o mercado consumidor, que, como vimos, acaba ficando com a menor parcela de lucro.

Com orgulho, o senhor Adison sempre de chapéu na cabeça e calçado com botas, anda entre as suas plantações apontando os produtos plantados e exibe com orgulho as suas impressionantes abóboras de até vinte e sete quilos, conforme foto 3.



Foto 3 - Morador da Ilha das Pimentas em seu plantio de abóbora.
Autora: ARAÚJO, E. C., (Jul./2007).

São muitos tipos de abóbora plantada pelo senhor Adison, com vários nomes e variedades (jacaré, comum, de porco, japonesa, moranga etc.) Ele mostra ainda as grandes melancias, variedades de feijões (preto, jaulo, chimanguinho, vermelho, catador, de corda, carioca, etc.), batata doce, amendoim e várias hortaliças (tomate, tomatinho, pimentão, cenoura, beterraba, jiló, alface, etc.). Ele planta e mostra com orgulho também plantações de milho já secos, canas, mandioca e ainda várias árvores frutíferas como as laranjeiras e os grandes pés de amora na frente de sua casa, acolhida de pássaros e sombra fresca para o descanso.



Figura 8 - Algumas variedades de frutas encontradas na Ilha das Pimentas.
 Autora: SOUZA, A. F. G., (Jun./2010).

A produção apesar de ser obtida em uma pequena propriedade é regida por um sistema de plantio bastante heterogêneo, conforme apresentado na figura 8. Atende o fornecimento dos produtos de acordo com a procura no mercado e mais ainda, garante uma alimentação farta a toda família durante todo o ano. *“Dá para o sustento e dá pra vender e levar para os parentes”*, comenta dona Armezina esposa do senhor Adison. Esse excedente vendido é utilizado para comprar bens industrializados, que cada vez mais, participam da composição da mesa e das necessidades básicas dos moradores da ilha.

Além do plantio, identificamos ainda a prática da pesca artesanal como atividade complementar. O peixe pescado no rio, geralmente à noite e pelos homens, é uma importante fonte de alimento, visto que, a carne bovina raramente é consumida pelos moradores da ilha. Apesar da produção de peixe ser pouca, alguns moradores chegam a vender o produto para algumas pessoas que visitam a ilha, ou ainda, quando vão à cidade de Pirapora ou Buritizeiro.

A partir de observações e entrevista realizadas com todos os moradores da ilha identifiquei duas categorias de trabalho, o agricultor e o pescador, porém com nuances diferenciadas. Perguntei a cada um dos moradores em qual categoria eles se enquadravam, a partir daí elaborei o esquema 2 a seguir.

1 Lavrador + Pescador – Lavrador que pesca	2 Lavrador – Pescador + Pescador que planta
3 Lavrador + Pescador + Lavrador/pescador	4 Lavrador – Pescador – Turista

Esquema 2 - Categorias do trabalho.
Org.: SOUZA, A. F. G., (2010).

Analisando o esquema 2 observamos que as categorias lavrador e pescador estão indicadas com dois sinais, um positivo e outro negativo, para representar a intensidade destas duas práticas. No primeiro caso temos lavradores que pescam. Estes vivem basicamente do plantio e tem a pesca como uma atividade menos importante, praticada apenas em um curto espaço de tempo. No segundo caso temos pescadores que plantam. Estes são em menor quantidade, visto que, para ser pescador é necessário ter registrado profissional, além de não ser uma atividade tão lucrativa em função da pouca quantidade de peixe existente no rio atualmente. No terceiro caso temos lavradores/pescadores. Estes não priorizam uma atividade ou outra, tanto plantam como pescam, tem as duas atividades como complementares uma da outra. No quarto caso não temos nem lavradores nem pescadores. Estes geralmente são os “turistas”, pessoas vindas de fora que não tem nenhuma das duas atividades como essenciais para a sobrevivência. Todos possuem outras atividades, geralmente ligadas ao trabalho que exercem na cidade onde moram.

A grande maioria dos moradores dedicam a maior parte de seu tempo à agricultura e têm a pesca como um outro meio de sobrevivência. Identificamos esta prioridade na fala do senhor Geraldo, afirmando que *“não troco minha roça pela pescaria. Pesca perde muito tempo e apura muito pouco. Eu aqui planto e colho. Pescaria depende muito da sorte”*.

Assim, entre plantio e pescaria os moradores da ilha seguem mantendo as suas famílias e utilizando os recursos do rio de forma respeitosa.

No tópico seguinte analisaremos a tipologia de cada uma das casas presente na ilha, como forma de mapear e caracterizar maneiras distintas de viver e habitar espacialmente um lugar.

4.5 A geografia das casas

“Aqui na ilha eu não faço casa de tijolo não”.

Senhor Aureliano.

Vimos já que a construção das casas na Ilha das Pimentas obedece a três formas distintas de estrutura.

Primeiramente é possível identificar as casas típicas dos moradores que vivem na/ilha. Elas geralmente são construídas de madeira e barro, com telhado de palha ou telha de amianto, quase sempre sem piso. Temos ainda, as casas de moradores que já viveram na ilha e atualmente moram em outras localidades, deixando-as abandonadas. Nestes dois casos as casas possuem estruturas improvisadas, feitas com pedaços de metal, lona, blocos de cimento e madeira. Além disso, há as casas mais estruturadas da ilha, construídas com tijolos, piso de cerâmica e telhado. Quase todas são pintadas e possuem extensas varandas com vistas para o rio São Francisco. Estas são utilizadas apenas por moradores aleatórios, que vão até a ilha apenas nos fins de semana, feriados e férias.

Um fato interessante nesta diferença das estruturas das casas é que justamente aqueles que necessitam de um lugar definitivo para morar, são os que constroem as casas mais simples. Já as casas que praticamente ficam fechadas e são usadas em poucos dias do ano, são as mais sofisticadas que encontrei na ilha. Este fato é esclarecido por meio da fala do senhor Aureliano, um dos moradores fixos da ilha.

Aqui na ilha eu não faço casa de tijolo não. Eu faço desse jeito aí (mostrando as paredes de sua atual casa). Porque aqui se o rio derrubar eu faço outra. E se o rio levar uma daquelas casas bonitas lá, que prejuízo que não é. Quase todo ano o rio cobre aqui por cima da casa. Do jeito que eu faço não cai fácil também não. Só cai o barro, fica os paus. Ai quando o rio passa eu venho com o barro e bato de novo. Se aterrar pego o barro e jogo, aterro de novo. Ah não, eu não sou muito chegado de fazer casa de tijolo não. Porque gasta o que gasta só para atravessar, gasta com pedreiro e quando acabar o rio vim e comer. (Entrevista realizada em janeiro de 2010).

Durante a pesquisa procurei identificar uma tipologia das casas de cada uma das famílias da Ilha das Pimentas, moradores ou não. Com o passar dos meses novos re-arranjos

surgiram, alguns lotes foram vendidos, novas casas foram construídas e outras foram abandonadas. Assim, na medida do possível, fui atualizando informações e acrescentando dados, conforme apresentados no quadro 7.

Moradores	Características	Foto ²³
1 ²⁴ . Jurandir	Turista/Comerciante Casa pequena e abandonada. Recentemente comprada de outro morador. Com apenas um cômodo, feita de madeira, barro e telha de amianto. Cercada por pés de mamonas.	
2. Jurandir	Turista/Comerciante Casa estruturada e recentemente comprada de outro morador. Tijolo, cimento, telhas, janelas e portas de metal. Quintal grande, arborizado com muitas árvores frutíferas.	
3. Domingos	Morador/Aposentado Casa pequena e abandonada. Com dois cômodos (sala/cozinha e quarto). Feita com madeira, barro, telha de amianto. Pequeno quintal com poucas plantações.	
4. Geraldo/ Helena	Moradores fixos/Agricultores Casa grande e estruturada. Com sala, banheiro e quartos. Cozinha feita de madeira e barro e sem piso. Quintal grande e com muitas plantações.	

²³ Todas as fotos deste quadro são de autoria de ARAÚJO, E. C., (Jul./2007) e SOUZA, A. F. G. (Jan. e Jun./2010). Geralmente as portas e janelas estão fechadas em função da pouca movimentação dos moradores dentro das casas, tanto pelos moradores “fixos” como pelos “de fora”. Quase todas as atividades diárias são realizadas ao redor das casas.

²⁴ A numeração representa a ordem sequencial em que estão construídas as casas na Ilha das Pimentas, começando pela casa 1 na parte sul da ilha até a casa 35 na parte norte.

5. Miguel/ Francisca	Moradores/Diaristas Casa pequena e abandonada. Construída metade de alvenaria e metade de tijolos com telhado descoberto. Quintal pequeno e sem plantações.	
6. Getúlio	Turista/Contabilista Casa estruturada, em construção. Feita de tijolos, cimento, telhas com janelas e portas de metal. Quintal cercado, com plantações e árvores frutíferas e paisagísticas.	
7. Edgar	Turista/Advogado Casa grande e estruturada. Pintada e com equipamentos e utensílios variados. Quintal cercado e com algumas árvores frutíferas.	
8. Filhos do senhor Coló	Moradores Casa estruturada. Água encanada e utensílios básicos. Quintal cercado e com muitas plantações. Plantas medicinais, grandes árvores nativas e plantações agrícolas.	
9. Nansi/ Antônio	Turista/Aposentados Casa pequena utilizada nos dias de passeio da família. Feita de tijolos e telhas de amianto. Quintal cercado, com plantações e árvores frutíferas, cuidado pelos moradores diaristas da ilha.	
10. Horlando	Morador Casa pequena e abandonada. Com apenas um cômodo. Feita de tijolos, blocos de cimento e coberta com telhas. Quintal cercado e sem plantações.	

11. Igreja	Uso coletivo Pequena, construída com a ajuda da associação de moradores. Com janelas e porta de metal, pintada e com bancos de ardósia. Inaugurada no dia 12/10/08.	
12. Sílvia	Turista/Aposentados Casa estruturada. Varandas, sala, dois quartos, cozinha e banheiro. Quintal grande, mantido pelos vizinhos que moram ao lado.	
13. Manoel/ Rosa	Moradores fixos/Diaristas Casa pequena, sede da associação de moradores. Um cômodo: tijolo, cimento e telhas Quintal plantado na propriedade do Sr. Sílvia. Todas as plantações são de uso coletivo entre os dois.	
14. Celino	Turista frequente/Metalúrgico Casa improvisada. Com dois cômodos, de madeira e telha de amianto. Quintal pequeno e produtivo, cultivado pelo próprio morador.	
15. Adalberto	Turista/Autônomo Casa em construção, pouco visitada. Feita de tijolos, telha e janelas de madeira. Quintal muito pequeno, apenas com algumas frutas e árvores paisagísticas.	
16. Edgar	Turista/Comerciante Casa grande, em construção. Varanda, sala, quartos, banheiro e cozinha grande. Quintal grande, com muitas variedades (horta, pomar, canavial, plantação de mandioca, etc.).	

17. Adison/ Deletina	Moradores fixos/Agricultor Casa recentemente construída, ainda inacabada. Varanda, sala, dois quartos, banheiro e cozinha. Quintal com plantas frutíferas e plantações de milho e mandioca.	
18. Marcos/ Maria das Dores	Turistas/Aposentados Pequena casa em construção. Com apenas um cômodo, feita de tijolos, cimento, telhas e porta de madeira. Quintal pequeno com algumas plantações.	
19. Antônio/ Madalena	Turistas/Assalariados Casa pequena em construção, pouco visitada. Com dois cômodos, feita de tijolos. Cercada de pés de mamonas e poucas plantações em volta.	
20. Marcelo	Turista/Comerciante Casa recém construída. Bem estruturada, com quartos, sala e cozinha e área com vista para o rio. Quintal em formação com mudas de algumas plantas frutíferas.	
21. Maria Helena/ Reinaldo	Turistas/Aposentados Casa pequena, pouco movimentada. Com um cômodo, feita de tijolos, porta de madeira e telha de amianto. Quintal plantado pelos vizinhos para consumo próprio.	
22. Alessandro	Turista/Assalariado Casa praticamente inabitada. De madeira, barro, telhas e janela de madeira. Quintal com poucas plantações e muito capim em volta da casa.	

23. Aureliano/ Izabel	Moradores fixos/Assalariados Casa pequena e família grande. Cômodos muitos apertados, de madeira, barro e telhas. Quintal grande com horta e uma variedade de plantações ao redor.	
24. Manuel	Morador fixo/Diarista Casa quase toda de madeira. Ainda inacabada, apenas com dois cômodos. Muito pouco quintal, pois o morador planta na “meia” nas terras de outros moradores da ilha.	
25. Bahiano	Turista freqüente/Mecânico Casa pequena e inacabada. Com apenas um cômodo, feita com tijolos e telhas de amianto. Quintal pequeno e cercado com apenas com um pé de manga e raríssimas plantações.	
26. Manoel Messias	Morador/Diarista Casa recém construída. Com apenas um cômodo, feita de lona e telhas de amianto. Quintal pequeno e com raríssimas plantações.	
27. Edir	Turista/Metalúrgico Casa diferenciada, construída com restos de construções. Blocos de cimento, alguns tijolos, telhas de várias espécies e madeiras. Bastante visitada pelo morador. Quintal pequeno e produtivo.	
28. Diosvaldo	Turista freqüente/Metalúrgico Casa pequena e inacabada. Com um cômodo, feita de tijolos, madeira e telha de amianto. Pouco visitada pelo morador. Quintal pequeno com algumas plantações.	

29. Joaquim	Turista/Aposentado Casa inacabada, recentemente está sendo vendida. Feita de tijolos, telha de amianto com janelas e portas de metal. Quintal produtivo com várias árvores frutíferas.	
30. Filhos de Pixuá	Morador fixo/Aposentado Casa de alvenaria pequena. Abandonada depois do falecimento do Sr. Pixuá. Feita de madeira, barro com janelas e portas de madeira. Quintal pequeno e quase sem produção.	
31. Altamiro	Morador/ Pescador Casa pequena e abandonada. Feita de madeira, barro, telhas de amianto e janelas de madeira. Abandonada pelos moradores. Quintal cercado por redes de pescar com algumas plantações.	
32. Maria Rosa/ Pedro	Morador fixo/ Assalariado Casa de alvenaria. Feita de barro, madeira e telhas de amianto. Com um quarto, sala pequena e cozinha. Com árvores nativas no quintal, horta e vários tipos de plantações.	
33. Arildo	Turista/ Aposentado Casa nova, grande e estruturada. Pintada e com janelas e porta de metal. Quintal com grandes árvores nativas, mesas de ardósia, ducha fogão de lenha e churrasqueira.	
34. Manuel/ Ana	Moradores fixos/ Aposentados Casa simples, reconstruída após a enchente de 2006. Com quarto, sala e cozinha na parte de fora da casa. Quintal com árvores nativas e vários tipos de plantas frutíferas.	

35. Warmilon	Turista/prefeito da cidade de Pirapora Casa inacabada. Construída com blocos de cimento e ainda sem telhado. Quintal com poucas árvores e capim em volta da casa.	
36. Praia	Local de lazer Espaço formado em função das cheias do rio. Normalmente utilizado pelos moradores e turistas que buscam descanso e diversão. Atualmente não encontramos mais areia na ponta da ilha.	

Quadro 7 - Tipologia das casas dos moradores da Ilha das Pimentas

Fonte: Levantamento de campo.

Autora: SOUZA, A. F. G., (Jul./2010).

De acordo com os dados apresentados no quadro 7 acima, atualmente a Ilha das Pimentas possui vinte casas construídas por pessoas que não moram em tempo integral na ilha, também denominados de turistas²⁵ ou os “de fora”, sendo a maioria das casas. Identifiquei ainda, sete residências abandonadas e, em menor quantidade, sete casas de moradores “fixos”. Sendo assim, as pessoas que realmente vivem e trabalham na ilha são a minoria. São estes que mantêm uma rotina diária no território da ilha, estão a qualquer hora e se dizem “moradores de verdade”.

A caracterização de cada propriedade envolvendo os moradores e suas respectivas moradias foi feita com a intenção de mostrar a diversidade e criatividade existentes entre estas gentes. Apesar de cada um construir suas residências de acordo com seu potencial de vida e seus recursos financeiros, eles fazem de sua vivência dentro de suas casas, por mais pequenas e precárias que sejam o seu local de estadia, seja ela provisória ou permanente.

O morador que identifica-se com o lugar, possui a sua casa como um “canto”, sentindo-se de modo geral satisfeito e contente com a vida que leva. Já as pessoas que vem “de fora” com a intenção de apenas aproveitar as belezas oferecidas pela natureza, vê o seu lugar como “canto” de refúgio para aliviar suas angústias e preocupações.

²⁵ Durante a pesquisa considerei este termo por ser uma denominação feita pelos próprios moradores da ilha.

4.6 Temporalidades e lógicas sociais: família, parentes e compadres

“Todo mundo aqui gosta de mim”.

Dona Izabel.

Neste tópico apresento uma análise de alguns aspectos da organização social dos moradores da Ilha das Pimentas, entendidas através da divisão familiar de cada casa, dos laços de parentescos, das redes de compadrio e vizinhança e das relações de solidariedade e afetividade praticadas entre os amigos. Começo analisando a organização da família nuclear, considerando a estrutura encontrada em cada casa.

4.6.1 A organização da família nuclear

“É deus e nós dois”.

Dona Izabel.

Nas casas dos moradores “fixos”, os residentes permanentes no território da ilha, a família nuclear é normalmente formada pelo casal, alguns filhos e raramente netos. Esta divisão perpassa uma relação de tempo, visto que, em alguns momentos certos membros do núcleo familiar ficam afastados de suas famílias, em função das necessidades de trabalho e do acesso dos filhos e netos à escola.

O viver só²⁶ raramente é encontrado na Ilha das Pimentas. O caso específico é o de Manuel, um homem de mais de trinta anos. Ele tem sua pequena casa, faz a sua própria comida e cuida de alguns cachorros. O tempo que ele fica em sua casa é muito curto, apenas o necessário para se alimentar e à noite para dormir. Nos outros momentos ele geralmente trabalha para outros moradores, pesca no rio, caminha pelas margens e lagoas e visita outras casas. Nos intervalos entre os afazeres, ele sempre está na casa de um de seus irmãos de criação que também mora na ilha. Assim, conforme afirma Brandão (1995), apesar de viver só, não se vive sozinho. Ele encontra aconchego entre os vizinhos, parentes, animais de estimação e até mesmo com o próprio rio. Sendo assim, estar com o rio não é estar só.

Outros, geralmente casais de aposentados, vivem a dois. Identifiquei cinco moradores vivendo nesta situação. No passado as casas eram cheias, criaram nelas os filhos e netos e agora vivem uns para os outros. Plantam, colhem, pescam e cuidam da casa. “Mas mesmo

²⁶ Categoria evidenciada no item 2.4.2 desta dissertação.

quando todos pensam que o destino de ‘um só’ é o casamento e o ‘do casal’ é a família, ao longo da vida e mesmo no dia a dia, boa parte da vida – e uma parte boa – se vive ‘a dois’” (BRANDÃO, 1995, p. 131). Neste caso, percebi uma afetividade muito grande com o companheiro, com a casa e com a ilha.

Quando pergunto dona Izabel se ela mora apenas com o seu esposo, o senhor Aureliano ela responde: *“É só nós dois mesmo. Que os outros só vêm de passagem. Fica um dia, dois. Minha menina mesmo estava aqui. Ela veio sexta-feira, ficou aqui e ontem (domingo) ela foi embora. Então só fica aqui, só Deus e nós dois mesmo”*. Neste caso, eles convivem e cuidam um do outro sem a dependência de outras pessoas da família, se relacionam dualmente.

A presença de um único outro, breve que seja, separa subitamente a **solidão** da **convivência**. Ela abre as portas a tudo o que é social: cria o diálogo, inaugura a troca, estabelece a atualidade do contato, torna possível a vivência do afeto para fora de si mesmo e com a possibilidade da resposta (BRANDÃO, 1995, p. 133, grifos do autor).

Assim, a vida familiar, apesar de ser restrita a duas pessoas, possui uma relação de companheirismo e afetividade muito grande. Na ilha, isto se restringe apenas aos casais mais velhos, mas em outros casos isto também pode ser observado, como por exemplo, entre mãe e filho, tio e sobrinho, avó e neto ou ainda, entre dois irmãos. O importante é o convívio com “o outro”.

O viver a três aparece apenas em uma das casas, onde um dos filhos adulto ainda mora com os pais. Este é o caso do senhor Manuel, dona Ana e seu filho Valdecir. Eles moram em uma pequena casa na parte de cima da ilha. O casal, com mais de oitenta anos, foi um dos primeiros a chegar à ilha, onde criaram todos os seus filhos. Hoje, cada um deles procurou um lugar para morar e constituiu a sua própria família. Apenas um dos filhos mais novo ficou na casa por não ter se casado.

Nas demais casas, classifico a organização familiar como um convívio em conjunto, onde está sempre presente alguém da família. Mesmo assim, isso acontece apenas em alguns momentos em função de cada membro da família morar em um local diferente. Quase todas as pessoas que possuem um vínculo familiar com algum morador da ilha, gostam de estar na casa dos parentes, mas não integralmente.

É interessante observar que as famílias geralmente são constituídas por muitas pessoas, mas são poucas as que moram e convivem na mesma casa. Conforme relata dona Izabel, *“lá em casa tinha vinte e três pessoas; a panela era deste tamanho* (fazendo um

círculo com o braço), *agora cada um casou. Os homens caçaram suas mulheres, as mulheres caçaram seus homens. Agora cada um é pra si. A vida é assim mesmo*”.

Pelo fato de que na ilha a maioria dos moradores são mais velhos, os casamentos acontecem com pessoas de fora. Isto evidencia um distanciamento dos filhos para com os pais. Depois de casados, a maioria deles prefere não morar mais na ilha e passam a viver o ritmo da cidade.

Assim, a organização familiar dos moradores da ilha é regida pelas regras de convivência, estabelecida pelo “estar só”, “estar junto”, “estar com”, “viver em família” e “viver em conjunto”.

4.6.2 As redes de parentesco

“Na ilha a maioria é conhecido e parente”.

Senhor Pedro.

Entre os moradores da ilha encontrei algumas relações de parentesco, principalmente entre as famílias mais antigas. Existe, por exemplo, casa de filha construída ao lado da casa dos pais. Irmãos, tanto consanguíneos quanto de criação, que compraram os seus terrenos, construíram suas casas, constituíram as suas famílias e convivem no mesmo espaço da ilha. Filhos que ainda moram com os pais e ajudam no trabalho. E ainda, filhos que tinham ido embora trabalhar na cidade, mas que recentemente retornaram e passaram a morar na ilha.

Estes vínculos fazem com que a relação com o lugar de vida seja mantida, independente da materialidade de suas vivências. Conforme afirma dona Izabel *“esses meninos meus tudo foi nascido e criado na beira do rio”*. Assim, as gerações das famílias dos moradores tendem a manter um vínculo com as terras da ilha. Identifiquei, por exemplo, dois casos em que os pais que moravam na ilha faleceram, e os filhos retomaram, mesmo que não integralmente, para cuidar das propriedades. *“Herdam a terra porque realizam nela o trabalho que legitima a condição de dono e porque são ‘filhos’”* (WOORTMANN, 1990, p. 32, grifos do autor).

Ao pensar sobre a permanência dos familiares na ilha, percebo que se assemelha aos ciclos do rio: uma constante instabilidade. O senhor Manuel afirma, *“já morei aqui uma vez, só que eu morava um ano e pouco, dois. Depois eu ia pra rua ficava um pouco lá. Outra, porque tinha menino pequeno também, agora já está tudo grande”*. Alguns familiares chegam a ceder um pequeno pedaço de terra para que outros membros da família passem a

morar e a produzir na ilha. Porém, alguns preferem morar na cidade onde trabalham, mesmo assim procuram visitar seus parentes sempre que possível.

Além da rede familiar, outros vínculos se estabelecem na ilha, conforme descrevo a seguir.

4.6.3 A prática do compadrio, da vizinhança e da solidariedade

“Tem conhecido demais, tem compadre, comadre”.

Senhor Aureliano.

“Oh! compadre”. Esta expressão referencia uma relação de reciprocidade estabelecida entre amigos e até mesmo entre pessoas da mesma família. Ser compadre um do outro é sinal de respeito e solidariedade. Na ilha, a ajuda mútua entre os moradores tem como referência este tipo de vínculo. A prestação de serviços prioriza sempre pessoas ligadas por estas relações. O compadrio é uma maneira de fortalecer a amizade e garantir que ela se perpetue por um longo tempo. “Compadres são concebidos como irmãos rituais” (WOORTMANN, 1990, p. 33). Esta prática é muito comum entre os moradores da ilha, constantemente é possível escutar de um e de outro esta identificação.

A ilha, por ter sua extensão geográfica bem delimitada, torna também visível a relação de vizinhança. As casas são muito próximas umas das outras, o que facilita a comunicação entre as famílias. Não é raro encontrar um morador na casa de outro, mesmo porque é com este contato que se estabelece a troca de favores de um para com o outro. “O vizinho é um igual com o qual se troca *ajuda*” (WOORTMANN, 1990, p. 33, grifos do autor). A necessidade de uma família geralmente é suprida com a ajuda de outra, isto evidencia uma relação vivida em comunidade.

Estes gestos de solidariedade e de ajuda mútua aplicam-se tanto aos compadres quanto aos vizinhos. Os moradores da ilha vivem conectados por relações de solidariedade e reciprocidade, estendida a todos que lá vivem. Se um morador necessita de algum favor, remete logo a outro que busca atender o seu pedido. Por exemplo, às vezes um dos moradores necessita comprar algo na cidade, quando não é possível ele ir, pede a outro morador que esteja indo para trazer o produto que necessita.

Isto se estende a outras situações, como a troca de dias trabalhados, troca dos produtos cultivados e até mesmo ao empréstimo de barco ou motor para uma pequena viagem, para um morador que não o têm. Na fala do senhor Manoel é possível entender como se dão estas

relações de trabalho. *“Tem vez que eu cobro, tem vez que eu não cobro. Só se for um trem que gasta mais de um dia, mas se for um meio dia eu não cobro não. Não pode apurar tudo quanto é coisa não”*.

Mesmo sendo um sistema de trocas e empréstimos, isto reflete muito mais em uma relação naturalmente contratual entre os moradores, do que essencialmente a uma lógica formal do “dar” e “receber”. “Isto porque a reciprocidade não significa, necessariamente, a troca, mesmo que a tenha como paradigma. Reciprocidade não implica, necessariamente, a circulação de objetos concretos” (WOORTMANN, 1990, p. 57).

Neste sentido, as relações de compadrio, vizinhança e, por conseguinte de solidariedade, reciprocidade e amizade, são constituídas por trocas, sejam elas matérias ou simbólicas, que se deságuam em uma relação de iguais. Relações estas, estabelecidas em função de um mesmo território de vivência e de vínculos identitários semelhantes. Assim, estes vínculos sociais permeiam o dia a dia das famílias, tecendo estratégias e regras indiretamente estabelecidas para um bom convívio. Conforme evidencia com alegria o senhor Pedro, *“graças a Deus nós é tudo amigo”*.

Evidentemente, em situações adversas, relações sutis ou até mesmo pulsantes de conflito podem se estabelecer. No entanto, o que observei durante a pesquisa foi uma relação harmônica entre as famílias da Ilha das Pimentas. Tanto que no tópico seguinte descrevo alguns momentos de confraternização vivenciados pelos moradores.

4.7 O tempo de celebrar: encontros, festas e mitos

“Muitas coisas eu não esmoreço mesmo, quem tem fé, tá com Deus”.

Senhor Coló.

Neste tópico finalizo minha “viagem pela Ilha das Pimentas”, descrevendo alguns tipos de manifestações culturais presentes na ilha. Procuro compreender o comportamento das pessoas “de fora” nos fins de semana, feriados e férias; a festa religiosa de Nossa Senhora Aparecida que acontece no dia doze de outubro, celebrada com uma passeata de barcos feita pelo rio; além das fantasias e mitos contados pelos moradores mais antigos.

4.7.1 Os encontros de fins de semana, feriados e férias

“Tem gente que todo final de semana tá aqui”.

Dona Deletina.

Em dias tranquilos da semana, a movimentação das pessoas ocorre apenas da casa para as roças, onde plantam e colhem e da casa para o rio, onde pescam. Além deste ir e vir em função dos ciclos do trabalho, raras às vezes escutamos barcos dos moradores subindo e descendo o rio a caminho da cidade de Pirapora. Isto só acontece uma ou duas vezes por mês, pela necessidade de fazer a “feira” ou ainda, em casos extremos, o da doença.

A semana passa, chega à sexta-feira, dia que os “outros” começam a chegar. Escutam-se gritos vindo da margem a todo instante. O barulho de barcos e carros fica mais intenso. É fim de semana, nestes dias é normal encontrar mais pessoas, mais barcos, mais vozes, mais gritos, mais música, enfim uma nova dinâmica.

Durante o tempo que realizei a pesquisa na ilha pude vivenciar esta dinâmica. Trago aqui fragmentos do meu caderno de campo, na intenção de descrever a minha percepção vivida naquele momento²⁷. Para conseguir entender como se dava a movimentação de um fim de semana, utilizei como estratégia uma “chegada turística” à ilha. Para tanto, foi necessário que eu voltasse à cidade de Pirapora e, no dia seguinte, retomasse fazendo novamente o percurso de chegada, agora sob um outro olhar.

No cair da tarde realmente decidi atravessar o rio e ir à Pirapora. Já que é sexta-feira, tive como estratégia ir e voltar no dia seguinte para ter a oportunidade de vivenciar a chegada à ilha em um final de semana. Assim, pedi Adison para me atravessar para o lado de lá do rio, por volta das 17:00 horas. Peguei a moto e partir novamente para Pirapora. O caminho inverso acaba sendo mais rápido e pouco proveitoso. Quando cheguei à cancela percebi o cadeado aberto, era sinal de que havia pessoas que não possuem a chave e que não estão acostumadas a virem à ilha estavam para chegar. Para os que vêm de fora o acesso não é muito fácil. Logo o meu pensamento se confirma. Chega um carro com pessoas vindo de Pirapora, dizendo que iam para a ilha tomar cerveja e pescar. Passo pela cancela e saio pela estrada, como de costume passo por algumas pessoas de bicicleta e a pé. Bem perto de chegar à Pirapora, ainda na estrada de terra, começa a aumentar o movimento de carros na direção contrária a mim. Penso que eram pessoas indo passar o fim de semana fora da cidade. Algumas delas talvez estejam indo para a ilha. Agora é descansar e retomar o quanto antes, no dia seguinte, para a ilha em busca de uma “chegada turística”.

Hoje (sábado 16/01/10) procurei viver um dia de turista que chega para um fim de semana na ilha. Saí de Pirapora às 14:00 horas e fiz o mesmo percurso de sempre. Hoje o sol continua límpido e forte. Apesar de ser sábado a estrada continua com o mesmo movimento dos dias de semana. Enfim chego à beira do rio, paro a moto, observo a

²⁷ Usei os fragmentos do diário de campo com um recuo diferenciado, na intenção de distingui-lo das demais citações utilizadas no texto.

paisagem e escuto a movimentação das pessoas na ilha. Tudo parece calmo, um rapaz remando um barco de madeira aparece para me atravessar. Logo percebo que as pessoas não são as mesmas, pois não o conheço.

Chego à ilha, paro em frente à casa de Adison, por onde a maioria das pessoas desembarcam. Observo algumas pessoas com ele que não conheço. Logo depois ele me avisa que todos chegaram hoje vindos de Pirapora.

Guardo parte do meu material na casa do senhor Silvio e sigo para a casa do senhor Geraldo e dona Helena que fica na parte de baixo da ilha. (...) Como os dois estavam preparando para retornar para a cidade, resolvi não interromper por muito tempo. Logo seu Geraldo sai à procura de um barco para a sua travessia. Eu me despeço e retorno.

Volto para a casa de Adison que acabou sendo ponto de parada e de descanso, por ser onde a maioria das pessoas vindas da cidade chegam. Na chegada à casa de Adison observei muitas pessoas na varanda com bolsas, na mesa uma vasilha de mandioca cozida e uma vasilha de manteiga do lado. Todos comiam e elogiavam o sabor delicioso da mandioca. Logo que comeram, a maioria das pessoas atravessaram o rio para retornar à Pirapora, inclusive dona Deletina e sua neta que pegaram carona com uma das pessoas que estavam retornando de carro. Algumas pessoas atravessaram carregadas com várias sacolas com batata doce, mandioca, milho, maracujá, laranja e até garrafas de caldo de cana. Alguns iam de bicicleta até Pirapora. Adison me disse que sempre aparecem pessoas querendo coisas para levar, *“eles pegam de tudo um pouco, o que tiver eles carregam, eu não importo, tendo eu deixo pegar, sempre perde coisa aqui porque não damos conta de comer”*. (...)

Sigo o caminho e vou até a casa do senhor Getúlio, atual presidente da associação de moradores. Só é possível encontrá-lo na ilha nos finais de semana. (...)

Agora já pelas 23:00 horas escuto muitos barulhos, desde cachorros, grilos, insetos, mas também, motor de barco e vozes de pessoas que estão apenas de passagem por aqui. O silêncio das noites da semana é substituído por falas, sons, música e gritos em algumas das casas das pessoas de fora.

Hoje, um domingo (17/01/10) (...) Pensei algumas estratégias para o dia e logo sai com a intenção de conversar com as pessoas de fora da ilha, que estão apenas a passeio. Cheguei em frente a casa de Rosa, uma moradora da ilha, que como de costume estava sentada em sua rede fazendo crochê. Pedi informação a ela sobre o acesso as casas mais distantes. Ela me informou que está difícil de passar porque o mato está muito alto. Mesmo assim, ela se propôs a me acompanhar. (...) Saímos em direção a parte de baixo da ilha, na intenção de encontrar com algumas das pessoas que não ficam frequentemente na ilha. No caminho vejo dois rapazes conversando dentro do quintal da casa que o senhor Coló morava. Não os conheço, Rosa me avisa que são os filhos dele. (...) Seguimos em direção a casa do senhor Heleno, a primeira casa habitada da parte de baixo da ilha, no caminho muito capim e mato alto. Foi muito difícil conseguir passar, mas graças à bondosa ajuda de Rosa fomos abrindo o caminho pelo mato até enfim chegarmos. Logo no terreiro o senhor Heleno nos recebe, converso com ele por alguns instantes. Ele se mostrou insatisfeito com a sua estada na ilha; disse que teve algumas desavenças com vizinhos. Chegou a dizer que está vendendo o seu terreno para não ter mais chateações. Ele me convida para ver a sua casa e me mostra toda a estrutura. (...)

Continuo a caminhada, agora em direção a parte de cima da ilha. Logo escuto vozes; me aproximo e encontro com Toninho (José Antônio) que estava capinando. Ele me convida para ir até a sua casa. Logo ele chama Madalena, sua esposa. Eles ficam felizes em me ver e me convidam para ficar e almoçar. Assim, ficamos conversando o resto da manhã enquanto Madalena terminava o almoço. Almoçamos juntos, tinha ainda a companhia do senhor Marcos e o seu filho. Ele tem uma casa ao lado e vieram juntos para a ilha. Todos chegaram hoje aqui na ilha e vieram apenas para colher algumas frutas e verduras e limpar o terreno que está tomado pelo mato. Depois do almoço fiz uma entrevista com Toninho para saber os motivos para ele ter uma casa na ilha e vim apenas nos fins de semana. Ele mostrou muito entusiasmo com o rio e sua pequena casa. Ficou nítida a paixão dele pelo São Francisco e suas águas. (...)

Depois de algum tempo já no fim da tarde aparece Madalena, Toninho, Marcos e seu filho indo embora. Adison atravessa todos eles. O sol acaba de se por, alguns parentes de Adison chegaram junto com dona Deletina na beira do rio. Mais movimento de gente de fora e o ritmo da ilha realmente muda nos fins de semana. Assim encerro um dia de domingo em que tentei conversar ou até mesmo viver um pouco da experiência com as pessoas que chegam e que logo vão embora. Hoje acabei vivendo um dia de “turista” que pesca, come peixe e conversa com os amigos.

O fim de semana acaba, muitas pessoas vão embora e eu acabo ficando por aqui como alguns dos que moram e trabalham. Amanhã, segunda-feira, é dia de trabalho e retomada da rotina diária de cada um dos moradores. Volto a observar aqueles que são daqui, gostaria de entender o ritmo de trabalho daqueles que ficam e mesmo nos fins de semana procuram viver normalmente a sua rotina sem se envolverem muito com aqueles que chegam. Mesmo com vidas diferentes, a forma prestativa e solidária com todos aqueles que passam é nítida.

A noite é calma e silenciosa, penso que todos os que vieram a passeio já retornaram para a vida da cidade. Assim, fica apenas o silêncio e o barulho dos bichos e da água²⁸.

Com esta experiência pude observar e vivenciar o quanto o ritmo de vida de quem é da ilha é diferente de quem vai á ilha. A receptividade, o tipo de comida, a hora da pesca, as diversões, possuem nuances distintas. O ritmo de vida de quem mora na ilha é imposto pelo ritmo do rio, e para eles não existe uma distinção marcada entre um dia de semana e um fim de semana. Nada muda em função disto, exceto no trabalho com a terra, por terem os domingos, feriados e dias santos como referência para o descanso. Nem por isso, os moradores impõem outras formas de vivência.

Enquanto o ritmo da vida segue normalmente entre os moradores, para os que vêm de fora, estes poucos dias devem ser aproveitados ao máximo, em função do curto espaço de tempo na ilha. Os dias de fim de semana são referência para o lazer e o descanso, eles abandonam todo o ritmo da vida na cidade e buscam formas diferentes de entretenimento.

Nos feriados e férias o ritmo também muda. Nestas ocasiões, em especial nas férias escolares, as crianças povoam a ilha trazendo um clima de alegria e agitação para a calmaria do lugar. A acolhida nas casas fica por conta dos pais e avós.

Entre estes intervalos são poucas as pessoas que ficam na ilha, exceto em dias especiais, conforme descrevo abaixo.

²⁸ Trechos do diário de campo escritos no fim de cada dia de campo.

4.7.2 As reuniões e festas

“Somos de minha Nossa Senhora Aparecida”.

Dona Rosa.

As reuniões da Associação de Moradores da Ilha das Pimentas, fundada no dia treze de maio de 1997²⁹, é um dos momentos de encontro entre todos os moradores da ilha. Geralmente as reuniões acontecem todo segundo domingo de cada mês. O dia foi escolhido em função da disponibilidade dos moradores. Na data, a reunião é realizada sempre pela manhã.

O objetivo da associação é unir esforços a fim de conseguir benfeitorias para os associados. Na ocasião das reuniões, os membros discutem possibilidades de recursos, tipos de investimentos a serem feitos, bem como, em tempo determinado votam para eleger os seus representantes (Presidente, Secretários e Tesoureiros). Quando pergunto dona Izabel sobre a associação ela responde:

A senhora participa da associação? *Sim, bom de mais. Só que tem hora que o povo não frequenta tudo certinho. Uns vai outros não vai. Mas é bom. Você paga cinco reais por mês de cada associado, mas é bom. Tem alguma coisa que a associação já fez aqui?* *Tem. Eles mandaram milho, feijão. Tem hora que chega atrasado mas está bom. A água e a luz também foram à associação?* *O povo reuniu falou com a Cemig, a Cemig veio ai. Mas foi já por causa da associação, que eles correram atrás. E antes de ter a luz?* *Ah não tinha a associação não tinha nada. Tem pouco tempo que tem a luz? Naquela cheia de quatro mês já tinha a luz.*

A energia elétrica foi inaugurada no dia vinte e oito de abril de 2006³⁰. Com isso também foi possível instalar água encanada para todos os moradores. A criação da associação é um exemplo do que Brandão (1995) denomina de grupo de interesse, uma instituição criada em função de um interesse comum, capaz de articular a vida social e comunitária.

Além de terem conseguido instalar a água e a energia elétrica, os moradores também mencionam a construção da capela, inaugurada no dia doze de outubro de 2008³¹, como sendo uma das conquistas realizada com recursos da associação, contando ainda com a colaboração de todos os moradores.

²⁹ Segundo dados fornecidos pelos moradores e confirmado nos registros do livro de ata da Associação de moradores.

³⁰ Dados fornecidos pelo escritório regional da CEMIG - Companhia Energética de Minas Gerais.

³¹ Segundo placa afixada em uma das paredes da igreja.

A capela foi construída com o objetivo de ser uma referência religiosa dentro da ilha. Praticamente todos os moradores se consideram católicos, e a “casa do senhor” é uma maneira de fortalecer a prática religiosa entre os moradores.

Para solidificar esta devoção e para simbolicamente reforçar entre todos os seus laços de amizade e de pertencimento a um mesmo mundo de vida cotidiana, todo ano é realizada a festa de Nossa Senhora Aparecida. Este é um dos poucos momentos em que interagem moradores e pessoas de fora para festejar e celebrar a padroeira da ilha. Com a construção da capela, os moradores passaram a realizar ainda uma procissão de barcos com a imagem da santa, circundando toda a ilha. Após a procissão os moradores desembarcam e vão para a capela onde rezam uma missa, conforme foto 4.



Foto 4 - Fim da procissão de barcos e caminhada em direção a capela.
Autora: Cedida pela senhora Nancy Neto Neves, uma das idealizadoras da festa.

A festa religiosa é um momento de confraternização em que famílias, compadres, vizinhos e amigos se encontram. Esta manifestação expressa os vínculos culturais e religiosos, vividos coletivamente. Dona Izabel afirma *“ah! quando o padre vem, dia de Nossa Senhora Aparecida, aí junta todo mundo para ajudar. Vai todo mundo. Um ajuda com uma coisa, outro ajuda na outra”*.

Obviamente os significados e os gestos rituais são dinâmicos. Alguns rezam, celebram e agradecem, e outros apenas cantam, bebem e comemoram. Neste dia de festa os tempos interagem entre o sagrado e o profano. O espaço da igreja é reservado para as celebrações, sendo especificamente um espaço sagrado.

Podemos definir o espaço sagrado como um campo de forças e de valores que eleva o homem religioso acima de si mesmo, que o transporta para um meio distinto daquele no qual transcorre sua existência. Assim o espaço sagrado reflete a percepção do grupo religioso envolvido. Na realidade, o ritual pelo qual o homem sacraliza o espaço é eficiente à medida que ele reproduz a obra dos deuses. (ROSENDAHL, 1999, p. 233-234).

A parte de fora da igreja, além de ser o ponto de concentração das pessoas que não se sentem à vontade em participar da celebração, é ainda o ponto de confraternização entre todos os presentes. Após o término da procissão e da missa todos se juntam para conversar, comer e beber, conforme fotos 5 e 6.



Foto 5 - Missa realizada no dia 12/10/09.
Autora: NEVES, Nancy Neto. (Out./2009).



Foto 6 - Confraternização em frente à capela.
Autora: NEVES, Nancy Neto. (Out./2009).

Enquanto o ritual sagrado expressa fé e devoção para alguns, o espaço profano expressa momentos de descontração e confraternização entre todos. Neste caso, “pode-se definir espaço profano como o espaço desprovido de sacralidade, estrategicamente ao ‘redor’ e ‘em frente’ do espaço sagrado” (ROSENDAHL, 1999, p. 239).

No tempo da festa, sagrado e o profano se mesclam e se misturam. Sendo assim, os seus participantes entrecruzam dois mundos, contrapondo a ritualização e a diversão.

4.7.3 A simbologia dos mitos

“Ah! no rio tem muita coisa”.

Dona Izabel.

O contar se faz de várias formas. Contar uma história, acreditar nela, vivê-la e partilhá-la com outras pessoas do seu convívio, faz com que ela seja repassada e recontada de várias maneiras. Os mitos sobre o rio São Francisco são contados e repassados de geração em geração. Intrigantes personagens são entrelaçados por superstições que nos fazem crer que não são apenas “casos de pescador”, mas um complexo envolto de mistério e mito a cerca dos seres do rio. Figuras míticas e lendárias aparecem nas narrativas reportando-se às referências simbólicas, repletas de signos e significados.

Em todos os lugares por onde o rio São Francisco passa, ouvimos falar de caboclo e mãe d'água, sereias e muitos outros seres. O contar não se repete da mesma forma, mas a descrição de tais criaturas é sempre a mesma. São seres misteriosos e intrigantes que vivem nas profundezas das águas e aparece para algumas pessoas que navegam pelo rio. A relação que se estabelece com estes seres está profundamente ligada ao respeito ao rio.

Vejamos então o contar de um casal de moradores da Ilha das Pimentas.

As histórias do rio o senhor acredita? **Pedro** - *Eu acredito porque eu já vi eles.* **Rosa** - *Ah! dos caboclos?* (risos). *Eu que não quero mexer com eles.* **Como ele é?** **Pedro** - *Ah, ele não anda todo perfeito não. Ele parece um pau, parece uma coivara, uma cabaça, ele aparece de qualquer tipo.* **Como faz pra ver ele?** *Porque ele aparece para você. Eu já vi ele um dia aqui, no sonho, berando aqui a ilha.* **Porque eles aparecem?** *Não os compadre d'água e as comadre d'água é porque é o macho e a fêmea. É igual uma pessoa mesmo.* **Rosa** - *É igual nós, mas ele se transforma.* **Pedro** - *Eles formam de qualquer jeito. Ele aparece feito um pedaço de pau, uma tromba. Esses dias ele apareceu pra ela aqui (Rosa).* **E como foi?** **Rosa** - *Estava eu e mãe (dona Ana) aí vem. Estou vendo, aquela cabaça. Ai mãe falou: Rosa aquele pau vem rolando ali. Ai nós ia atravessar. Nós ia atravessando. Mãe falou assim: Rosa olha a coivara lá. Eu falei: vou tirar o barco da coivara. Eu jogava o barco para cima e a coivara debaixo. Ai quando eu joguei o barco para um lado ele entrou por debaixo e segurou o barco. Eu falei ah! Jesus, já sei quem é. Eu falei pode soltar meu barco que eu quero ir embora. Ah! eu cheguei do outro lado de cá no porto que eu nem sei como é que eu cheguei não. Amarrei este barco. Ele é bonzinho mas não mexe com eles não. Eles até mata a pessoa. Ele segura o barco no meio do rio. Segura que você nem vê. Ele fica no fundo do barco você também não vê não. Ele não deixa o barco sair para canto nenhum.* **Tem outras histórias?** **Pedro** - *Tem a ariranha. Disse que é igual lontra, mas é maior que a lontra e a unha dela onde pegar. E os dentes também é igual navalha. Ela é perigosa.* **Rosa** - *O caboclo d'água não é tão valente igual a ariranha. Ariranha mata mesmo. Porque o caboclo é assim: se você amolar eles, ai eles amolam. Já a*

ariranha não, onde ela passa. É o caboclo e a sereia. A sereia faz o que?
Pedro - *Ela não faz nada não. Minha irmã viu ela umas três vezes sentada na pedra penteando o cabelo. O caboclo é o homem e a mulher é a sereia. O quê oferece pra eles?*
Rosa - *A gente dá fumo, dá cigarro, dá pente, dá sabonete, pinga, tudo a gente dá pra eles. Como faz para entregar para eles?*
A gente põe na beira do rio. No outro dia não tem nada. Eles vêm de noite e pega. Um dia um quase me pega, eu estava lavando um coador. Pai falou assim: Rosa vai lá na beira do rio. Cheguei lá, estou lavando o coador. Enfiava o coador e levantava. Ai eu vi aquele toco lá, vem rolando. E eu encantei. Ele encanta qualquer um. E eu estou encantada. E estou olhando, e estou olhando e vem este toco. E eu estou abaixada olhando. Quando ele levantou a mão, aí meu Deus do céu, aí essa hora. (ela faz uma expressão de assustada). Quando ele levantou a mão assim, aquele cabelão. Um cabelo bonito viu, lindo! Quando ele levantou a mão que ia levando na minha perna assim. Que ele levantou aquela mãozona assim com aquele cabelão cumprido. Ai eu sai gritando oh! pai, pai, pai. Eu não sei nem que hora que eu cheguei lá em casa. Parece que eu cheguei lá doida. Coador? Hum... Cheguei lá gritando, todo mundo veio correndo de lá pra cá: o que é? O quê que é? Chegou lá cassou o coador. Nada. Nada. Será porque eles aparecem?
Dizem que é o sangue que puxa. Oh! mais ele era bonito, o rostinho dele é tão lindo. A gente encanta com o rosto dele. O rostinho dele era tão miudinho assim, na hora que ele começou a aparecer o braço assim, eu fiquei olhando. Ai quando o rosto dele assim, aí que eu vi o corpo dele direitinho porque ele foi se transformando. Ele foi se transformando sabe. Perfeito. Ai a mãozinha dele. Ai, ai, ai se ele põe a mão em mim, ninguém tinha me visto mais. Se gostar ele carrega. Ele encanta mesmo. Não morre afogado. Ele fica debaixo d'água?
Pedro - *Não, mora é no salão deles lá. O lugar deles é no lugar mais fundo do rio. Ai eles cavaca. Se tiver peixe no anzol ele avisa no sonho. Eu não tenho medo não. Eu não faço nada pra eles. (Entrevista concedida em janeiro de 2010).*

Estas figuras míticas evocam representações que povoam o imaginário dos habitantes do rio. A descrição do mito nos permite compreender como os moradores da ilha constroem as suas representações da realidade relacionadas ao mesmo tempo com a religião e com o mito.

Os mitos incorporam significações importantes, pois é por meio deles que os moradores são capazes de expressar os signos e significados que traduzem a gramática cultural daqueles que vivem e conhecem os segredos e perigos do rio. Dona Izabel diz, “é igual nós seres humanos, só que nós é aqui no seco, eles é dentro d'água”. *Eles lá é igual nós aqui. Se tratou bem eles tratam bem, se tratou mal aí eles tratam mal*”. Além disso, ele fornece um outro sentido à realidade, capaz de criar representações sob uma dimensão sobrenatural, nem sempre vivenciada por todos que convivem com o rio.

Para muitos são apenas “histórias que o povo conta”, conforme afirma dona Izabel, “eu ando no rio, ando no rio de dia e de noite e nunca vi nada”. Outros afirmam ter vivenciado certas situações inexplicáveis, associadas às criaturas do rio e as suas regras de conduta. Portanto, os mitos sobre o rio São Francisco reportam-se a expressões e significados diversos, contados e interpretados de acordo com quem os vive e acredita.

Neste sistema de relações afetivas e simbólicas cria-se na Ilha das Pimentas uma unidade sociocultural estabelecida em função de vínculos identitários, percebidos através da organização da família nuclear, dos laços de parentescos, compadrio, vizinhança e solidariedade, dos encontros, da festa e dos mitos. Estas relações entretecem as regras e teias tecidas pelo convívio familiar e comunitário.

Após estes escritos, passo agora a apresentar, por outros meios, formas de utilizar o material colhido em campo. A intenção é priorizar os relatos dos entrevistados e as fotografias tiradas durante o percurso da pesquisa.



5 LEMBRANÇAS DE UM VIVER ENTRE AS ÁGUAS: memórias e imagens

Neste capítulo trago os relatos de uma entrevista realizada com um dos moradores da Ilha das Pimentas, já conhecido de páginas anteriores. O objetivo agora é valorizar uma história de vida narrada através das lembranças de um passado marcado pelos caminhos das águas. Deixarei que fale o entrevistado sobre um tempo de paisagens do rio São Francisco e de suas ilhas como espaços grafados através da memória. A viagem pelo imaginário deste homem do rio e da ilha será entrelaçada com o conto de João Guimarães Rosa - “A terceira margem do rio” que evidencia um mundo de sonhos, gestos, esperanças e esperas.

Aliado a isto, apresento na parte final do capítulo, um mosaico de fotografias, intercalando falas e imagens. Esta opção foi feita na intenção de trazer para o trabalho novos olhares e perspectivas, algo que vá além do texto que apresentei até aqui. A finalidade maior é deixar transparecer por meio das fotografias, mesmo que sob o olhar de quem as tirou, os momentos e espaços pelos quais a pesquisa perpassou. Busco ainda, o “olhar do outro”, de quem lê, pensa e reflete sobre o lugar e as pessoas pesquisadas.

5.1 A memória de quem já se foi

Após descrever as relações sociais, o modo de vida e trabalho dos moradores da Ilha das Pimentas, estabeleço a partir de agora um diálogo mais próximo com os relatos dos moradores, em função das entrevistas realizadas durante o tempo em que estive na ilha. Neste caso, escolhi a entrevista de apenas um dos moradores da ilha, por um duplo motivo. O primeiro, por ser uma das pessoas que agora só poderá ser lembrada pelas fotografias que tirei e pelas entrevistas que gravei. Apesar de já falecido, o senhor Coló deixou preciosas memórias que merecem ser contadas. Segundo, por ainda ser um dos moradores mais lembrados da ilha e guardar uma história de vida muito íntima com o rio e com a ilha.

O senhor Coló foi uma pessoa com quem conversei algumas vezes. Neste tempo ele me contou relatos de sua vida trabalhando pelo rio e de quando passou a morar na ilha. As suas falas e lembranças foram bastante significativas para a elaboração deste trabalho e ainda é símbolo de perseverança para os moradores que hoje vivem na ilha.

A primeira vez que visitei a Ilha das Pimentas foi ele que me acolheu e realizou a minha travessia de barco. Sempre que conversava com ele ouvia longas e impressionantes histórias de vida que ele tinha para contar.

Que quando ouvimos somos o espelho de quem conta. “Contando ao outro e dele recebendo em troca, preenche com o fruto da partilha da fala do vazio do sentido, ou porque cabe ao outro, alheio dizer o significado dos silêncios da narrativa” (BRANDÃO, 1991, p. 136).

Senti a necessidade de ouvi-lo, de ser seu espelho. Por isso, retomei um dia à ilha especialmente para uma conversa com ele³². Cheguei a sua casa simples, pintada de branco, com pouquíssimos móveis, apenas o necessário para se viver: uma cama de solteiro, um fogão, uma geladeira, alguns bancos de madeira e um pequeno rádio de pilhas guardado em uma prateleira da cozinha. No canto da sala uma imagem de São Francisco de Assis para proteger o lugar.

Era inverno, época em que as águas do rio ficam límpidas e calmas. Iniciamos nossa conversa sentados no quintal de sua casa. Mal sabia eu que seria a última vez que o via. Ele, sempre prestativo, com sua voz serena e olhar penetrante começou a teceu suas lembranças, a narrar o percurso de sua vida. Falou que nasceu dentro do rio São Francisco, que a sua mãe deu a luz numa barca dentro do rio, nas proximidades da cidade de São Romão. Ele me disse ainda que as águas do São Francisco foram as suas águas de batismo, “*para mim esse rio é sagrado, é pai, é um bom Deus*”.

Ele se lembrou de seus tempos de garoto e dos seus primeiros trabalhos no rio.

Desde menino que lido com esse rio, ajudava o meu pai com o trabalho na roça, depois fui mascate. Mascate é aquela pessoa que sai vendendo coisas pelo rio dentro de um barco. Trabalhei também na FRANAVE como tripulante mas não fiquei muito tempo.

Sempre falou com muita admiração e respeito das águas do São Francisco. Contou que passou a ser morador da ilha porque gostava de ficar perto do rio. Ele me mostrou tudo o que produz na ilha. Apesar de ter vivido solitário em sua pequena casa entre as margens do rio, sempre dizia que era feliz morando na ilha. Sem os filhos, esposa e netos por perto, tinha apenas o rio como seu fiel companheiro, só ele e o rio.

Mas a minha vida é aqui na beira desse rio, perto dessa água, dessa beleza toda. Aqui eu me sinto feliz, tenho paz para continuar vivendo. A vida aqui nessa ilha é uma maravilha, tenho a minha plantação ali, abóbora, tomate, melancia. Quando dá eu vou lá na cidade para ver a família. De vez em quando eles vem aqui também, filhos, netos.

³² Conversa realizada no dia 01 de agosto de 2007 e gravada por Joycelaine Aparecida de Oliveira que gentilmente cedeu parte do material para este trabalho.

Com o seu inseparável barco ele circulava pelo rio e guiava pescadores durante o campeonato de pesca que acontecia todos os anos. Apesar da vida tranquila morando em uma ilha, ele lembrou ainda das incertezas que o rio traz.

Aqui nos tempos da cheia, nós temos que sair das nossas casas, porque o rio pede passagem. E nós saímos porque aqui é o lugar do rio. Nós é que estamos no lugar errado. Temos que respeitar o tempo do rio, a vida do rio, a água do rio que corre...

Seguindo a nossa conversa, logo ele me perguntou se tinha ficado sabendo da última enchente do rio, em janeiro de 2007. Levantou apressado e me mostrou as marcas que as águas deixaram nas plantações e na casa. Foi nesta conversa que ele me revelou sua grande aventura durante os dias em que o rio encobria a ilha. Ele me surpreendeu ao contar que ficou durante todo o tempo da enchente morando em seu pequeno barco, amarrado a uma árvore do quintal de sua casa.

Quando perguntei a ele sobre os dias que ficou morando sobre as águas, ele relatou da seguinte forma:

Na última cheia de janeiro, a água cobriu as nossas casas. Isso aqui era um mundo de águas... Eu fiquei morando naquele barco ali, amarrado numa árvore, para cuidar da casa, fiquei de vigia. No barco eu cozinhava, dormia. Era eu e esse rio imenso, eu no meio dessas águas... Fiquei aqui até a água do rio baixar. Eu não tinha medo, escutava os pássaros, o barulho do rio. Não tem porque ter medo quando se está perto da natureza, perto das águas, perto dos bichos, perto da natureza está perto de Deus. O padre veio rezar uma missa aqui logo depois da cheia do rio, e ele me chamou de Noé. Noé e sua barca. Eu virei até matéria de jornal, porque eu fiquei aqui sozinho no meio do rio.



Foto 7 - Conversa com o senhor Coló.
Autora: ARAÚJO, E. C., (Jul./2007).

Aventureiro ele contou sorridente este acontecimento inusitado e me mostrou o jornal da cidade que documentou o fato. Esta relação tão íntima com o rio fez com que, mesmo em tempo de uma grande e histórica cheia do rio, o senhor Coló estivesse o mais próximo possível do São Francisco.



Foto 8 - Foto tirada do jornal "A semana".
 Autora: ARAÚJO, E. C., (Jul./2007).

Essa lembrança ainda é "viva" na memória dos moradores. Todos se lembram da mais recente enchente que deixou a ilha completamente submersa por mais de um mês. Todas as casas da ilha ficaram encobertas pelas águas, conforme foto 8. Os moradores tiveram que sair e procurar abrigo em casas de parentes e amigos. Retiraram tudo o que foi possível. As plantações ficaram destruídas e as casas tiveram que ser reconstruídas.

O senhor Manuel conta que *"foi quarenta e cinco dias debaixo d'água. Só ficou o finado Coló e o finado Francisco morando aqui. Eles ficaram dentro da lancha aí. Eles só iam lá na rua buscar uma despesinha e voltava para traz. Aqui ficou só água. Paradinho o rio"*. Este acontecimento deixou marcas profundas na memória de todos os moradores. Qualquer fato relatado tem como referências "o tempo da enchente" e, não, datas precisas. Os moradores carregam na memória uma relação de tempo estabelecida entre o que aconteceu antes da enchente e o que aconteceu depois dela.

Para muitos esta enchente trouxe efeitos catastróficos, para o senhor Coló e os demais moradores da ilha foi apenas o tempo do rio. Tempo este que deve ser respeitado.

Por meio da memória do senhor Coló é possível entender a sua tamanha relação de apego e afeto ao rio. As lembranças dos fatos passados refletiam sempre as suas vivências

entre as águas. Foram muitas as lembranças de lugares, pessoas e acontecimentos vividos no/e em função do rio São Francisco. Com este exemplo podemos observar que o sentimento de pertencimento, enraizamento e de reafirmação de identidade é ainda mais latente. A aceitação e a inserção nesta paisagem nos permite uma reflexão sobre o sentimento de intimidade que estes moradores têm com o rio e seus ciclos.

5.2 As margens ocultas de um rio

A justificativa encontrada pelo senhor Coló para ficar morando em seu barco enquanto as águas do rio não se acalmavam, tem semelhança íntima com outro morador das águas deste rio, aquele do conto de João Guimarães Rosa, chamado “A terceira margem do rio”. O relato de um homem “cumprido, ordeiro, positivo” e sério que “encomendou uma canoa especial”, capaz de suportar longas datas na água. A canoa fica pronta e este homem quieto parte deixando para trás sua esposa e seus três filhos, sumindo na imensidão das águas.

Nossa casa, no tempo, ainda era mais próxima do rio, obra de nem quarto de légua: o rio por aí se estendendo grande, fundo, calado que sempre. Largo, de não se poder ver a forma da outra beira. E esquecer não posso, do dia em que a canoa ficou pronta (ROSA, 1972, p. 32).

A vida da família é relatada por um dos filhos. Após a partida do pai todos passam a viver com a incerteza de uma vida de espera.

Nosso pai não voltou. Ele não tinha ido a nenhuma parte. Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa, para dela não saltar, nunca mais. A estranheza dessa verdade deu para estarrecer de todo a gente. Aquilo que não havia, acontecia. Os parentes, vizinhos e conhecidos nossos, se reuniram, tomaram juntamente conselho (ROSA, 1972, p. 33).

O homem circulava entre as águas do rio. Vivía entre as margens, em um constante movimento, um ir e vir do rio e da vida. O homem torna-se rio que, assim como suas águas, não tem paradeiro certo.

De dia e de noite, com sol ou aguaceiros, calor, sereno, e nas friagens terríveis de meio-do-ano, sem arrumo, só com o chapéu velho na cabeça, por todas as semanas, e meses, e os anos - sem fazer conta do se-ir do viver. Não pojava em nenhuma das duas beiras, nem nas ilhas e croas do rio, não pisou mais em chão nem capim. Por certo, ao menos, que, para dormir seu tanto, ele fizesse amarração da canoa, em alguma ponta-de-ilha, no esconso. Mas não armava um foguinho em praia, nem dispunha de sua luz feita, nunca mais riscou um fósforo. O que consumia de comer, era só um quase; mesmo

do que a gente depositava, no entre as raízes da gameleira, ou na lapinha de pedra do barranco, ele recolhia pouco, nem o bastável. Não adoecia? E a constante força dos braços, para ter tento na canoa, resistido, mesmo na demasia das enchentes, no subimento, aí quando no lanço da correnteza enorme do rio tudo rola o perigoso, aqueles corpos de bichos mortos e paus-de-árvore descendo - de espanto de esbarro. E nunca falou mais palavra, com pessoa alguma. (ROSA, 1972, p. 34/35).

Resistindo a “demasia” das enchentes não saiu de dentro do rio. Não sentia medo, suportava todas as adversidades e seguia entre as águas. Este também foi o gesto do senhor Coló que ficou tranquilamente vivendo em seu pequeno barco, esperando o retorno para a terra firme.

Só as falsas conversas, sem senso, como por ocasião, no começo, na vinda das primeiras cheias do rio, com chuvas que não estivam, todos temeram o fim-do-mundo, diziam: que nosso pai fosse o avisado que nem Noé, que, por tanto, a canoa ele tinha antecipado; pois agora me entrelembro. Meu pai, eu não podia malsinar. E apontavam já em mim uns primeiros cabelos brancos. (ROSA, 1972, p. 36).

O personagem de Guimarães Rosa, assim como o senhor Coló, fora comparado a Noé³³. As chuvas, cheias e inundações não foram capaz de separar o homem do rio. Eles resistiram às adversidades da natureza e seguiram junto às águas.

Para o filho que vive da espera, a vida vai passando “no devagar depressa dos tempos”. Os irmãos tornaram-se adultos. A irmã casa-se e vai embora com o esposo. Seu outro irmão também resolve ir embora para outra cidade. Sua mãe envelhece e acaba indo morar com a filha. E ele, continuava a espera do pai na beira do rio.

O conto de Guimarães Rosa termina com o filho, agora já velho, se lamentando pelo sentido da vida e pela culpa, que ele mesmo não sabia de que.

Sou homem de tristes palavras. De que era que eu tinha tanta, tanta culpa? Se o meu pai, sempre fazendo ausência: e o rio-rio-rio, o rio - pondo perpétuo. Eu sofria já o começo de velhice - esta vida era só o demoramento. (ROSA, 1972, p. 36).

O filho acena para o pai e pede para ficar no lugar dele na canoa. “E eu não podia...” O primeiro gesto do pai depois de tantos anos assusta o filho que, com medo, sai correndo. Ele pede perdão ao pai que desaparece para sempre no rio.

Sofri o grave frio dos medos, adoeci. Sei que ninguém soube mais dele. Sou homem, depois desse falimento? Sou o que não foi, o que vai ficar calado. Sei que agora é tarde, e temo abreviar a vida, nos rastos do mundo. Mas, então, ao menos, que, no artigo da morte, peguem em mim, e me depositem

³³ Figura bíblica relatada no livro do Gênesis como sendo o responsável por construir uma grande barca para salvar a sua família e abrigar um casal de todas as espécies de animais da terra antes do grande dilúvio.

também numa canoinha de nada, nessa água que não pára, de longas beiras: e, eu, rio abaixo, rio a fora, rio a dentro - o rio (ROSA, 1972, p. 37).

O que seria então a terceira margem do rio? A partida? A chegada? O caminho? Seria algo incapaz de ser visto, tocado, descrito e percorrido? São tantos mistérios, tantas margens, sem origem e sem destinos.

A estranha história do homem que abandona sua família para viver o mundo desconhecido das águas, nos entremeios, no imaginário do rio, remando demasiadamente, navegando sem destino, sem rumo, sem querer chegar. O que buscava esse homem, apenas o rio? Estaria ele a procura de uma outra margem? Que angustias o moveria? Isto instiga o imaginário do filho que passou todo o tempo de sua vida em uma espera constante.

Talvez para aqueles que conhecem as águas do rio, este conto não seja apenas algo contado por outros, mas sim, idealizado por eles. Nascer, crescer e morrer perto e/ou no rio pode tornar-se um desejo, ou ainda, uma forma de agradecimento por tudo que o rio já ofereceu durante toda uma vida. Este tempo do rio pode ir muito além da simples materialidade da vida, passa a ser uma necessidade constante de viver às águas.

Será esse o tempo que mede o que se acaba? [...]. Porque o próprio tempo viaja, anda e desgasta. Então, á água do tempo inunda ele mesmo? Então ele se acaba? E deixando o tempo de haver, há o que? A terceira margem do rio [...] um rio que vai ao mar. Ele interrompe o sertão, divide-o ao meio. Tudo se passa de um lado e de outro lado do São Francisco (BRANDÃO, 1998, p. 59).

Com os relatos do senhor Coló e com o conto de Guimarães Rosa aprendi que entre as águas de um rio, em especial as do São Francisco, muito se pode ver, contar e imaginar. “Como ele mesmo, eu depois aprendi que, uma vez indo, nunca mais se sai de lá, mesmo depois de se haver partido há muito tempo” (BRANDÃO, 1998, p. 18).

Foram duas vidas dedicadas ao rio. Ambos queriam o rio por perto, procuravam sentir o rio, viver o rio. O senhor Coló ancorou seu barco apenas no período das cheias. Nesse momento de sua vida era só ele e o imenso rio. A semelhança entre o homem do conto de João Guimarães Rosa está no viver o rio como essência. A continuidade da vida desses homens depende do convívio entre as águas, de considerar um rio simbólico, sagrado e misterioso para esses dois homens. Na velhice, no fim da vida na beira do rio, estes homens não morrem; ficam encantados.

Isto se aplica a quem vive, convive e aprende com...

o correr das águas e...



Foto 9 - Para onde levaria este barco? ³⁴

... o contar da vida.



Foto 10 - O aprender com o outro.

³⁴ As fotos a seguir são de autoria de ARAÚJO, E. C., (Jul./2007) e SOUZA, A. F. G. (Jan. e Jun./2010).

5.3 Mosaico: combinação de imagens e falas

Assim como procurei realizar na primeira parte do texto, fecho este capítulo trabalhando com o imaginário. Neste caso, busco através dos registros fotográficos obtidos em campo, um “caminho das imagens” trilhado através da memória visual. Apresento imagens que vão desde o percurso, à chegada, à estadia e o retorno da Ilha das Pimentas, trazendo aqui apenas fotos e, em alguns casos, as falas dos próprios moradores.

Os olhares e sensações são experienciados em suas mais diferenciadas formas. Quando pensamos no rio São Francisco, identificamos suas formas, pessoas e símbolos como um complexo envolto de gestos, palavras e imagens.

Os gestos e palavras de alguma forma e em alguns momentos já foram trabalhados no quarto capítulo. Seguindo este caminho, irei agora apresentar representações e gestos intercalados e retratados apenas através de fotografias e falas dos moradores da Ilha das Pimentas. Esta opção foi feita na intenção de trabalhar por meio da leitura de imagens registradas durante a pesquisa, tanto pelos próprios moradores da ilha, como ainda, pelo olhar do “eu” enquanto uma pessoa que está “lá” para pesquisar. Esta conexão entre fala e imagens em muitos casos são auto explicativas, o que não significa dizer que não irei justificar os seus usos logo mais.

5.3.1 O caminho pelas imagens

Começo fazendo o caminho inverso do trabalhado no início do texto. Já que inicialmente trabalhei apenas com o caminho imaginado, agora trago o caminho trilhado e registrado por meio de fragmentos de imagens dos lugares percorridos tanto da “ida” como da “volta” a Ilha das Pimentas.

Agora não precisamos fazer o exercício de tentar por meio do imaginário traçar o caminho percorrido. Aqui, o esforço está no exercício do olhar, em seus diversos ângulos e percepções, entre aquilo que é o concreto, registrado através da fotografia e aquilo que perpassa também pelo imaginário, o que está além do que a vista consegue alcançar, o não visível. Segundo Roland Barthes “ao olhar uma foto, incluo fatalmente em meu olhar o pensamento desse instante, por mais breve que seja, no qual uma coisa real se encontrou imóvel diante do olho” (BARTHES, 1984, p. 117). Nos dois casos, este caminho perpassa por várias leituras, com pontos de partida e de chegada diversos.

O sentido da imagem fotográfica vai muito além de uma simples interpretação da foto em si, ela é definida por meio da vivência, da memória e da percepção dos olhos de quem a vê, segundo o olhar dinâmico de cada um. Desta forma, é necessário uma exposição da nossa vivência dentro do universo da pesquisa, lida conforme o olhar particular de quem as interpreta.

Na verdade, é a competência de quem olha que fornece significados à imagem. Essa compreensão se dá a partir de regras culturais, que fornecem a garantia de que a leitura da imagem não se limite a um sujeito individual, mas que, acima de tudo, seja coletiva. A idéia de competência do leitor pressupõe que este mesmo leitor, na qualidade de destinatário da mensagem fotográfica, detenha uma série de saberes que envolvam outros textos sociais. (MAUAD, 2004, p. 24).

Portanto, recorro à fotografia como um dado importante capaz nos guiar pelos caminhos que a pesquisa percorreu, trazendo informações até então ocultas no texto. Seguimos assim o percurso que a imagem nos leva, em uma trilha guiada pelos olhares fixos e silenciosos onde, “muitas fotos, infelizmente, permanecem inertes diante de meu olhar” (BARTHES, 1984, p. 47).

Ela é a estrada que nos leva a Ilha das Pimentas.³⁵



³⁵ Todas as citações deste tópico são fragmentos retirados dos primeiros itens desta dissertação referentes aos momentos da pesquisa: o lá, o aqui/lá, o chegar lá, o estar lá, o voltar de lá, o eu aqui.

O caminho torna-se cada vez mais próximo.



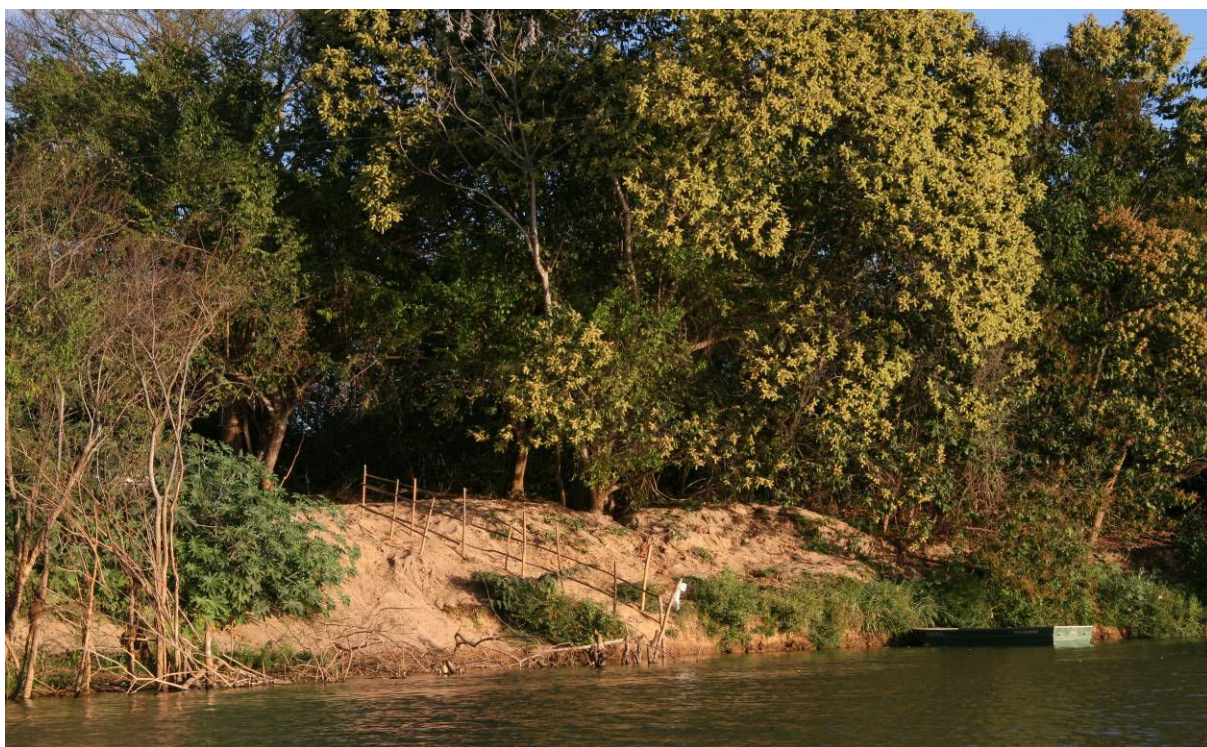
Continuando o percurso, logo depois de andar cerca de vinte quilômetros da cidade de Pirapora, é possível avistar uma cancela de madeira com um grande cadeado que indica a entrada de acesso à ilha.



Seguimos buscando realmente conhecer o lá.



O chão tomado por grama e o solo de cor acinzentada caracteriza as vazantes e a certeza que estamos muito próximos da beira do rio.



... logo avistamos o grande rio São Francisco e, lá no meio, a Ilha das Pimentas.



A travessia foi rápida, mas o suficiente para poder contemplar de dentro do rio toda a sua beleza pura e transparente.





A paisagem é a de um pequeno pedaço de terra que o rio cerca e protege e que faz parte dele.

Não são apenas águas, mas as águas do rio São Francisco, fator primordial para aqueles que habitam este pequeno pedaço de terra, cercado ou protegido pelos seus dois lados.



Rio imponente, majestoso, que guia as horas e as falas das pessoas deste lugar.



Agora é chegada à hora de partir, foram muitas histórias, vivências e surpresas colhidas durante esta densa estadia na ilha.



5.3.2 A fala pelas imagens

O texto visual, através da leitura fotográfica nos traz a possibilidade de expor de forma diferenciada o cenário da Ilha das Pimentas, em grande parte visualizado apenas sob a ótica cronológica e textual dos fatos. O que proponho é um conhecimento diferenciado, visando uma maior interação entre o texto lido, observado e imaginado. Para Brandão (1999) o

processo de se pensar os instrumentos do trabalho pode ser criado e vivido de modo mais simples e direto possível, sendo visto como um instrumento coletivo, onde os agentes produzem e dirigem os usos de seu saber.

Acrescento junto as fotografias, as falas colhidas durante as entrevistas realizadas com os moradores da Ilha das Pimentas. Estes relatos foram incluídos com o objetivo de resgatar a memória e de compreender as experiências, as expectativas, os conhecimentos e as vivências diárias, através dos sujeitos que habitam o universo desta pesquisa.

A regra geral aponta apenas para uma simples apresentação dos fatos e/ou das fotos, porém, atentamos em utilizar o processo de descrição visual aliado a narração dos sujeitos pesquisados, sendo possível agrupar a fala e as imagens, em um processo sincrônico de interpretação, cruzando olhares e buscando novas visões. Este processo é descrito com precisão por Achutti e Hassen (2004).

É importante ressaltar que a possibilidade de utilização de imagem não implica o seu uso excludente em relação ao texto. Pelo contrário: texto e imagem podem-se articular de forma complementar com seus aportes específicos. A natureza de texto e de imagem naturalmente é diferente. Importa que nos demos conta de que, no limite do texto, a fotografia pode avançar “iluminando” certas passagens e, no limite da fotografia, o texto cumpre um papel analítico insubstituível. (ACHUTTI e HASSEN, 2004, p. 277).

A interpretação visando intercalar as falas e as fotos tem como principal objetivo proporcionar uma leitura diferenciada a partir da imagem e pela imagem. Nesta perspectiva, proponho que se ultrapassem as barreiras concretas estabelecida pelos textos, convergindo em narrativas e imagens o que ouvi e vi.

Incorpo à minha narrativa etnográfica em que articulo fotografia e texto um dupla perspectiva, a primeira a própria interpretação que salta aos olhos pelas imagens e a segunda pela análise social dos silêncios, ou seja, do que está oculto ao olhar de quem não “esteve lá”. (ARAÚJO, 2009, p. 33).

Através da fotografia e das narrativas busco uma reflexão das situações vivenciadas em campo, sejam elas evidentes ou ocultas, que contribuíram para visualizar as faces e dimensões da pesquisa. Sendo que, “a articulação da oralidade e da memória filtradas pela fotografia constitui-se em meu esforço de dar visibilidade às estratégias de resistência protagonizadas pelas gentes do lugar” (ARAÚJO, 1999, p. 28).

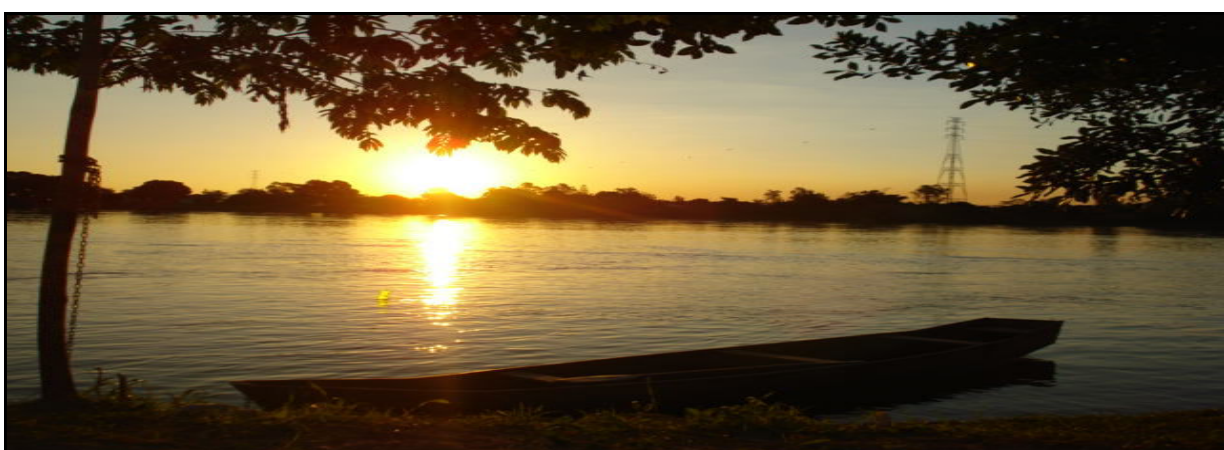
Passemos então aos relatos e imagens das pessoas do lugar, buscando um outro olhar por meio da fotografia que, segundo Susan Sontag (2004), pode ser mais memorável do que a própria imagem em movimento sendo, portanto, uma nítida fatia do tempo vivido.



“É muito bom isso aqui, tem que agradecer a Deus porque a gente tem um pedacinho de terra. Esse pedacinho aqui dá pra plantar tanta coisa. De tudo tem plantado aqui”.



“Aqui na ilha é fartura. Aqui você acha de tudo. Você come um mamão, você come um peixe”.



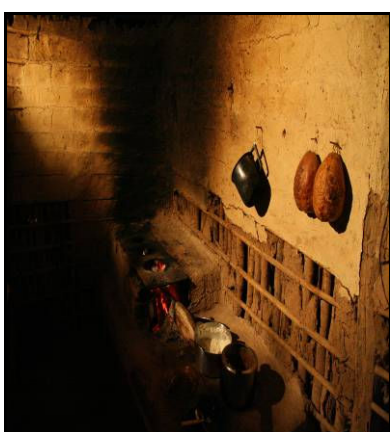
“A ilha é melhor porque você fica no meio da água, aqui só vem quem tem embarcação”.



“Eu nasci e criei na beira desse rio. Sei remar, ponho canoa, faço tudo”.



*“Nosso sonho era ter uma casa na beira do rio”.
“Enquanto eu tiver vida e tiver esse pedacinho de terra aqui, é aqui que eu vou ficar”.*



“É um rio Santo, um paraíso, um lugar santo, não troco este lugar por nada”.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procurei ao longo da pesquisa articular categorias e entender os processos sociais ocorridos na Ilha das Pimentas, partindo do pressuposto de uma pesquisa interativa, capaz de dar voz e visibilidade aos sujeitos estudados. Busquei também descrever as pessoas e o lugar da pesquisa. Sendo assim, construí o primeiro capítulo expondo, de início, as opções teóricas e metodológicas do trabalho. Posteriormente, percorri um caminho através do “imaginário”, evidenciando as etapas de ida, estadia e retorno ao local pesquisado. Finalizei este capítulo trazendo uma abordagem teórica da pesquisa etnográfica, apontando este instrumento como aporte teórico para os trabalhos de campo. Com a estruturação deste capítulo pretendi deixar evidente todos os caminhos e opções teóricas adotadas, além de apresentar ao leitor uma descrição dos espaços e das gentes da pesquisa.

Já no segundo capítulo trabalhei com duas das principais categorias da pesquisa, Cultura e comunidade tradicional foram evidenciadas, por se tratar de um estudo minucioso sobre o comportamento dos moradores da Ilha das Pimentas. As análises centram-se na maneira como os moradores da Ilha das Pimentas percebem, sentem e vivem no e do rio São Francisco e buscam através do pertencimento com lugar em que moram, uma interação respeitosa e, tanto quanto possível, em harmonia com o ambiente.

No terceiro capítulo realizo uma pequena nesografia, ou seja, um estudo das ilhas, perpassando a classificação global e a nacional até chegar às ilhas sanfranciscanas. Após a descrição dos tipos e localização das ilhas, procuro entender o território dos ambientes fluviais sob a jurisdição do Estado, identificando suas formas de espacialização e fiscalização. Por último, trato das formas de territorialização das ilhas, buscando abordar o conceito enquanto símbolo de vida, procurando entender como a combinação entre terras e águas se fazem presente na vida das pessoas que moram e trabalham nestes ambientes.

No quarto capítulo trabalho especificamente com a análise dos modos de vida dos moradores da Ilha das Pimentas, visualizando as regras de convivência, as práticas sociais, as formas de plantar e colher, as moradias, os ciclos da natureza e as manifestações culturais. Valorizo essencialmente os dados obtidos nas pesquisas de campo, em especial as observações dos espaços e entrevistas feitas com os moradores.

Após descrever a estrutura do trabalho, faço agora uma pequena pausa para refletir sobre o local da pesquisa, partindo dos trabalhos de campo realizados na Ilha das Pimentas.

Apresento aqui inicialmente as experiências adquiridas ao longo do fazer pesquisar. Ficaram em mim, lembranças de dias belos, pessoas solidárias e alegres e uma paisagem viva e revista a todo instante. Reconheço a obrigação de falar “deles” e para “eles”. Tudo o que foi compartilhado durante o tempo da pesquisa, de alguma forma e em algum momento, pretendi que fosse evidenciado neste trabalho e mais ainda, guardados por toda uma trajetória de vida.

Além das experiências ficam as reflexões. Continuo considerando a pesquisa um diálogo entre os saberes. Nesta perspectiva encontro argumentos que evidenciam os aportes teóricos defendidos nesta pesquisa. Trabalho com a etnografia, cultura e comunidade tradicional fundamentadas nas discussões sociológicas e antropológicas. No que tange a categoria território, valorizo as abordagens advindas da Geografia em interface com os estudos culturais e regionais. Estes aportes teóricos serviram para evidenciar conceitos que se aplicam de forma evidente a Ilhas das Pimentas.

Primeiramente, estudar um local e um determinado povo requer uma metodologia que leve em consideração um olhar minucioso de campo. Esta é a razão da escolha de uma “Geoetnografia”. Em segundo lugar, o falar sobre um povo requer compreender a forma como eles se manifestam. Assim, senti a necessidade de buscar uma abordagem da categoria *cultura*. Além disso, falar de cultura sem entender as manifestações e as formas de organização social, de nada adiantaria, motivo pelo qual parti rumo ao entendimento do viver em comunidade e suas formas de tradicionalidade.

Por pesquisar sobre ilhas, senti a necessidade de fazer um levantamento de seus principais tipos e formas. Porém, lembro que o meu enfoque principal são os moradores de uma ilha fluvial. Assim, tratei de analisar como a legislação considera estes territórios, bem como, procurei entender quais as garantias de proteção e/ou apropriação que possuem as pessoas que moram nestes ambientes. A categoria território aparece neste caso, como o ponto principal para entender esta dualidade entre o direito costumeiro e as leis estatais. Reconheço que apesar do Estado ser legalmente o detentor das terras das ilhas, no caso do local pesquisado, ele não interfere diretamente impedindo a estadia dos moradores no lugar. Para entendermos a categoria território passei a analisá-la através dos ciclos da natureza, fazendo-se e refazendo-se a cada ano de cheia do rio São Francisco. Entender tal dinâmica é uma característica primordial para saber viver em uma ilha. A partir daí, passei a evidenciar os desdobramentos da pesquisa, tratando especificamente de analisar as relações e formas de comportamento dos moradores da Ilha das Pimentas.

Durante a pesquisa consegui identificar que morar em uma ilha não é tarefa fácil. Através dos relatos dos moradores ficam evidentes as incertezas de viver em um território

rodeado pelas águas. Porém, registrei também a satisfação dos moradores em morar perto do rio São Francisco e retirar da natureza apenas os itens necessários para a sua sobrevivência. A relação homem-natureza se faz pelos vínculos de pertencimento, respeito e harmonia com a terra e com o rio. Os moradores da Ilha das Pimentas constroem suas casas, plantam, colhem e pescam, mas sabem que vivem no “lugar do rio”. Respeitam as regras da natureza e sabem quando é tempo de sair de suas casas e deixar o rio “lavar” as terras da ilha. Entendem a dinâmica das cheias e secas e plantam conforme os ciclos do rio. São pessoas que carregam um saber profundo, aprendido através de anos de convívio nas/entre as margens do rio São Francisco. A relação de proximidade dos moradores com a natureza é bastante significativa.

Observei ainda que a territorialidade da ilha é formada em função de um “espaço de vida” onde o habitar caracteriza a essência principal do viver. Mesmo sendo uma ilha de dupla função, para as famílias que moram integralmente neste território os saberes tradicionais ainda prevalecem. Mesmo em menor quantidade, as famílias que vivem e plantam nos espaços da ilha são as que caracterizam essencialmente este território como sendo de apropriação e uso. São eles que dão sentido a um modo de vida tipicamente “ilheiro”, capaz de traduzir em símbolos e significados uma gama plural de saberes característicos de quem vive, ensina e aprende com as águas do rio São Francisco.

A vida em comunidade é entendida por meio das relações de compadrio, vizinhança e solidariedade. A religiosidade também é outro fator importante para unir todos os moradores. Durante a festa de Nossa Senhora Aparecida todos se reúnem para celebrar e agradecer. Este é um momento de encontros, conversas e rezas que acontece todos os anos na ilha. Além da festa, outros encontros acontecem como a reunião da associação de moradores, uma vez a cada mês. Estas manifestações reafirmam os laços de união entre parentes, amigos e pessoas vindas “de fora” da ilha.

Mesmo procurando priorizar os moradores fixos da ilha, constatei que a maioria das casas existentes atualmente são de pessoas “de fora”, que utilizam as terras apenas para o descanso e o lazer. Neste caso são raras as famílias que usam as terras para o plantio. A minha indagação neste momento refere-se ao futuro da Ilha das Pimentas. A grande preocupação é que ao longo dos anos a ilha passe a ser cada vez mais ocupada exclusivamente por “turistas”. Como já vem acontecendo, este tipo de exploração acaba afastando os “ilheiros” de seus territórios de moradia e trabalho fazendo com que a vida em comunidade e os saberes tradicionais específicos desta gente acostumada a lidar com as águas do rio São Francisco se perca com o passar dos anos.

Surge uma possibilidade, pois recentemente o IPNAN vem fazendo um amplo levantamento na intenção de reconhecer o rio São Francisco como paisagem cultural. Com isto, esta pesquisa aponta como um dos possíveis caminhos a incorporação das ilhas fluviais sanfranciscanas, bem como de seus respectivos moradores, como parte integrante desta paisagem. Esta seria uma forma de garantir a integridade das famílias que moram e trabalham nestes territórios, visando um maior respaldo das instituições governamentais.

Antes de finalizar, não posso deixar de relatar as experiências únicas adquiridas durante as conversas com os moradores da ilha. Apesar da simplicidade no viver a vida, muitos traduziram em palavras seus conhecimentos adquiridos ao longo de toda uma vida morando sempre perto das águas do rio São Francisco. Este é o caso do senhor Coló, com quem tive a felicidade de conversar antes de seu falecimento. Homem de coragem no qual dediquei grande parte do último capítulo desta dissertação. Com estas conversas pude entender com mais clareza o significado do viver entre as águas e trazer para este trabalho relatos e imagens que jamais poderão ser colhidos novamente.

Além das conversas, observações e considerações feitas a partir das visitas de campo, perpassadas pelas análises teóricas, ficam algumas indagações a respeito das perspectivas futuras do rio São Francisco e dos moradores da Ilha das Pimentas, na intenção de abrir novos caminhos para outros estudos. Faço os seguintes questionamentos: o que é limitado diante da imensidão do rio São Francisco? qual é a situação do rio São Francisco e de suas ilhas frente à apropriação política, econômica e cultural? Qual é a lógica de reprodução da vida nos territórios das ilhas? Permanecerá o respeito mútuo entre moradores fixos e casas de segunda residência no caso da Ilha das Pimentas? Seria uma tendência a incorporação de pessoas vindas “de fora” visando o lazer e o turismo? Como ficariam os atuais moradores que mesmo em menor quantidade vivem e plantam nestes territórios? Como os órgãos governamentais continuarão lidando com esta dualidade?

Estes questionamentos apontam que esta pesquisa não pretende esgotar as discussões sobre o rio São Francisco e mais especificamente sobre os moradores das ilhas fluviais. O que pretendo é trazer novas abordagens que sirvam de caminho para pesquisas futuras. Até aqui pesquisei e escrevi sobre pessoas e lugares únicos, presentes nas águas do rio São Francisco, que por onde passam carregam esperanças e certezas de vidas trilhadas em função do caminho de suas águas. Assim como o rio, a pesquisa segue seu curso com muitos outros caminhos ainda a serem descobertos.



REFERÊNCIAS

ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson; HANSSEN, Maria de Nazareth Agra. Caderno de Campo Digital - Antropologia e Novas Mídias. In: **Horizontes antropológicos**, vol. 10, n. 21, Porto Alegre, Jan./Jun. 2004.

ALMEIDA, Maria Geralda de; RATTTS, Alecsandro J. P. **Geografia: leituras culturais**. Goiânia: Alternativa, 2003.

ARAÚJO, Elisa Cotta de. **Nas margens do São Francisco: sociodinâmicas ambientais, expropriação territorial e afirmação ética do Quilombo da Lapinha e dos Vazanteiros do Pau de Léguas**. Montes Claros, PPGDS, 2009, 252f. Dissertação de (mestrado em Desenvolvimento Social). Departamento de Ciências Sociais, Unimontes, 2009.

BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. In: **Os pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1978, p. 181-354.

BISPO, Mariléia Oliveira. Territorialidades e conflitos: representações dos moradores da Ilha do Bananal e do entorno, Tocantins. In: ALMEIDA, Maria Geralda de. (org.) **Territorialidades na América Latina**. Goiânia: UFG, 2009.

BOAS, Franz. **A antropologia cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BONEMAISON, Joel. Viagem em torno do território. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (Org.). **Geografia cultural: um século**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2002. v. 3.

BORGES, Maristela Corrêa. **Os errantes do sagrado: uma geoantropologia dos tempos e espaços de criadores populares de cultura em São Romão, norte de Minas Gerais**. 2010, 242f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Instituto de Geografia, UFU, Uberlândia-MG, 2010.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Plantar, colher, comer: um estudo sobre o campesinato goiano**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1981.

___ **Diário de campo - A Antropologia como Alegoria**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

___ **Pesquisa Participante**. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.

___ **A partilha da vida**. Taubaté: Editora Cabral, 1995.

___ **Memória-Sertão**. São Paulo: Cone-Sul/UNIUBE, 1998.

___ **O afeto da terra: imaginário, sensibilidades e motivações de relacionamentos com a natureza e o meio ambiente entre agricultores e criadores sitiantes do bairro dos Pretos, nas encostas paulistas da Serra da Mantiqueira, em Joanópolis**. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

___ **O trabalho do saber**. Porto Alegre: Sulina, 1999a.

___ **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1999b.

___ **São Francisco Meu Destino**. Campinas: Mercado das Letras, 2003.

___ **A pergunta a várias mãos:** a experiência da pesquisa na educação. São Paulo: Cortez, 2003a (Série aprender com o outro - v. 1).

___ Sobre a tradicionalidade que há em nós. In: OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de; MARQUES, Marta Inez Medeiros (Org.). **O campo no século XXI:** território de vida, de luta e de construção de justiça social. Paz e Terra: São Paulo, 2004.

___ Tempo e Espaço na Comunidade Rural: A Visita de um Antropólogo a Geografia. In: Encontro de Grupos de Pesquisa – Agricultura e Desenvolvimento Regional e Transformações Socioespaciais, 2, 2006, Uberlândia. **Anais...** Uberlândia: Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, 2006.

BRASIL AVENTURA. Disponível em: <<http://www.webventure.com.br>>. Acesso em: 20 Jun. 2010.

BRASIL, República Federativa do. **Novo Código Florestal.** Lei 4.771, Brasília, 1965.

___ **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, 1988.

___ **Lei n. 9.985,** regulamenta o Art. 225 da Constituição Federal e institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC). Brasília, 2000.

___ **Lei 6.024,** que institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Brasília, 2007.

BRASIL, Agência Nacional de Energia Elétrica. **Atlas de energia elétrica do Brasil.** Brasília: ANEEL, 2002.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade.** 11 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

BURTON, Richard Francis. **Viagem de Sabará ao Oceano Atlântico.** Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1977.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas híbridas:** estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: EDUSP, 2003.

CÂNDIDO, Antônio. **Os Parceiros do rio Bonito:** estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos meios de vida. 10 ed. São Paulo: Editora 34, 2003. (coleção Espírito Crítico).

CASTELLS, Manuel. Paraísos comunais: Identidade e significado na sociedade em rede. In: ___ **O poder da identidade.** 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999. vol. II

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais.** São Paulo: Cortez, 1991.

CLAVAL, Paul. As abordagens da geografia cultural. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.) **Explorações geográficas.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

___ O território na transição da pós-modernidade. **GEOgraphia**, Rio de Janeiro, n. 1 Ano. 2, p. 7-26, 1999.

_____. **A geografia Cultural**. Trad. Luiz Fugazzola e Margareth de Castro Afheche Pimenta. 2 ed. Florianópolis: UFSC, 2001.

_____. A contribuição francesa ao desenvolvimento da abordagem cultural na geografia. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. **Introdução à geografia cultural**. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

COOLEY, Charles H. “Grupos primários”. In: PIERSON, Donald. **Estudos da organização social**. TOMO II. Leituras de Sociologia e Antropologia Social. São Paulo: Martins, 1970.

COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: Cultura simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (Org.). **Paisagem, Tempo e Cultura**. 2 ed. EDUERJ: Rio de Janeiro, 2004.

COSGROVE, Denis; JACKSON, Peter. Novos rumos da geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Introdução à geografia cultural**. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

COSTA, João Batista de Almeida. Cultura Sertaneja: a conjugação de lógicas diferenciadas. In: SANTOS, Gilmar Ribeiro dos (Org.). **Trabalho, Cultura e Sociedades no Norte/Nordeste de Minas**: Considerações a partir das Ciências Sociais. Montes Claros: Best Comunicações e Marketing, 1997.

DE PAULA, Andréa Maria Narciso Rocha. **Travessias** - movimentos migratórios em comunidades rurais no sertão do norte de Minas Gerais. 2009. 350 f. Tese (doutorado em Geografia) - Instituto de Geografia, UFU, Uberlândia, 2009.

DE PAULA, Andréa Maria Narciso Rocha; CUNHA, Maria das Graças; BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Cenários de vidas e vivências no entorno do rio Formoso, Sertão mineiro; construções e transformações de lugares, de espaços e de modos de vida. In: **Revista Argumentos**, v. 2, n.1, 2007.

DIEGUES, Antonio Carlos Sant’Ana. **O mito moderno da natureza intocada**. 6 ed. ampliada. São Paulo: Hucitec/ NUPAUB/USP, 2008.

DIRETRIZES ÉTICAS INTERNACIONAIS PARA A PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS. Disponível em: <www.ufrgs/bioetica/benefic.htm>. Acesso em: 20 Jun. 2010.

FARIS, Ellsworth. “Grupos primários”: essência e acidente. In: PIERSON, Donald. **Estudos da organização social**. TOMO II. Leituras de Sociologia e Antropologia Social. São Paulo: Martins, 1970.

FOSTER, George M. **Tzintzuntzan**. Los campesinos mexicanos en un mundo en cambio. México: Fondo da cultura econômica, 1976.

FREITAS, Sônia Maria de. **História oral**: possibilidades e procedimentos. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

FREYER, Hans. Comunidade e sociedade como estruturas histórico-sociais. In: FERNANDES, Florestan. **Comunidade e Sociedade**: Leituras sobre Problemas Conceituais, Metodológicos e de Aplicação. São Paulo: Nacional e Edusp, 1973.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC Editora S. A, 1989.

_____. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Trad. Vera Melo Joscelyne. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

_____. **Nova luz sobre a antropologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

GUIA GEOGRÁFICO. **Américas**. Disponível em: <<http://www.guia-geo.com>> Acesso em: 20 Mai. 2010.

HAESBAERT, Rogério. **Territórios Alternativos**. Niterói: Eduff; São Paulo: Contexto, 2002.

_____. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

_____. Da Desterritorialização à Multiterritorialidade. In: Encontro de Geógrafos da América Latina. 10, 2005, São Paulo. **Anais...** São Paulo, USP, 2005.

_____. Concepções de território para entender a desterritorialização. In: SANTOS, Milton. et al. **Território e territórios**: ensaios sobre o ordenamento territorial. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. p. 43-70.

_____. Identidades territoriais. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). **Manifestações da cultura no Espaço**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2006a

_____. Dilema de conceitos: espaços-território e contenção territorial. In: SAQUET, Marcos Aurélio; SPOSITO, Eliseu Savério. (Org.). **Território e Territorialidades**: teorias, processos e conflitos. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 3 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICO. Sinopse Preliminar do Censo Demográfico 2000. Rio de Janeiro, v. 7, 2001.

_____. Censo demográfico de 2000. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/default_censo_2000.shtm>. Acesso em: 15 Out. 2009.

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br>>. Acesso em: 12 Abr. 2010.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia Estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973.

LOPES, Policarpo. Etnicização do espaço e produção de identidade. In: Balsa, Casimiro (org.). **Relações Sociais de Espaço** - Homenagem a Jean Remy. Lisboa: Edições Colibri/CEOS, 2006. p. 137-152.

LUZ DE OLIVEIRA, Claudia. **Vazanteiros do Rio São Francisco**: um estudo sobre populações tradicionais e territorialidade no Norte de Minas Gerais. 2005, 134f. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Departamento de Sociologia e Antropologia, UFMG, Belo Horizonte, 2005.

MACLVER, Robert Morrison; PAGE, Charles Harrison. Comunidade e sociedade como níveis de organização da vida social. In: FERNANDES, Florestan. **Comunidade e Sociedade**: Leituras sobre Problemas Conceituais, Metodológicos e de Aplicação. São Paulo: Nacional e Edusp, 1973.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**: Um Relato do Empreendimento e da Aventura dos Nativos nos Arquipélagos da Nova Guiné Milanesia. Traduções de Anton P. Carr e Lígia Aparecida Cardieri Mendonça, revista por Eunice Ribeiro Durham. 2 ed. São Paulo: Abril cultural, 1978. (Coleção os pensadores).

MARTINS, José de Souza Martins. **Capitalismo e tradicionalismo** (estudos sobre as contradições da sociedade agrária no Brasil). São Paulo: Pioneira, 1975.

MARTINS, José de Souza; FORACCHI, Marialice Mencarini. **Sociologia e Sociedade**. (Leituras de introdução à Sociologia). 21 ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S. A., 1999.

MASCARENHAS, Maria José. Território, identidades e o jogo das dualidades. In: Balsa, Casimiro (Org.). **Relações Sociais de Espaço** - Homenagem a Jean Remy. Lisboa: Edições Colibri/CEOS, 2006. p. 153-169.

MAUAD, Ana Maria. Fotografia e História - possibilidades de análise. In: CIAVATA, Maria; ALVES, Nilda (Org.). **A Leitura de imagens na pesquisa social**: história, comunicação e educação. São Paulo: Cortez, 2004.

MAYER, Doris Rinaldi. **A terra do santo e o mundo dos engenhos**: estudo de uma comunidade rural nordestina. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. (Série Estudos sobre o Nordeste; v. 9).

MESQUITA, Zilá; BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). **Territórios do cotidiano**: uma introdução a novos olhares e experiências. Porto Alegre/Santa Cruz do Sul: Universidade/UFRGS/ Universidade de Santa Cruz do Sul/UNISC, 1995.

MESQUITA, Zilá. Do território à consciência territorial. In: MESQUITA, Zilá; BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). **Territórios do cotidiano**: uma introdução a novos olhares e

experiências. Porto Alegre/Santa Cruz do Sul: Universidade/UFRGS/Universidade de Santa Cruz do Sul/UNISC, 1995. p. 76-92.

MINAS GERAIS, Governo do Estado de. **Lei Florestal do Estado de Minas Gerais**. Lei Nº 14.309. Belo Horizonte, 2002.

_____. **Política Florestal e de Proteção à Biodiversidade**. Decreto estadual Nº 43.710. Belo Horizonte, 2004.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza – SNUC**: lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000; decreto nº 4.340, de 22 de agosto de 2002. 3 ed. Brasília: MMA/SBF, 2003.

MINISTÉRIO DA INTEGRAÇÃO NACIONAL. Disponível em: <http://www.integracao.gov.br/saofrancisco/integracao>. Acesso em: 05 Out. 2010.

MOURA, Maria Margarida. **Camponeses**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1998.

MUSSOLINI, Gioconda; CARONE, Edgard. **Ensaio de antropologia indígena e caiçara**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

NEVES, Zanoni. **Navegantes da integração**: os remeiros do Rio São Francisco. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

_____. **Médio São Francisco**: a paisagem rural ribeirinha na primeira metade do século XX. IN: RODRIGUES, Luciene. MAIA, Cláudia. **Cerrado em perspectiva(s)**. Montes Claros: Unimontes, 2003.

_____. **Os remeiros do Rio São Francisco**. São Paulo: Saraiva, 2004.

_____. **Na Carreira do Rio São Francisco**: trabalho e sociabilidade dos vapozeiros. Belo Horizonte: Itatiaia, 2006.

OLIVEIRA, Joycelaine Aparecida de. **Ciclos de águas e vidas**: o caminho do rio nas vozes dos antigos vaporzeiros e remeiros do São Francisco. 2009, 144 f. Dissertação (mestrado em Geografia), Instituto de Geografia, UFU, Uberlândia, 2009.

PARK, Robert Ezra; BURGESS, Ernest Watson. Comunidade e sociedade como conceitos analíticos. In: FERNANDES, Florestan. **Comunidade e Sociedade**: Leituras sobre Problemas Conceituais, Metodológicos e de Aplicação. São Paulo: Nacional e Edusp, 1973.

PIERSON, Donald. **Cruz das Almas**. São Paulo: José Olympio / Edusp, 1966.

PONTY, Maurice Merleau. **Conversas**. (Org.) Stéphanie Ménasé. Trad. Fábio Landa, Eva Landa; revisão da tradução: Marina Appenzeller. São Paulo: Martin Fontes, 2004.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Sociologia e Folclore**: a dança de São Gonçalo num povoado baiano. Salvador: Fundação para o desenvolvimento da Ciência na Bahia, 1958.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Editora Ática S.A, 1993.

RAMIRES, Julio Cesar de Lima; PESSÔA, Vera Lúcia Salazar (Org.). **Geografia e pesquisa qualitativa**: nas trilhas da investigação. Uberlândia: Assis, 2009.

RAMOS, Jarbas Siqueira. Os Catopês de Bocaiúva: um debate sobre comunidade. In: Encontro Regional dos Povos do Cerrado, 5, 2009, Pirapora. **Anais...** Pirapora: Unimontes, 2009.

REDFIELD, Robert. A “sociedade de Folk” e a cultura. In: PIERSON, Donald. **Estudos da organização social**. TOMO II. Leituras de Sociologia e Antropologia Social. São Paulo: Martins, 1970.

ROCHA, Ana Augusta; LINSKER, Roberto. **Brasil Aventura**. Ilhas. São Paulo: Terra Virgem Editora, 1996. v. III

ROSA, João Guimarães. Cara-de-Bronze. In: **No Urubuquaquá, no Pinhem (Corpo de baile)**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1965.

____ **Primeiras estórias**. 6 ed. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1972.

____ “Entrevista concedida a Günther Lorenz”. In: Günther W. Lorenz. **Diálogo com a América Latina**: panorama de uma literatura do futuro. Trad. de Fredy de Souza Rodrigues e Rosemary C. Abilio. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária Ltda., 1973, p. 315-355.

____ **Grande Sertão**: Veredas. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1976.

ROSENDAHL, Zeny. **Espaço e Religião**: uma abordagem geográfica. Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC, 1996.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais**. Belo Horizonte: Ed Itatiaia; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1975.

____ **Viagem às nascentes do rio São Francisco**. 2 ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2004.

SANTOS, Gilmar Ribeiro dos (Org). **Trabalho, cultura e sociedade no Norte/Nordeste de Minas**: Considerações a partir das Ciências Sociais. Montes Claros: Best Comunicação e Marketing, 1997.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1997.

____ O dinheiro e o território. In: SANTOS, Milton. et al. **Território e territórios**: ensaios sobre o ordenamento territorial. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. p. 13-21.

____ **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SANTOS, Milton e SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil**: território e sociedade no início do século XXI. 5 ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SANTOS, Rodrigo Herles. **Aqui estou, aqui faço o meu lugar**: um estudo sobre percepções e manejo do ambiente entre camponeses, na comunidade de Barra do Pacuí município de Ibiaí– MG. 2008, 148 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Instituto de Geografia, UFU, Uberlândia, 2008.

SANTOS, Rodrigo Herles dos. et al. Saberes diversos, sujeitos plurais em pesquisa de campo. In: Simpósio nacional de reforma agrária: balanço crítico e perspectivas. 2006, Uberlândia. **Anais...** Uberlândia: UFU, 2006.

SANTOS, Rosselvelt José dos. Pesquisa empírica e trabalho de campo: algumas questões acerca do conhecimento geográfico. **Revista Sociedade e Natureza**, Uberlândia: n.11, p. 111-125. jan./dez., 1999.

SARMENTO, Francisco Jácome. **Transposição do Rio São Francisco**: realidade e obra a construir. Brasília: Do autor, 2005.

SILVA, Simone Aparecida Leite. **Pra se lembrar tem que bulir em muita coisa**: história e Identidade em Barra do Pacuí uma Comunidade Rural Negra de Ibiaí Norte de Minas. 2009. Monografia (Graduação em Ciências Sociais). Departamento de ciências sociais, Unimontes, Montes Claros, 2009.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. Trad. Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SOUSA, Haidê Aparecida de Carvalho. **Lugar, Trabalho, vivência e identidade na comunidade de Barra do Pacuí, município de Ibiaí Minas Gerais**. 2009. Monografia (Graduação em Geografia). Departamento de Geografia, Unimontes, Montes Claros, 2009.

SOUZA, Marcelo José Lopes. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). **Geografia Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

STAVENHAGEN, Rodolfo. **Classes rurais na sociedade agrícola**. São Paulo: Edições Loyola, 1979.

TONNIES, Ferdinand. Comunidade e sociedade como entidade típico-ideais. In: FERNANDES, Florestan. **Comunidade e Sociedade**: Leituras sobre Problemas Conceituais, Metodológicos e de Aplicação. São Paulo: Nacional e Edusp, 1973.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.

_____. **Espaço e Lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.

VAZ, Domingos. O urbano e o território: notas sobre algumas questões emergentes. In: BALSÁ, Casimiro (org.). **Relações Sociais de Espaço** - Homenagem a Jean Remy. Lisboa: Edições Colibri/CEOS, 2006. p. 219-230.

WEBER, Max. Comunidade e sociedade como estruturas de socialização. In: FERNANDES, Florestan. **Comunidade e Sociedade**: Leituras sobre Problemas Conceituais, Metodológicos e de Aplicação. São Paulo: Nacional e Edusp, 1973.

WIRTH, Louis. Delineamento e problemas da comunidade. In: FERNANDES, Florestan. **Comunidade e Sociedade**: Leituras sobre Problemas Conceituais, Metodológicos e de Aplicação. São Paulo: Nacional e Edusp, 1973.

WOORTMANN, Ellen. Fensterseifer. O sítio camponês. In: **Anuário Antropológico**. Rio de Janeiro: Editora Tempo Brasileiro, n. 81, 1983.

_____. Da complementaridade a dependência: a mulher e o ambiente em comunidades “pesqueiras” do Nordeste. In: **Série antropológica**: Brasília: UNB, 1991.

_____. **Herdeiros, parentes e compadres**: colonos do Sul e sitiantes do Nordeste. São Paulo: HUCITEC, 1995. (Estudos Rurais).

_____. O saber tradicional camponês e inovações. In: OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de; MARQUES, Marta Inez Medeiros (Org.). **O campo no século XXI**: território de vida, de luta e de construção de justiça social. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

WOORTMANN, Ellen Fensterseifer; WOORTMANN, Klaas. **O trabalho da terra**: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.

WOORTMANN, Klaas. “Com parente não se neguceia”. O campesinato como ordem social. In: **Anuário Antropológico**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, n. 87, 1990.



APÊNDICE

Apêndice A - CD contendo dados de campo: roteiro de observação, diário de campo, quadro das atividades diárias, entrevistas e fotos.

ANEXOS

Anexo A - Modelo de autorização assinada pelos moradores da Ilha das Pimentas.

AUTORIZAÇÃO

Por meio desta, autorizo Angela Fagna Gomes de Souza a utilizar e publicar os dados fornecidos por mim através de entrevistas e observações, além do meu nome e da minha imagem em trabalhos exclusivamente acadêmicos e na dissertação de mestrado “O tempo das águas: ciclos de vida entre as margens do rio São Francisco, a Ilha das Pimentas - Pirapora/MG”.

Ilhas das Pimentas, ____ de _____ de 2010.

(assinatura do entrevistado)

Anexo B - Modelo Digital de Elevação da Ilha das Pimentas.

